

PATRÍSTICA

IRINEU DE LYON

Demonstração
da pregação apostólica



PAULUS

IRINEU DE LYON

DEMONSTRAÇÃO DA PREGAÇÃO APOSTÓLICA



ÍNDICE

Capa

Rosto

Patrística

Apresentação

Introdução

I. Irineu de Lyon: Teologia, tradição e profetismo

1 – Vida

2 – Obras

3 – Teologia

4 – Tradição e eclesiologia

5 – O Profetismo

II. A Demonstração da pregação apostólica

1. O texto

2. Autoria e datação

3. O gênero literário e a estrutura

4. O conteúdo

Demonstração da Pregação Apostólica

O Caminho da vida

Fé e obras

A regra da fé e as consequências para o crente

I – A Catequese dos Apóstolos (cc. 4-41)

Deus na origem do mundo

Ação do Verbo e do Espírito Santo no cosmo

Os três artigos da fé

A terra envolvida por sete céus

O papel dos seres do cosmo

A criação do homem

O Paraíso de luz

Eva, a imagem perfeita de Adão

O casal ideal

A primeira Lei

Satanás envolvido na queda do homem

Primeira experiência da ausência de Deus. Caim e Abel

A mudança total dos valores humanos. Os gigantes e a arte da sedução

O dilúvio

As bênçãos e maldições na família de Noé

A Aliança universal

Babel: a resistência ao plano de Deus

Aliança com Abraão

A migração no Egito e a Páscoa

O Decálogo entregue a Moisés

A exploração da Terra Prometida e a peregrinação no deserto

O Deuteronômio

A distribuição da terra

O envio dos profetas

A desobediência e a Encarnação

Adão e Cristo

Eva e Maria
Obediência reparadora do Verbo
O cumprimento da promessa de Abraão
Cristo, nascido da Virgem da descendência de Davi
A destruição da morte e o dom da vida
Nascimento, morte e ressurreição de Cristo
Cristo, Primogênito de toda a criação
De Moisés aos apóstolos
II – A Demonstração Profética (cc. 42-97)
A obra do Espírito Santo
A identidade entre o Verbo e o Filho de Deus
Colóquio do Filho com Abraão
Aparição a Jacó
O Filho de Deus conversa com Moisés
Trindade e criação
O primado e a realeza de Cristo
A preexistência de Cristo
O sinal profético de Acáz
O Emanuel
O conselheiro admirável
A soberania sem limites
A estirpe de Israel
A estrela de Jacó
Justo Juiz
Pacificação universal
A tenda de Davi, símbolo do Corpo de Cristo
A profecia de Belém
O Reino eterno
A entrada em Jerusalém
Os milagres de Jesus
A Paixão de Cristo
O indescritível início
A vida à sombra de seu corpo
A morte do justo
Morte e ressurreição
Anúncio da Paixão
A captura de Jesus
O testemunho dos apóstolos
O primado do amor
Salvação no nome de Cristo
O Espírito sobre a face da terra
A vida nova no Espírito
O lugar dos pagãos na Igreja
A Igreja e a sinagoga
A incorporação dos gentios
A superação da Lei
A invocação do nome de Jesus
Conclusão
Os desvios dos hereges
Sobre a coleção
Coleção
Ficha catalográfica

Notas de rodapé

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou

simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante,

vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo, Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Ari Luis do Vale Ribeiro

O *Catecismo de Santo Irineu* (século II), ou melhor, a *Demonstração da pregação apostólica*,^[1] o “primogênito” dos nossos catecismos,^[2] é uma valiosa obra do primeiro teólogo sistemático da Igreja, que estava desaparecida e foi tornada conhecida ao mundo moderno há pouco mais de um século.

Sorte diferente teve a outra obra de S. Irineu, *A falsa gnose desmascarada e refutada* (*Adversus Haereses*),^[3] que, além de célebre, pois ainda no século III possuiu uma versão em latim, não se perdeu como a *Demonstração*. Desta se tinha conhecimento através do historiador Eusébio de Cesareia,^[4] e conservou-se uma única tradução em armênio, datada dos anos 575-580, descoberta em 1904.

Na *Demonstração* tem-se um resumo da teologia de Santo Irineu, pois nela nada se diz além do que é dito na obra *Adversus Haereses*, que a precede. Nela Irineu pretendeu, literalmente, demonstrar a verdade do Evangelho por meio de profecias do Antigo Testamento que foram cumpridas por Jesus Cristo, o Verbo encarnado.

Tal qual a *Adversus Haereses*, o pano de fundo da *Demonstração* é a refutação do gnosticismo, mas sem o fazer explicitamente. De carácter apologético, a *Demonstração* não é um catecismo para iniciantes na fé, mas um “catecismo superior”, que visava edificar os cristãos e dar-lhes a fundamentação racional e escriturística da fé cristã.

O presente volume apresenta uma exposição panorâmica da teologia de Irineu, uma breve introdução à *Demonstração* e a sua versão em português. Ao final, tem-se um índice escriturístico.

Para a presente edição da *Demonstração*, nós nos servimos da edição italiana de E. Peretto^[5] e da edição espanhola de E. Romero-Pose,^[6] cotejadas com a edição francesa de L. M. Froidraux, publicada na célebre coleção *Sources Chrétiennes*.^[7]

As citações bíblicas foram feitas da *Bíblia de Jerusalém*, o quanto possível, pois Irineu nem sempre fez citações literais. Além do mais, a tradução da *Bíblia de Jerusalém* foi feita dos originais e Irineu se serviu da Septuaginta (LXX).

A. M. D. G.

I. Irineu de Lyon: Teologia, tradição e profetismo^[8]

Santo Irineu, bispo de Lyon do século II e mártir da fé cristã, é um dos mais notáveis Padres da Igreja. Privilegiado pelo momento histórico e eclesial em que viveu, a vida de Irineu apresenta valiosos elementos para o presente da Igreja: as perseguições, os inícios do ordenamento eclesial, as primeiras heresias e outros fatos importantes tiveram na pessoa de Irineu o testemunho essencial da fé cristã, recebida dos apóstolos e difundida na história, sob o Espírito de Deus.

Por ter sido discípulo de São Policarpo de Esmirna (+156), que foi discípulo de São João Evangelista e amigo de Santo Inácio de Antioquia (+100),^[9] Irineu é apontado por alguns historiadores e patrólogos como o último dos Padres Apostólicos (grupo de escritores cristãos ligados à primeira geração, que teve contato com os apóstolos); outros afirmam que foi o primeiro dos Padres Apologistas, seguido por Tertuliano (+222) e Orígenes (+254).^[10]

Irineu desempenhou a sua apologia para refutar as doutrinas gnósticas, difundidas entre os cristãos, seus contemporâneos. Ele a escreveu para os líderes cristãos a fim de ajudá-los a proteger os seus fiéis dos gnósticos que pervertiam o Evangelho, senda iniciada no Novo Testamento e percorrida pelos Padres Apostólicos e pelos Padres Apologistas.^[11] A influência de suas obras fez com que Irineu fosse considerado o primeiro grande teólogo do cristianismo e o fundador da teologia cristã.

Ignorado na Idade Média, Irineu foi retomado na Idade Moderna, a partir de Erasmo de Roterdã (+1536), que publicou os principais trechos da obra *Adversus Haereses* em 1526. A obra de Irineu é de suma importância para a teologia cristã, seja porque muitas questões teológicas tiveram nela a sua primeira elaboração, seja porque é testemunha do século II, quando a Igreja católica meditava sobre as suas bases originais, apesar das crises, heresias e perseguições, e se projetava para o futuro. Com toda justiça, é considerado o maior teólogo do século II, pois sintetizou o pensamento cristão desse século e determinou a ortodoxia cristã antes de Orígenes.^[12]

A teologia de Irineu continua atual, seja pela precisão de suas posições, seja pela rejeição que fez do misticismo e do esoterismo gnóstico, hoje, de alguma forma, “ressuscitado”, inclusive nas plagas cristãs. Nele encontramos um equilibrado antropocentrismo a partir da solidariedade do Verbo divino e do desenvolvimento humano proporcionado pela ação do Espírito de Deus.^[13]

Em todas as ocasiões que reclamaram o posicionamento de Santo Irineu, ele sempre se mostrou um homem de diálogo. Solícito na questão montanista, atento às controvérsias com os gnósticos, piedosamente franco diante do papa Vítor na querela pascal, nosso santo bispo soube apresentar perspicazmente a verdade, que é dom de Deus, para o bem de seus filhos. O ecumenismo, o diálogo inter-religioso e a inculturação

da fé, três desafios tão atuais do Cristianismo, têm em Santo Irineu o exemplo da busca da verdade, embasada no diálogo e no respeito à diversidade.

Mas Irineu soube ser esse homem de diálogo cumprindo a sua missão de pastor. Essa é, talvez, a característica mais marcante da personalidade de Santo Irineu. No teólogo mais importante do Cristianismo do século II temos um pastor sensível para com aqueles que lhe foram confiados. E, expressando com a própria vida uma característica comum a todos os Padres da Igreja, toda a sua produção teológica visava à edificação dos seus fiéis.

Santo Irineu deixa para a posteridade da Igreja o exemplo de um pastor sensível, nada proselitista. Convivemos hoje com o fenômeno da difusão das seitas, cada qual apresentando a sua mensagem de vida; algumas delas se dizendo cristãs, outras apresentando elementos cristãos misturados com elementos não cristãos, num sincretismo estéril.

De Santo Irineu recebemos o exemplo de apresentar a todos os povos a originalidade do Cristianismo, a originalidade da Igreja, com sua viva Tradição, e de buscar a unidade na diversidade, expressando sempre a mesma fé. Etimologicamente, seu nome, Irineu (Eivrhni/oj), quer dizer “pacífico”. De fato, Santo Irineu foi um homem de paz.^[14]

1 – Vida

Não se tem conhecimento exato nem do nascimento nem da morte de Santo Irineu. Ele teria nascido entre os anos 130 e 160,^[15] na província romana da Ásia Menor Proconsular, a parte mais ocidental da atual Turquia, provavelmente em Esmirna, onde conheceu São Policarpo,^[16] o qual teve contato com Santo Inácio de Antioquia.

Irineu talvez tenha estudado em Roma, onde aprendera filosofia,^[17] na mesma época em que São Justino lá ensinava,^[18] de quem talvez tenha sido aluno. Não se nega, no entanto, a afinidade entre ambos nas opções teológicas e na interpretação da Escritura.

Irineu migrou com outros asiáticos para as Gálias, atual França, onde foi padre, bispo e escritor. Como padre, intercedeu junto ao papa Eleutério na questão montanista^[19] e, depois, junto ao papa Vítor, na querela pascal.^[20]

Foi eleito segundo bispo de Lyon (*Lugdunum*), sucedendo a São Potino (+177), que morreu mártir. Escreveu com propriedade e sensibilidade sobre os gnósticos e seu sincretismo.

Irineu tinha sensibilidade missionária, procurando evangelizar as regiões vizinhas das Gálias,^[21] tendo enviado missionários, como São Félix, São Fortunato e Santo Aquiles.^[22]

Teria morrido mártir no início do século III, provavelmente em 202, na sexta perseguição aos cristãos no Império Romano, empreendida por Sétimo (Septímio) Severo. Irineu é considerado “santo” pela Igreja católica e pela Igreja ortodoxa. É

celebrado pela primeira em 28 de junho, e pela outra em 23 de agosto.

2 – Obras

Das obras de Irineu, apenas as duas principais chegaram até os dias de hoje. Eusébio de Cesareia cita as seguintes obras de Irineu:

Exposição e refutação do pretenso conhecimento, frequentemente citada pelo seu nome latino de *Adversus Haereses*. Até 1945, com a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi, essa obra de Irineu era a melhor descrição das correntes gnósticas do início da era cristã, mas, sobretudo, a primeira tentativa abrangente de declarar o que é realmente o cristianismo.^[23]

Demonstração da pregação apostólica - Epideixis –, que aqui se traduz. É um breve texto, que se conservou integralmente numa antiga tradução literal em armênio. Nela, Irineu não quer propriamente refutar as heresias, como o fez na *Adversus Haereses*, mas confirmar aos fiéis a exposição da doutrina cristã, sobretudo ao demonstrar a verdade do Evangelho por meio de profecias do Antigo Testamento através da pregação dos apóstolos de Jesus. Trata-se de uma síntese didática da obra *Adversus Haereses*, pois não há nenhum tema na *Epideixis* que foi tratado na sua obra magna. A *Epideixis* reflete o catecumenato conhecido por Irineu, pois segue a fórmula batismal, com provas da Escritura (demonstração) da fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Do restante da sua obra, existem apenas fragmentos dispersos. Muitas só se conhecem por menções a elas feitas por outros escritores: há um tratado contra os gregos, *Sobre o conhecimento*,^[24] que teria sido uma coleção de sermões; uma Carta a Florino, *Sobre a monarquia*, ou *Como Deus não é a causa do mal*, com fragmento na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia;^[25] *Sobre a Ogdóada*, provavelmente contra a obra *Ogdóade* do gnóstico Valentim, escrita para o mesmo sacerdote Florino, que aderira à seita dos valentianos, do qual há um fragmento, a “conclusão”, na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia;^[26] um tratado *Sobre o cisma*, dirigido a Blastus, mencionado na *História eclesiástica* de Eusébio;^[27] uma Carta ao papa Vítor contra o sacerdote romano Florino (fragmento em siríaco);^[28] uma Carta ao papa Vítor sobre a controvérsia pascal, da qual há trechos na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia;^[29] de cartas a vários correspondentes sobre o mesmo tema, mencionadas na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia,^[30] há fragmentos preservados em siríaco; e um livro com numerosos discursos, provavelmente uma coleção de homilias, mencionados na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia; fragmentos foram publicados por C. M. Pfaff, em 1715, falsos, como provou A. Harnack.^[31]

3 – Teologia

Santo Irineu é tido como o fundador da teologia cristã, por ter tratado de grande quantidade de temas cristãos, alguns dos quais receberam dele a primeira elaboração. Irineu é um homem de síntese, o primeiro teólogo dogmático, mesmo sem ser especulativo.

O valor de sua produção também reside no fato de testemunhar a reflexão da fé cristã no final do século II, tendo em conta que Irineu era um amálgama de asiático, romano e ocidental, como que uma síntese viva de todo o Cristianismo de então.

Irineu é um homem da Tradição apostólica, pois era guardião dos “cânones imutáveis da verdade”.^[32] Irineu não era especulativo, e procurava apresentar a doutrina da Igreja, recebida sem descontinuidade dos apóstolos e de seus sucessores, de modo preciso e fiel, refutando os erros, para edificar a mesma Igreja.^[33]

O gnosticismo, com o qual Irineu se defrontou, era um complexo fenômeno anterior ao Cristianismo, que apenas assimilara elementos cristãos, e não a fé, embora algumas seitas gnósticas se apresentassem como cristãs, em dados momentos. Os cristãos, para refutarem o gnosticismo, se agruparam em torno de seus bispos. A Igreja reagiu vigorosamente, e Irineu nos apresenta a mais original reação, tomando conhecimento da doutrina desse movimento e de suas variantes, e questionando a autoridade dos chefes gnósticos, que pretendiam ligar-se aos apóstolos, tal como estavam ligados os bispos católicos.

O gnosticismo foi um movimento religioso-místico, com várias fontes, de origem discutida, já presente no judaísmo heterodoxo no início do século I,^[34] existindo também nos ambientes pagãos,^[35] e teve grande repercussão no século II. Foi no ambiente alexandrino que melhor se desenvolveu; porém, esteve presente também nos ambientes asiáticos, antioquenos^[36] e nas Gálias, onde viveu Irineu a maior parte de sua vida.

Esse movimento buscava a *gnose* (= *gnosis*, em grego), um conhecimento superior dos mistérios divinos, uma sabedoria mística, sobrenatural, reservada a poucos iniciados. O gnóstico não é, portanto, um fiel, mas um iniciado.^[37] O gnosticismo apresenta uma salvação a partir do dualismo persa radicalizado,^[38] donde a alma humana, vinda da esfera divina, decaída pelo pecado, seria libertada através da *gnose*.^[39] Para os gnósticos, o mundo material é mau, sempre existiu, gerado não por Deus, mas por um intermediário seu,^[40] e do qual é necessário libertar-se. Os seres espirituais estão na matéria para purgar a culpa.^[41]

Esse dualismo é o fundamento do gnosticismo: à carne se opõe o espírito; ao criador do mundo, o demiurgo, se opõe um deus desconhecido que é luz e bondade, e os gnósticos cristãos opõem o homem-Jesus ao Verbo divino.^[42] Irineu, ao contrário, afirmava que Jesus Cristo, o Filho de Deus, e o Espírito Santo estavam eternamente com Deus, que o Cristo e o Espírito são as “duas mãos” (cf. *infra*) da atividade divina de

Deus, na criação e na história humana.^[43]

O gnosticismo foi assimilando elementos cristãos, expressando-os conforme as suas doutrinas, gerando diversas formas de sincretismo.^[44] O Cristo seria o revelador do Deus supremo e desconhecido, centro definido e concreto para as teorias gnósticas. Assim, negavam a humanidade e a morte de Cristo, pois ele não teria vindo “na carne”.^[45] Os gnósticos afirmavam que nem todos os cristãos possuíam a gnose, transmitida pelos apóstolos a poucos. Eles possuíam misteriosos ensinamentos, buscados, em parte, nos chamados Evangelhos apócrifos.^[46] Dividiam-se em muitas seitas, com grande variedade de formas.^[47]

A gnose representou um perigo mortal para a Igreja nascente, pois corrompia a noção judaica de transcendência divina. A gnose misturava os mistérios cristãos, a ideia paulina de miséria do homem e o esoterismo das antigas religiões. O pessimismo fundamental da gnose ameaçava desviar a esperança cristã para um desejo de libertação semelhante ao nirvana. As seitas gnósticas, oscilando entre um ascetismo radical e a libertinagem, chocavam-se com a moral evangélica, marcada pela mansidão e pelo equilíbrio.^[48]

Irineu refutou a doutrina das escolas gnósticas a partir das obras delas mesmas, e o fez não com espírito proselitista, mas como pastor, a fim de evitar confusões entre os fiéis. Contudo, nem todas as nuances das doutrinas gnósticas foram por ele apreendidas.^[49] Irineu reconheceu que a gnose ameaçava destruir os fundamentos da Igreja, porque propunha a cisão entre o Antigo e o Novo Testamento (especialmente Marcião), bem como a separação da Escritura da vida da Igreja. Assim, em meio à confusão causada pelas seitas gnósticas, Irineu soube distinguir a corrente evangélica.

A Igreja, apesar da sua subdivisão interna em comunidades, fez, por sua vez, uma seleção das fontes de sua fé que lhe proporcionou legitimação. Assim, surgiu a unidade de culto, do credo, da Escritura e do ministério ordenado. Diversamente da atitude da grande Igreja, a Igreja católica, a desagregação das fontes da fé proposta pelos gnósticos acarretaria a desagregação da comunhão eclesial, e vice-versa.^[50] Para Irineu, a unidade é a própria condição da vida da Igreja, que deriva de Cristo, que tem em si todo o universo. De fato, a Igreja não é uma justaposição de comunidades, mas uma única comunidade humana em marcha para Deus ressuscitado. E aos chefes das seitas Irineu opôs a autoridade colegial e institucional dos bispos, autoridade oriunda dos apóstolos e da qual a Igreja de Roma é depositária.^[51]

A gnose procurou apresentar a divisão, a separação, do Antigo e do Novo Testamento, da Tradição e da Escritura, dos cristãos instruídos e dos não instruídos. Diversamente, a Igreja católica visibiliza a unidade, que constitui a sua razão de ser. Segundo Irineu, a Igreja só vive se buscar o seu vigor na totalidade, na multiforme unidade do Antigo e do Novo Testamento, da Tradição e da Escritura, e na fiel realização da Palavra.^[52] Às luxuriantes doutrinas das seitas gnósticas, Irineu opôs a Regra da Fé,^[53]

que, saída das Escrituras, chegou aos fiéis pela Tradição apostólica.^[54] Para Irineu, somente o corpo de doutrinas transmitidas pelos apóstolos na Igreja católica poderia garantir a verdadeira fé. Além do mais, a mesma fé estava presente em todas as Igrejas que seguiam a doutrina dos apóstolos.^[55]

O gnosticismo, professado, sobretudo, por Marcião (+160), teve larga difusão. Marcião rejeitava o Antigo Testamento com o seu Deus criador, um deus mau, um demiurgo raivoso, preocupado apenas com a lei e a aplicação da justiça, que não conhecia a bondade e o amor.

Esse Deus veterotestamentário seria o criador do mundo material. O Deus bom só se teria revelado quando veio o Cristo como redentor, que trouxe à humanidade atormentada o Evangelho do amor de Deus.

Para Marcião, São Paulo teria sido o único dos apóstolos que recebeu esse Evangelho genuíno, nada falseado, que ficou consignado em seus escritos e no Evangelho segundo Lucas, único que Marcião aceitava, sem os dois primeiros capítulos.

Essa teoria de Marcião, marcadamente docetista dualista, constituiu um ataque direto ao conceito cristão de Deus, que não consente a divisão entre um Deus criador duro e somente justo, e um Deus desconhecido até a vinda de Cristo, enviado pelo Deus bom.

Para Marcião e outras correntes gnósticas, Jesus Cristo seria o redentor enquanto revelador da gnose, a verdade que nos salva. Cristo, enviado pelo Deus bom, não se fez carne, pois a matéria é má; Cristo teria um corpo aparente (docetismo).^[56] Caso tivesse um nascimento real, humano, Cristo estaria submetido ao Demiurgo, ao criador mau. Contudo, se Cristo tivesse tido apenas um nascimento aparente, se ele não teve um corpo real, então sua morte e ressurreição também foram aparentes, daí a ineficácia de uma morte redentora.

O gnosticismo condenava o matrimônio, que era proibido para os batizados, porque o corpo era feito de matéria má. Assim, toda a realidade de uma Igreja visível como o Corpo Místico de Cristo e toda a economia sacramental eram rejeitadas.

Assim sendo, diante de tamanha ameaça à sua fé, o gnosticismo obrigou a Igreja a refletir mais profundamente sobre a Escritura e sobre a Regra de Fé (*Regula Fidei*), a aprofundar a sua doutrina e as suas formas de organização, e Irineu foi quem melhor cooperou nessa reflexão, especialmente através de sua célebre obra *Adversus Haereses*.

Outro elemento da teologia de Irineu é a atenção que deu à noção de história da salvação, através da qual Deus se revela, e cujo vértice é o Logos encarnado. Culmann afirmou: “Até os teólogos da escola da história da salvação, no século XIX [...] nenhum teólogo reconheceu de modo tão claro quanto Irineu que a mensagem cristã é indissolavelmente ligada à história da salvação, e que a redenção histórica de Jesus Cristo forma o centro de uma linha que vai do Antigo Testamento até o retorno final de Cristo”.

^[57] De fato, só com uma visão assim universal é que Irineu pôde enfrentar os gnósticos,

opondo-se às fantasias deles, com o mesmo sucesso de Inácio de Antioquia, uma interpretação da doutrina revelada compreendida à luz da experiência cristã na sua totalidade.^[58]

3.1 – Fontes

Nas suas obras, percebemos como Irineu utiliza a filosofia grega na sua teologia para refutar as heresias: cita Homero, Hesíodo, Píndaro, Esopo, Anaximandro, Tales, Anaxágoras, Platão e Aristóteles, aprendidos provavelmente em Roma, embora criticasse a filosofia, pois acreditava que ela não levava a conclusões certas e confiáveis, e porque era uma das fontes do gnosticismo.^[59] As suas duas fontes principais foram as Sagradas Escrituras e a Tradição catequética de então, como o *Símbolo dos apóstolos*, ligadas ao catecumenato.

Com relação à Escritura, Irineu é, antes de tudo, um teólogo bíblico, “o primeiro teólogo bíblico da Igreja cristã digno de ser mencionado como tal”.^[60] Mais que o seu mestre Justino, preocupado em fazer contato com as filosofias gregas, Irineu articulou as questões de seu tempo com uma lente bíblica mais forte,^[61] sobretudo realizando a leitura do Antigo Testamento a partir do Novo, e assinalando que este é cumprimento daquele. Nas suas obras, Irineu procurou oferecer uma síntese de toda a Escritura, o único padrão autêntico do ensinamento cristão, cobrindo todas as áreas da teologia cristã. Serviu-se do Antigo Testamento na sua versão grega (Septuaginta) e dos livros que constituiriam o Novo Testamento. Através de uma exegese cristológica, herdada dos Padres Apologistas, Irineu mostrou que os ensinamentos dos Profetas, de Cristo e dos apóstolos, se opõem aos ensinamentos dos gnósticos.^[62] E para mostrar a unidade entre o Antigo e o Novo Testamentos, Irineu utilizou e desenvolveu a exegese tipológica.^[63]

Irineu é também um intérprete do Credo tradicional. Quando trata os grandes temas como a unidade do Pai, a unidade de Cristo e a unidade da economia, Irineu parte diretamente das fórmulas do Credo, por ele conhecido particularmente nas suas formas orientais.^[64] Desse modo, como testemunha da “única” fé, Irineu pôde tornar-se o ponto de partida de um desenvolvimento posterior.^[65]

Contra a dissolução e separação que faziam os gnósticos entre Deus e o mundo, contra a divisão de Cristo, do homem e da história da salvação, Irineu propõe resolutamente a ideia da unidade de Deus, de Cristo e da salvação.^[66]

Irineu teve contato com outros escritores cristãos, como Justino, que influenciou a sua doutrina da recapitulação; Melitão, no que se refere à educação progressiva da humanidade; Hegesipo e Pápias de Hierápolis, na doutrina da sucessão episcopal. Percebe-se nele a influência de São João Evangelista e de Santo Inácio de Antioquia, bem como de Clemente Romano, Barnabé, Hermas, o autor da *Didaqué*, Teófilo de

Antioquia, Melitão de Sardes, Aristão de Pella, Taciano e, talvez, Clemente Alexandrino e Atenágoras.^[67]

Tem-se conhecimento de que ele influenciou em teólogos posteriores, como Caio de Roma, Santo Hilário, Tertuliano, Santo Hipólito Romano, São Clemente de Alexandria, Orígenes, e muitos outros. E tal foi a influência de Irineu que no século III sua obra foi traduzida para o latim.

A última característica da teologia de Irineu que aqui se recorda é a íntima ligação entre os seus escritos com a sua espiritualidade: o que Irineu expressa é fruto da sua comunhão com Deus, e reflete a síntese entre a sua fé e a sua vida. Da mesma forma que percebemos o seu amor pelos gnósticos ao refutar os seus erros, percebemos a sua espiritualidade na profundidade de sua exposição.

3.2 – Aqui se tem um elenco dos dez principais temas tratados por Santo Irineu:

a. Deus e criação

A teologia de Deus era a área em que o ensino gnóstico se mostrava mais prejudicial à doutrina cristã, por causa de sua incisiva negação da unidade de Deus e a sua consequente tendência divisionista na cristologia, na antropologia e na eclesiologia. Desse erro decorriam os demais do movimento gnóstico. Irineu refutou a teoria gnóstica de uma hierarquia de éons que desciam de um Deus supremo incognoscível e a distância entre ele e o Criador ou Demiurgo.^[68] Irineu confessa: “Deus Pai, increado, incircunscrito, invisível, único Deus, criador do universo. Tal é o primeiro e principal artigo de nossa fé”.^[69]

Irineu refuta a pessimista cosmologia gnóstica, e esta constitui a sua maior contribuição para a filosofia, embora tivesse sido um crítico desta última.^[70] A cosmologia gnóstica afirmava que toda matéria era má, e que os iniciados no gnosticismo retornarão ao Pleroma, uma sociedade de seres divinos e perfeitos. O dualismo gnóstico destruía a integridade da teologia da história que estava no centro da pregação cristã. Isso porque os gnósticos opunham o Antigo e o Novo Testamento, o Deus do Antigo Testamento e o Salvador manifestado em Jesus, e, assim, dissolviam a unidade da história da salvação, ou seja, a história da relação de Deus com a humanidade fixada nas Escrituras.^[71]

Irineu mostrou, então, a identidade entre Deus e o Criador do mundo; a matéria do mundo foi produzida pela vontade de Deus e que, por isso, é boa, refutando os gnósticos; a origem do mal se radica no uso da liberdade humana.^[72] É na criação que se inicia o plano de Deus, falseada, mas não destruída, pelo pecado.^[73]

Tal ensinamento de Irineu está fundado nas Escrituras, pois o Deus criador não pode

ser confundido com o Demiurgo ou com os éons criadores. Deus é o único criador do mundo, que permanece sempre o mesmo e sem limites. O Deus transcendente é o mesmo Deus criador, e que se revelou na história mediante o seu Verbo, o qual se encarnou para unir o homem a Deus. Ao se encarnar, o Verbo divino se tornou a possibilidade definitiva de o homem ver a Deus.^[74]

A noção de criação de Irineu é marcadamente trinitária, pois foi explicitando a fórmula batismal que ele elaborou a sua exposição sobre o Ser divino: Deus exerce a sua atividade criadora através da sua Palavra e da sua Sabedoria ou Espírito.^[75] Ele criou *ex nihilo*,^[76] sendo essa provavelmente a primeira declaração cristã explícita da criação de todas as coisas a partir do nada.^[77] Para fundamentar esses princípios, Irineu apela, além das Escrituras, à razão natural. É Deus quem age, e não os anjos intermediários, como afirmam os sistemas gnósticos.^[78]

Para Irineu, a redenção tem também um caráter cósmico. Deus relaciona-se com o mundo não somente através da criação, mas também através da redenção. O Deus da salvação é o mesmo Deus da criação,^[79] ou seja, não há senão um só Deus, que tanto cria como redime.

A doutrina gnóstica acerca de dois deuses era uma blasfêmia contra o Criador. Essa implicava a impossibilidade da salvação, porque, se Deus não criou, a criação também não poderia ser redimida. Porém, a salvação é o alvo de toda a ordem da criação. Para os gnósticos, a salvação consistia em serem libertos da criação, do mundo material. Para Irineu, a salvação significava que a própria criação seria restaurada ao seu estado original e, assim, alcançaria o seu destino idealizado por Deus.^[80]

b. Trindade

No século II, os teólogos cristãos elaboraram as implicações das fórmulas confessionais e batismais em face dos escritos heréticos. Assim, surgiu a busca intelectual da doutrina da SS. Trindade.

Em Irineu se encontra a primeira elaboração extensa das fórmulas batismais trinitárias, juntamente com as suas implicações, como uma resposta direta ao desafio lançado pelo gnosticismo à noção cristã de Deus.^[81] “Antes de tudo, a fé nos convida com insistência a recordar que recebemos o batismo para a remissão dos pecados em nome de Deus Pai e em nome de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado, e no Espírito Santo de Deus”.^[82]

Assim, Irineu é também testemunha do batismo trinitário: “Ao dar a seus discípulos poder para que fizessem os homens renascer de Deus, o Senhor lhes disse: ‘Ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.^[83]

Era contemporânea de Irineu a expressão “tríade” (Triaj), cunhada por Teófilo de

Antioquia (+186) para se referir a Deus, uno em três pessoas, embora não a tenha usado. Irineu confessa a unidade das pessoas divinas; insiste na distinção entre as três pessoas e na identidade do Criador e o Pai do Logos que se encarnou.^[84] No seu pensamento, as relações das “pessoas” da Trindade não são tão claras. Ele trata das implicações da fórmula batismal, mas se recusou a ir além. Essa tarefa seria deixada para teólogos posteriores.^[85]

Irineu chama o Filho e o Espírito Santo de “mãos do Pai”.^[86] As ordens são dadas pelo Pai.^[87] Para a teologia de Irineu, Filho e Espírito Santo estão intimamente associados. Assim, se Deus é racional e tem o seu *Logos*, ele também é espiritual e, assim, tem o seu Espírito.^[88] Nisso, Irineu demonstrou ser um seguidor de Teófilo de Antioquia e não de Justino, identificando o Espírito, não o Verbo, com a Sabedoria divina, e, assim, fortalecendo a sua doutrina do Espírito Santo com uma base bíblica segura.^[89]

O Espírito é plenamente divino, ainda que em nenhum lugar Irineu o designe expressamente como Deus, pois ele é o Espírito de Deus,^[90] continuamente brotando do seu ser.^[91] O Espírito Santo está a serviço do Logos, inspira os apóstolos^[92] e santifica a humanidade. Vê, assim, que Filho e Espírito Santo têm o mesmo *status* divino e são expressão do caráter imediato de Deus, e não mediato.^[93]

Exatamente através da noção de história da salvação, e da noção de economia a ela subjacente, é que Irineu vai além da teologia dos apologistas, e também pelo reconhecimento mais pleno, e porque o delineia melhor, do papel do Espírito Santo no esquema trinitário.^[94]

Irineu aborda a Trindade na criação, como se viu na seção anterior, e na redenção. Deus é o Pai de todas as coisas, inefavelmente um, e, todavia, contendo em si mesmo, desde toda a eternidade, a sua Palavra e a sua Sabedoria. Porém, ao dar-se a conhecer ou pôr-se em atividade na criação e na redenção, Deus manifesta essa Palavra e essa Sabedoria; como o Filho e o Espírito, elas são as suas “mãos”, os veículos ou formas da sua autorrevelação.^[95]

A visão de Irineu acerca da Divindade é a mais completa e também a mais explicitamente “trinitária” que se pode encontrar antes de Tertuliano. Diante das doutrinas gnósticas, Irineu permaneceu extremamente avesso à investigação das profundezas ontológicas da Trindade e das relações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O fato importante, destacado pela fórmula batismal e acentuado por Irineu, é que existem distinções reais no ser imanente do Pai único e indivisível e que, embora somente tenham sido plenamente manifestas na “economia”, elas realmente estavam presentes desde toda a eternidade. A teologia de Irineu é, assim, um tributo à sua fé no Deus *tri-uno*, à sua capacidade intelectual e ao seu compromisso com a Igreja. É também uma evidência eloquente da força interior e da crescente influência do

cristianismo primitivo.^[96]

c. Cristologia: doutrina do Logos e da recapitulação

A cristologia é o argumento mais importante da teologia de Irineu, o ponto central, relacionado com os demais, consolidando a Cristologia de seus predecessores.^[97] Intimamente ligada à noção trinitária, e contextualizada pelas controvérsias gnósticas, a cristologia de Irineu trouxe grande contribuição para a teologia cristã posterior.

c.1. A doutrina do Logos

Irineu desenvolveu especialmente a “doutrina do Logos”, presente nos albores do cristianismo nos escritos joaninos, e em São Justino.

O termo *Logos*, no sentido cristão, significa a Palavra de Deus personificada e encarnada em Jesus Cristo. Ela ocorre três vezes no Novo Testamento, e apenas nos escritos joaninos.^[98] A palavra *logos* possui vários significados. Aqui interessa recordar o que ela significa no contexto bíblico, “palavra” e “pensamento”.

Vale recordar a sua evolução nos escritos extrabíblicos, contemporâneos inclusive à elaboração da Escritura. Na filosofia grega, desde Heráclito (535-465 a.C.), a palavra *logos* era usada nas diferentes escolas gregas da filosofia. Para os estoicos, o Logos é o princípio divino que penetra e sustenta o mundo. Para Fílon de Alexandria (+40 d.C.), teólogo judeu com influências helênicas, o Logos era inteligência divina (*nous*), um “segundo Deus”.^[99]

O exegeta C. H. Dodd recorda a noção veterotestamentária de Palavra de Deus, e reconhece a influência filosófico-sapiencial de Fílon na elaboração do Prólogo do *IV Evangelho* (Jo 1,1-18), apresentando paralelismo entre o Prólogo e algumas obras de Fílon.^[100] O autor do *IV Evangelho* corrigiu a doutrina de Fílon, acentuando a igualdade da essência entre o Pai e o Logos. Talvez ele quisesse polemizar contra determinadas ideias gnósticas então divulgadas na Ásia Menor.^[101] Também São Justino trabalhou a noção do Logos,^[102] a qual foi assimilada por Irineu.

Para Irineu, o Logos, pelo qual tudo foi criado, pelo qual tudo é assistido, retoma – ao se encarnar e ao operar a redenção da humanidade – a realidade primitiva e, assim, renova todas as criaturas, particularmente o homem. O Logos é fonte de vida, tudo converge para ele. O Logos é o próprio Deus.^[103] Ele é distinto de tudo o que é gerado e coexiste com o Pai desde toda a eternidade.^[104]

Pelo Logos é que Deus se dá a conhecer. Todas as teofanias do Antigo Testamento foram operadas pelo Logos: na criação,^[105] falando a Abraão,^[106] a Moisés^[107] e aos profetas.^[108] Irineu insiste que um só é o Messias, para refutar alguns gnósticos que se apresentavam como messias; assim, Irineu apresentava outras denominações do Messias, além de Logos: Cristo, o Filho de Deus, o Homem-Deus, Jesus, Nosso Salvador e

Senhor.^[109]

Os gnósticos afirmavam que Cristo desceu como um espírito sobre a pessoa humana de Jesus (adocionismo). Irineu refutava tal heresia confessando que Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, divino e plenamente humano. Como Filho de Deus, era plenamente Deus desde a eternidade; como Filho da humanidade, era plenamente humano e Filho de Maria.^[110]

c.2. A doutrina da recapitulação

Outra noção da cristologia elaborada por Santo Irineu, mais original que a doutrina do Logos, é a da recapitulação, na qual também foi influenciado por São Justino. A partir da expressão paulina “*recapitulação*” (no grego, *anakefalai,wsij*: Ef 1,10; cf. Rm 13,9), que significa resumir, mas com o sentido de “levar à plenitude”, é o Cristo que leva à plenitude a obra da salvação, restaurando, renovando, reorganizando a unidade do plano de Deus, tornando-se o ponto de harmonia do universo.^[111]

Trata-se do projeto amoroso de Deus sobre o homem e o cosmo, um plano de amor que se efetiva na história da salvação. O homem, criado à imagem arquetípica do Homem Original, há de se assemelhar definitivamente a Deus na visão de Deus. No devir da história, o Espírito Santo inspira o homem a optar pelo bem. Adão, o primeiro homem, era ainda criança, e por isso caiu na sedução do demônio.^[112] Jesus Cristo, o Verbo encarnado, o segundo “Adão”, manifestou-se no tempo só depois de encarnado e, assim, manifestou o homem verdadeiro ao homem adâmico, a fim de recuperá-lo para o caminho de Deus. Nesse segundo “Adão”, o Espírito Santo voltou a habituar-se aos homens, pois estava ausente do homem pecador. O Verbo encarnado revelou e visibilizou o Pai à humanidade e, por meio do Espírito Santo, ela o encontrou outra vez. O Verbo encarnado é o único capaz de reunir todas as coisas, de recapitular tudo. Ele retoma em si toda a humanidade e até todo o cosmo criado, e, enquanto o novo “Adão”, restaura e renova a mesma humanidade. Pela Sua obediência, o Verbo encarnado destruiu a obediência ao demônio, o sedutor. No Verbo encarnado, a humanidade encontra a sua verdadeira imagem, com a qual fora criada. Segundo Irineu, a encarnação é a condição necessária para que a obra da salvação possa ser cumprida.^[113]

A doutrina paulina da recapitulação evocava uma dupla divisão: após a separação dos judeus e dos gentios, a humanidade perdeu a sua unidade primordial e, por outro lado, as potências cósmicas se tornaram hostis ao homem.

Para Irineu, a recapitulação reconduz a um evento relativo ao fim dos tempos, ou seja, escatológico, no sentido de que a recapitulação termina com a história. Assim, portanto, os últimos tempos entraram na sua plenitude com a vinda de Cristo, e essa vinda engloba toda a existência humana do Verbo até a sua segunda vinda, no fim dos tempos.^[114]

Na encarnação do Logos, Deus recapitulou no seu Ser divino todo o arco da existência humana, do nascimento à idade avançada. Isso foi feito para destruir o pecado e a morte, e para dar vida nova à humanidade, sob todos os aspectos. Jesus Cristo viveu todos os períodos da vida humana, santificando, assim, cada um deles: infância, adolescência, juventude e idade avançada (Irineu pensava que Jesus tivesse cinquenta anos quando foi crucificado).^[115]

Também o significado de recapitulação no pensamento de Irineu deve ser compreendido à luz da ideia de economia (cf. *infra*). A recapitulação, enquanto ato de Cristo, é o contributo especial que Cristo dá à realização da única economia do Pai em Cristo e no Espírito. Verdadeiramente, Cristo é revelado e prefigurado no Antigo Testamento e, conseqüentemente, é proposto à fé e à esperança dos homens do Antigo Testamento. Mas, no Novo Testamento, o que há de novo foi colocado pela vinda real de Cristo, que enriquece o conhecimento da fé.^[116]

Todavia, no Novo Testamento, essa novidade existe apenas como consequência da recapitulação realizada em Cristo. A inteira ordem da salvação, que culmina na encarnação de Cristo, com a sua paixão, com a sua ressurreição, com a sua segunda vinda, a ressurreição da carne e a revelação da salvação, conduz, segundo Irineu, a essa recapitulação em Cristo.^[117]

Como no mundo invisível, o Logos é a cabeça de cada ser criado por ele. Assim, na sua encarnação, ele se torna cabeça do mundo visível e corpóreo, e, sobretudo, cabeça da Igreja, atraindo a si todas as coisas. Isso representa, ao mesmo tempo, uma recapitulação da criação e, sobretudo, de Adão decaído, isto é, de toda a história do mundo e da humanidade, do princípio ao fim, é renovada e permeada de salvação, mediante “Cristo cabeça”. Desse modo, o mundo, a história, o homem são conduzidos ao seu apogeu, mas, ao mesmo tempo, são reconduzidos por Cristo a Deus, seu princípio. Toda a obra anterior de Deus, cumprida mediante o Logos no mundo e para o benefício dos homens, é concentrada na encarnação de Cristo. Esta atinge a sua plenitude e cumpre em Cristo a totalidade do mundo e a totalidade da história.^[118]

c.3. Unidade de Cristo

A noção de unidade de Cristo de Irineu antecipará a fórmula cristológica do Concílio de Calcedônia (451). É sobretudo com Inácio de Antioquia que Irineu está de acordo com relação à unidade de Cristo. Ele se serve de uma expressão que estará presente sete vezes na fórmula de Calcedônia (451), “Cristo, um e o mesmo”. A força de tal fórmula, que remonta às origens da filosofia, se revelará mais de uma vez de grande ajuda nas discussões sobre a apresentação da unidade da pessoa de Cristo.

Ao quádruplo a,lloj (= outro) dos seguidores de Tolomeu, Irineu opôs um sétuplo touton (= este) para sublinhar a identidade do único sujeito de todos os títulos que o Prólogo do *IV Evangelho* dá a Cristo (AH, I, 9, 2; III, 16, 2.8).

Na sua batalha por uma expressão adequada pela unidade de Cristo, Irineu desenvolveu uma linguagem que, em última análise, parece antecipar-se à questão nestoriana.^[119] Irineu articula duas tendências que se conservarão: a de sublinhar uma unidade em Cristo e a de acentuar uma distinção nessa unidade, e tudo isso numa linguagem descritiva, concreta, que não conhece ainda as abstrações do período sucessivo (*AH*, V, 14, 1; V, 21, 3).

A unidade de que Irineu se faz defensor é a da união do Logos e da carne. Como era de se esperar, o que confere à sua doutrina o caráter de Cristologia centrada no Logos e na unidade. No entanto, o seu conceito de Logos trai menos a influência dos filósofos gregos que os apologistas anteriores a ele, e que será maior com os alexandrinos, depois dele. Nele está viva toda a complacência do Logos, que caracteriza a teologia do século II, sobretudo Justino. Segundo o seu pensamento, a encarnação é simplesmente a conclusão de uma vasta série de manifestações do Logos, que tiveram o seu princípio na criação do mundo (*AH*, III, 18, 3).

Irineu, porém, vê a encarnação como uma unidade do Logos e da carne tomadas juntas em uma tensão análoga àquela que aparecerá mais tarde de forma mais acentuada em Atanásio. De fato, há entre esses dois teólogos certa dependência. Nota-se o interesse concentrado de ambos na ressurreição do corpo humano que, em Cristo, se tornou partícipe, por sua união com o Logos, da potência divina vivificante. Por essa razão, é sobretudo a carne que é mencionada como a parte do homem que tem necessidade de redenção, embora no pensamento de Irineu, como no de Atanásio, seja o homem total que é destinado à salvação (*AH*, V, 9, 1).^[120]

Frequentemente, Irineu fala como se Cristo consistisse somente de Logos e de *sarx* (carne), porque, na luta contra os gnósticos, a carne do homem se encontra em primeiríssimo plano. Contudo, ele não nega a alma de Cristo (*AH*, III, 22, 1). A teologia de Irineu é uma teologia de antíteses, que faz aparecer a glória do Logos divino simplesmente unindo-o ao seu extremo oposto, a carne pecadora e corruptível do homem.

Os escritores eclesiásticos das gerações seguintes deverão sempre prestar maior atenção a essa união do Logos e da carne que Irineu, seguindo os passos dos apologistas, começou a pôr em relevo.

O ponto essencial, contudo, é que o Logos se encontra em uma relação viva com a carne que assumiu (*AH*, III, 19, 3). Em Cristo, a humanidade é o princípio que torna possível a tentação e o sofrimento; o Logos é a fonte da glorificação. O Logos deve “repousar” de modo que a natureza humana de Cristo seja deixada livre para assim sofrer, como, por outro lado, ele vem em socorro na vitória contra a tentação na ressurreição e na ascensão. Atanásio retomará com força esses pontos.^[121]

d. Pneumatologia

O Espírito Santo conferido no batismo faz participar na vida divina todo o homem que crê, e lhe confere a incorruptibilidade.^[122] É o Espírito Santo que inspira os profetas, a serviço do Logos.^[123] É o Espírito Santo que confere os carismas, e esses são espirituais, por causa da ação do Espírito de Deus.^[124] O Espírito Santo torna a carne mortal e incorruptível.^[125] “Será em virtude da força do Espírito que os crentes ressuscitarão quando o corpo estiver de novo unido à alma”.^[126]

Irineu apresenta a íntima relação entre o Espírito e a Igreja: “Onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a graça”,^[127] significando que o Espírito é um dom à Igreja.^[128] Juntamente com o Evangelho, o Espírito é o sustentáculo da Igreja.^[129] Ao contrário de alguns Padres, que identificam a Sabedoria de Deus personificada com a segunda pessoa da SS. Trindade, Irineu a identifica com o Espírito Santo.^[130]

e. Antropologia

A noção do homem de Irineu também está relacionada com as controvérsias gnósticas e, por isso, com sua cristologia. Irineu criou um antropocentrismo cuja força está no teocentrismo, sem nenhum dualismo, pois tudo provém da bondade criadora de Deus.

A nota mais original de sua antropologia é a noção de crescimento, ou seja, “progresso”.^[131] O homem criado criança e imperfeito atinge o seu estado de maturidade e perfeição pela encarnação de Jesus e pelo dom do Espírito Santo que o conduz à divinização. Essa divinização implica a visão de Deus, ou seja, a participação na vida divina. A divinização faz com que o homem seja o receptáculo dos dons de Deus, inclusive de sua imortalidade e incorruptibilidade. O Espírito Santo atua no homem, na carne, pneumatificando-a progressivamente na história.^[132]

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, deve progredir para atingir a imagem e semelhança divina. O pecado das origens, embora altere parcialmente esse plano de Deus, não modifica o seu conjunto.^[133] O pecado, presente na história da humanidade, passa a ser uma etapa que prepara a caminhada rumo à perfeição e à divinização.

Toda a economia divina prepara o homem para a visão de Deus.^[134] Educado pelo Logos, o homem pode subir até Deus. Isso procede, especialmente, pela encarnação do Logos. Além da noção de progresso, Irineu insiste na Eucaristia como o sinal da salvação do homem na história.^[135] Habitado pelo Espírito, o homem se transforma crescendo em direção a Deus.^[136] Educar-se em Deus é acostumar-se a Deus em um processo que se plenifica através do Verbo divino que se fez homem e que, habitando entre os homens, os habitua a receber Deus por meio do Espírito. No Verbo divino, Deus recapitulou a carne humana, livrando-a do pecado e da morte para vivificar o homem, ou seja, para

lhe restituir a vida, que é, definitivamente, a visão de Deus.^[137]

Frequentemente é citada uma frase de Santo Irineu, recordando a dignidade humana conferida por Deus: “A glória de Deus é o homem vivo” (*Gloria Dei vivens homo*). Essa frase faz parte de uma formulação maior: “Pois a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus: se já a revelação de Deus através da criação proporciona a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona vida àqueles que veem a Deus”.^[138]

f. Economia da salvação e escatologia

Irineu defende a necessidade da encarnação do Logos para o conhecimento da fé e da salvação, a fim de refutar a pretensão gnóstica de salvação sem a mediação de Cristo. Os gnósticos pretendiam salvar-se através da gnose, do conhecimento secreto revelado a alguns, independentemente de seus atos, pois para eles a alma era imortal. Irineu refutou essa postura, afirmando a necessidade da acolhida da graça por parte do homem, como ato de sua vontade, e só assim a alma se tornará imortal. Todo homem tem necessidade da salvação, e é capaz desta por causa da recapitulação operada pelo Cristo, através do Espírito Santo, pela qual foram devolvidas ao homem a imagem e semelhança com Deus, perdidas com o pecado das origens.

A vinda do Filho de Deus na carne permitiu à humanidade transformar a mortalidade em imortalidade. A força de Deus assume a fraqueza humana e a ressuscitará. O incorruptível devia primeiro tornar-se corruptível para que o corruptível pudesse tornar-se incorruptível. Os que foram “adotados” em Cristo tornam-se, então, partícipes da incorruptibilidade proporcionada por Deus. Assim, a ressurreição da carne da humanidade foi antecipada pela ressurreição de Cristo.^[139] Irineu acreditava que a salvação era um ato de divinização,^[140] conceito que será desenvolvido pela Escola de Alexandria. Cristo se tornou humano para que a humanidade se tornasse divina, e, por meio do Espírito, a humanidade é gradualmente preparada para a visão de Deus e para a participação na vida divina.^[141]

Irineu é consciente dos efeitos do pecado, mas não deixa de ser otimista, pois confia no plano do Pai.^[142] Em lugar do dualismo gnóstico de espírito e criação, Irineu afirmava que a salvação vem por meio da forma material. O invisível age por meio do visível, o incompreensível age por meio do compreensível, não contra ele ou separado dele. Em Cristo, a prioridade é o amor, não conhecimentos secretos, como defendiam os gnósticos. Irineu argumentava que a fé entre os “bárbaros” se encontrava como uma verdade que está escrita em seus corações pelo Espírito. Esses bárbaros não falavam grego e, por isso, não são vistos como sábios segundo os padrões do helenismo, ao qual Irineu acusava os gnósticos de aderir estritamente, mas eram considerados sábios por causa da posse da verdadeira fé.^[143]

Para Irineu, o homem precisa conhecer a “economia” (oikonomi,a) de Deus (termo presente em Santo Inácio de Antioquia), e o centro da “economia” reside na encarnação do Logos.^[144] A obra da salvação é realizada em nome de Cristo, pela Igreja e pelos Sacramentos.

Irineu desenvolveu a ideia de uma economia universal, contra a dissolução e separação que faziam os gnósticos entre Deus e o mundo, contra a divisão de Cristo, do homem e da história da salvação. A esse propósito, Irineu propõe resolutamente a ideia da unidade de Deus, de Cristo e da salvação. É provável que ele tenha recebido da Tradição o conceito de “economia”, orientado fundamentalmente pela vinda de Cristo.

Irineu conserva o cristocentrismo do conceito tradicional, mas o entende de modo a lhe dar uma prospectiva universal. A economia abraça todas as duas realidades, a criação e o fim do mundo, colocando no centro o evento de Cristo. A criação, a encarnação de Cristo, a redenção e a ressurreição pertencem, juntas, como partes diversas, à obra salvífica de Deus, única e abrangente.^[145]

Irineu é o primeiro escritor cristão a tratar do batismo de crianças.^[146] Através dos sacramentos, o homem atinge a perfeição, ponto culminante da recapitulação da criação em Cristo. A economia e a recapitulação estão intimamente vinculadas e compreenderam a totalidade da história. Irineu indica três formas de salvação, a saber: a fé, as obras e os sacramentos. Os três não se excluem, mas se harmonizam na vida da Igreja.^[147]

A escatologia de Irineu também é influenciada pela doutrina da recapitulação. Jesus restaurou toda a humanidade, presente, passada e futura, permitindo que o homem possa acolher a graça da salvação. Contudo, na escatologia de Irineu está também presente o milenarismo, ou seja, que no ano mil o Cristo ressuscitaria os justos e instauraria o seu reino numa criação restaurada.^[148] Irineu fala do juízo universal, sem tratar do juízo particular,^[149] e fala também do “Hades”, lugar onde as almas dos falecidos aguardam a ressurreição.^[150]

g. Revelação e Escritura

Para Irineu, o grande artífice da Revelação é o Logos, que a preside em todo o seu desenvolvimento, e esse processo tem o seu ápice com a sua encarnação.

O Pai, invisível e indelimitável para nós, nos é revelado pelo seu Verbo.^[151] Para Irineu, a encarnação do Logos é a epifania do Pai.^[152] Para Irineu, a Revelação progride na história, e a encarnação do Verbo culmina um processo que se desenvolve desde a origem do mundo: a criação, a Lei e os profetas antecedem a encarnação e a preparam.^[153]

A Igreja é a depositária e a transmissora da Revelação,^[154] e em seu seio se deu a elaboração das Escrituras, fixando os ensinamentos de Jesus, o Logos encarnado; ensinamentos recebidos dos apóstolos, iluminados pelo Espírito Santo. E é o Espírito

Santo que garante a fidelidade da Igreja.^[155] Irineu retoma a noção bíblica de inspiração e a apresenta na perspectiva da ação do Logos de Deus: “A Escritura é perfeita, pois foi ditada pelo Verbo de Deus e pelo seu Espírito”.^[156]

Diante das controvérsias gnósticas, Irineu afirma a eclesialidade da leitura da Bíblia, pois só a Igreja possui as verdadeiras Escrituras, pois só ela as recebeu da Tradição transmitida pelos apóstolos.^[157] Tertuliano, São Jerônimo e Santo Agostinho prosseguirão essa doutrina.^[158]

Os gnósticos eram dependentes dos filósofos e poetas gregos, e não seguiam de perto a Revelação de Deus por Jesus Cristo, que se achava nas Escrituras. Irineu, diversamente, confuta os gnósticos demonstrando a articulação do Antigo e do Novo Testamento, ambos com plena autoridade, e que há uma manifestação progressiva, que tem seu vértice no evento Cristo. Não existem mistérios ocultos recebidos dos apóstolos, nem segredos reservados aos perfeitos, uma vez que todos na Igreja são chamados a ser perfeitos.^[159]

Cânon Bíblico. Diante de Marcião, que mutilou o cânon da Bíblia segundo as suas concepções, Irineu apresenta o cânon conforme a Tradição da Igreja (que, porém, será reformulado nos séculos posteriores, tendo em conta as tradições do Oriente e do Ocidente): os quatro Evangelhos (insistindo e justificando por que quatro, e apenas quatro evangelhos),^[160] as doze Cartas de Paulo (provavelmente a pequena Carta a Filêmon deve faltar por acaso), os Atos dos apóstolos, as Cartas de João, o Apocalipse e a Primeira Carta de Pedro. Irineu conhece a Carta aos Hebreus, mas não reconhece nela um texto inspirado; faltam as Cartas de Tiago, Judas, 3Jo e 2Pd, talvez por acaso.^[161] Ele inclui no cânon o texto do *Pastor de Hermas*, como fizeram Tertuliano, Clemente de Alexandria e até Orígenes.^[162] Marcião, líder de uma das escolas gnósticas, pretendia desconhecer todo o Antigo Testamento e os livros discordes de suas doutrinas. Irineu defendeu vigorosamente a unidade dos dois testamentos da Bíblia, pois esta manifesta a unidade do plano da revelação, que está em constante progressão: “Através da polifonia das palavras, notai a unidade da mesma melodia”.^[163] É por isso que Irineu, com facilidade, encontra no Antigo Testamento textos que se referem ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, antes e depois da encarnação. Trata-se da leitura típica ou tipológica da Escritura.

h. Eucaristia

Irineu testemunha a presença real do Corpo e Sangue de Jesus na Eucaristia;^[164] testemunha o caráter sacrificial da Eucaristia, recordando a profecia de Malaquias;^[165] deduz a ressurreição dos corpos daqueles que se alimentaram do Corpo e do Sangue do Senhor;^[166] e apresenta a Eucaristia como sinal da salvação do homem na história.^[167]

A Eucaristia era também celebrada pelos gnósticos, e Irineu mostra que suas crenças os impedem de celebrar a bondade e a grandeza do mundo, ou seja, a Eucaristia, de fato, pois os gnósticos acreditavam que a matéria era má e o mundo era algo sem sentido.^[168]

i. Mariologia

A mariologia de Irineu, também influenciada pela doutrina da recapitulação, desenvolve o paralelismo elaborado por São Justino:^[169] Jesus é o novo Adão, e Maria é a nova Eva.^[170] Irineu afirma que, graças à obediência de Maria, foi possível a salvação da humanidade.^[171]

Maria, assim, na economia da salvação, significava a salvação estendida a mulheres e homens igualmente. Como Jesus era comparável a Adão, assim Maria, a virgem que obedeceu a Deus, era comparável a Eva, a virgem que desobedeceu.^[172]

j. Milenarismo

O milenarismo é uma doutrina que afirma que o Cristo retornaria no ano mil e instauraria o seu reino de glória.^[173] O milenarismo é traço da teologia frígia e asiática, e Irineu o transportou para a Gália.^[174] Pápias de Hierápolis afirma que os presbíteros da Ásia Menor difundiam essa doutrina.^[175] Há quem afirme que Irineu foi influenciado por Pápias nessa questão.^[176] Pelo século II, o milenarismo estava desaparecendo, mas Irineu ainda o apresentava com alguma segurança.^[177]

4 – Tradição e eclesiologia

A rica noção de Tradição cunhada por Santo Irineu está intimamente ligada a sua concepção eclesiológica. Isso significa que, além de ressaltar a importância da Tradição na vida da Igreja, Irineu representa o modo como os membros dela constituem a sua Tradição. Irineu expressa, assim, a consciência da Igreja, naquele momento delicado.

A teologia da Tradição de Irineu foi muito importante para a Igreja, pois sistematizou tudo o que estava esboçado anteriormente por São Clemente de Roma, Santo Inácio de Antioquia, São Justino e Egesipo.

Viu-se que as situações pastorais da Igreja no século II reclamaram de Irineu uma postura apologética, ou seja, uma exposição clara da teologia do Cristianismo primitivo e da sua noção de Tradição, com implicações eclesiológicas. Irineu mostrou, assim, o papel da Tradição na vida da Igreja, que percorre a história dos homens, transmitindo o Evangelho do seu Senhor. Novamente, percebe-se a doutrina da recapitulação se fazendo presente noutra posição da doutrina de Irineu. É a Igreja, tendo o Cristo como a sua cabeça, a responsável pela perpetuação da obra de renovação da humanidade.

A Igreja, fundada por Jesus, da qual é a cabeça, foi confiada especialmente aos

apóstolos e a seus sucessores. É dessa forma que se pode manter viva a mensagem de Jesus, sem alteração, através da sucessão apostólica. Irineu valorizava também a tradição oral,^[178] embora diferentemente dos gnósticos, os quais diziam que poucos iniciados a possuíam. A tradição oral foi a responsável pela variedade de ritos e costumes, testemunhada pelos Padres da Igreja, inclusive Santo Irineu: ela é a força da unanimidade das Igrejas na conservação do depósito da fé.^[179]

Além da Tradição das Igrejas, lideradas por bispos sucessores dos apóstolos, e da tradição oral, Irineu estava também atento à tradição dos presbíteros, a “tradição presbiteral”.^[180]

Para Irineu, a Tradição é, de certo modo, superior à Escritura, pois os autores sacros antes pregaram, e só depois escreveram o que ensinaram.^[181]

Os gnósticos reclamavam a sua participação no grupo apostólico, e Irineu refutava essa possibilidade, apontando a esses as divergências entre as escolas gnósticas, e contrapondo a essas divergências a unidade do ensinamento da Igreja.

Irineu também é uma das testemunhas do primado da Igreja de Roma,^[182] embora, para alguns, teologicamente imperfeita.^[183] Ele afirma que a Igreja de Roma “é a maior, mais antiga e mais conhecida de todas, fundada e estabelecida (em Roma) pelos dois gloriosíssimos apóstolos Pedro e Paulo, demonstrando que a tradição recebida dos apóstolos e a fé anunciada aos homens chegaram até nós pela sucessão dos bispos [...]. Com essa Igreja, em razão da sua primazia de poder, todas as outras Igrejas, isto é, os fiéis de todo o universo, têm obrigação de se conformar: de fato, é nela que todas, em toda a parte e sempre, conservam a tradição que vem dos apóstolos”.^[184]

A Tradição da Igreja reconhece, nessa passagem, um dos testemunhos do primado. Alguns protestantes, porém, como o historiador W. Walker, afirmam que o que Irineu tinha em mente era a “liderança na preservação da fé apostólica, e não a supremacia em matéria de jurisdição”, e que, com a “generalização” de um sentimento católico romano, “estava aberta a porta para a afirmação mais ampla da autoridade romana”.^[185] Temos em conta que o papado teve diversas encarnações históricas e que, inegavelmente, nas expressões de Irineu, temos um testemunho respeitável, não o primeiro, do papado na história.^[186]

Além de ter escrito sobre o primado da Igreja de Roma e de seu bispo, em vários momentos de sua vida, podemos perceber que Irineu encarnou a comunhão eclesial, que tem no bispo de Roma uma de suas garantias. A história registrou três desses momentos: quando presbítero, Irineu intercedeu junto ao papa Eleutério para que houvesse paz nas comunidades cristãs, quando da crise montanista;^[187] na Questão Pascal, Irineu intercedeu junto ao papa Vítor pelas comunidades de Éfeso; Irineu também testemunha as peregrinações que seus fiéis faziam a Roma.^[188]

Com relação ao ministério ordenado, esse é testemunhado pela obra de Irineu, não de

forma sistemática, mas os seus três graus – episcopado, presbiterato e diaconato – são contemplados. Isso significa que os bispos, presbíteros e diáconos ocorrem na obra de Irineu, mesmo que não de forma alinhada como ocorre em Santo Inácio de Antioquia. Este último, algumas décadas antes de Irineu, testemunha como os três graus do sacramento da ordem estavam alinhados na importante Igreja de Antioquia, no final do século I,^[189] noção que permitiu a sua padronização pela Igreja católica.

Irineu testemunha o Sacramento da Ordem, como se configurava no século II. Pelo final desse século, o monoepiscopado, também chamado “episcopado monárquico”, já era difundido universalmente, mas não ainda padronizado. Irineu reconhece o bispo ou o presbítero como chefe da comunidade,^[190] e os diáconos como colaboradores diretos dos dois primeiros.^[191] Na obra de Irineu, os bispos/presbíteros foram constituídos pelos apóstolos como chefes ministeriais e, desde então, os sucedem nas diversas comunidades.

Irineu recorda o princípio da Tradição, pela qual se reconhece como garantia da fé e da comunhão somente o que, do tempo apostólico, foi transmitido pelo ministério episcopal. Isso significa que a verdadeira doutrina deve ser procurada na Tradição recebida dos apóstolos através dos bispos por eles instituídos, os quais, por sua vez, a transmitiram aos seus sucessores até o presente. Diversamente, os hereges não podem reivindicar essa sucessão.^[192]

A necessidade de ter um ponto de vista seguro na confusão criada pelos gnósticos estimula a fundação do monoepiscopado sobre o conceito de “sucessão apostólica” visível e verificável.^[193] Consequentemente, atendo-se ao princípio da sucessão apostólica, os fiéis dispõem de um critério seguro para discernir os verdadeiros dos falsos bispos/presbíteros, e para manter a comunhão com os verdadeiros.^[194]

Irineu é o primeiro dentre os Padres da Igreja a registrar a teologia do diaconato, pois é o primeiro a identificar “os sete” de At 6 com os diáconos: “os nicolaítas tiveram por mestre um tal Nicolau, um dos sete diáconos ordenados pelos apóstolos”^[195]. De Irineu em diante, esta identificação será quase unânime. É curioso que Irineu, para identificar a instituição dos “sete diáconos”, utiliza o verbo ordenar, que não ocorre em At 6, e não faz menção ao gesto de imposição das mãos por parte dos apóstolos, como presente no texto lucano. O verbo “ordenar”, na obra de Irineu, no âmbito da teologia ministerial, ocorre mais duas vezes, ao referir-se ao apóstolo Matias, que foi “ordenado” no lugar de Judas Iscariotes.^[196]

5 – O Profetismo

a. A Questão Pascal^[197]

A Questão Pascal, que versa sobre a data de celebração da Páscoa, gerou muitas tensões entre as comunidades do Oriente e as do Ocidente, que se tornaram mais sentidas no final do século II, época em que o papa Vítor tomou uma notável atitude. Neste momento, temos um grande posicionamento de Santo Irineu, que é também o último acontecimento de que se tem notícia a seu respeito.

No começo do século II, entre 110 e 117, a questão da data da celebração da Páscoa havia sido discutida entre o papa Santo Aniceto (+166) e São Policarpo, bispo de Esmirna, Ásia Menor, que foi a Roma tratar dessa e de outras questões disciplinares. Nessa ocasião, ficou decidido que as comunidades permaneceriam segundo as suas tradições.^[198]

As comunidades da Ásia Menor, a metrópole de Éfeso, liderada por Polícrates, e suas sufragâneas, costumavam celebrar a Páscoa comendo um cordeiro na tarde do décimo quarto dia de março, como fazem os judeus, e a dar-lhe, como esses, o nome de banquete pascal, e três dias depois celebravam a ressurreição, fosse ou não domingo. Conserva-se, assim, a data hebraica da festa da Páscoa, costume que vinha dos apóstolos. Nas demais comunidades, esse banquete era realizado no sábado santo, unido à solenidade da ressurreição, sempre no primeiro domingo após o décimo quarto dia de março. Os que conservavam a data hebraica são chamados de quartodecimanos.^[199] Esse costume apresentava alguns inconvenientes: interrompia o jejum e o recolhimento da semana santa; fazia a alegria dos cristãos coincidir com a dos judeus; a celebração pascal não era num domingo; escandalizava os pagãos pela divisão da Igreja e fazia-lhes confundir os cristãos com os judeus.^[200] Em Roma, havia uma comunidade de orientais, que mantinham esse costume e, assim, ressaltava-se a divergência de costumes.^[201]

São Vítor I (+198), décimo primeiro bispo de Roma, por volta de 190 determinou que a Páscoa deveria ser celebrada na mesma data, tanto no Oriente como no Ocidente. Polícrates, bispo de Éfeso, escreveu ao papa Vítor afirmando que esse costume da celebração da Páscoa era tradição recebida de São João e São Filipe, apóstolos, e de São Policarpo e Melitão; este último, inclusive, compôs um tratado sobre a Páscoa.^[202]

São Vítor convocou vários sínodos regionais para tratar a questão.^[203] Vários bispos reagiram contra a atitude de São Vítor. A história registrou o pujante e feliz posicionamento de Santo Irineu, que interveio em favor das comunidades orientais, pedindo que o papa Vítor guardasse a linha de seus predecessores,^[204] pois sabia que estava em jogo a vida de toda a Igreja. O papa, por fim, acolheu a argumentação de Irineu. Posteriormente, no Concílio de Niceia, em 325, foi decidida definitivamente a questão, e os orientais passaram a celebrar a Páscoa como os demais cristãos.

Nesse fato evidenciamos a fragilidade da união dos cristãos. O papa, a fim de bem cumprir essa sua missão histórica, precisa de todos que, como Irineu, acreditam que a unidade dos cristãos é dom de Deus e o ajudem a confirmar na caridade essa unidade da

Igreja de Cristo, enriquecida pela diversidade de formas que ela encarna no seio dos povos.

b. Martírio

O cristianismo conheceu diversas formas de martírio, uma das provações mais fortes sofridas pelo cristianismo primitivo. Vários Padres da Igreja exortaram os fiéis ao martírio, inclusive Irineu.^[205] Irineu também experimentou essa provação, segundo a tradição da Igreja.^[206]

Da mesma forma que não se nega a dureza do martírio experimentado pelos cristãos de todos os tempos, sabe-se que ele faz parte da espiritualidade cristã, especialmente nos primeiros tempos. Tertuliano (+220) dizia que “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (*Sanguis martyrum, semen christianorum*).^[207]

Aqui recordamos o martírio de Santo Irineu e de seus contemporâneos como forma de profetismo *ad extra ecclesiam*, porque, além de edificar os demais fiéis, manifestava a convicção profunda dos cristãos diante dos demais homens. Trata-se de um verdadeiro testemunho, lembrado, aliás, pela etimologia da palavra martírio.

A todo momento o cristianismo é solicitado a se fazer presente, testemunhando a força do Evangelho de Jesus. Aqueles que vertem o seu sangue nessa causa se associam mais intimamente a Jesus Cristo, tal qual os mártires de todos os tempos. É a modalidade de profetismo mais significativa, mais autêntica, e que desafia a audácia daqueles que não têm a coragem cristã.

II. A *Demonstração da pregação apostólica*

1. O texto

Até o início do século XX, só se tinha conhecimento da *Demonstração da pregação apostólica* através de uma referência na *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia.^[208] O original grego da *Demonstração*, de fato, se perdeu. Em 1904, foi descoberta uma versão em armênio pelo então arquiandrita, e depois bispo do Azerbaijão, Karapet Ter-Mekérttchian, e publicada por Erward Ter-Mivassiantzs, em 1907.

A versão armênia da *Demonstração* foi acompanhada de uma versão alemã, com anotações do célebre filólogo Adolph Von Harnack (Leipzig, 1907), com notas e dividida em 100 pequenos capítulos (cc.). Houve uma segunda edição no ano seguinte. Em 1919, a *Demonstração* foi publicada na *Patrologia Orientalis*.^[209] A partir de então, foi publicada em diversas línguas europeias.

2. Autoria e datação

A autoria de Irineu da *Demonstração* é atestada pela referência explícita feita à obra *Adversus Haereses* no c. 99. A *Adversus Haereses* é frequentemente datada pelo ano 180, poucos anos depois do martírio de Potino (+178), primeiro bispo de Lyon, a quem Irineu sucedeu.^[210] Irineu teria tido a mesma sorte. Provavelmente morreu mártir pelo fim do século II ou início do século III. A *Demonstração* teria sido escrita nesse intervalo de tempo, provavelmente pelos anos 190.

3. O gênero literário e a estrutura

A *Demonstração* é dirigida a tal Marciano^[211] e, assim, aparentemente epistolar, é uma equilibrada composição entre catequese e apologia,^[212] um “catecismo superior”.^[213]

Ao ser editada, a *Demonstração* foi disposta em 100 capítulos por Harnack. Para a presente edição, optou-se pela divisão geral de E. Romero-Pose,^[214] mantendo a disposição dos capítulos. Depois de um breve endereço e de uma introdução (cc. 1-3), a *Primeira Parte* (cc. 4-41) é dedicada à História da salvação: Deus e a criação,^[215] o pecado do homem e a misericórdia de Deus,^[216] e a realização da salvação através de Jesus Cristo.^[217]

A *Segunda Parte* (cc. 42-97) é a demonstração propriamente dita, ou seja, Irineu demonstra, através dos textos do Antigo Testamento, a realização da História da salvação. Nessa *Parte*, são abordadas: a preexistência e a encarnação do Logos, o Filho de Deus,^[218] as profecias sobre Jesus e o seu cumprimento,^[219] e a Igreja como cumprimento das profecias messiânicas.^[220]

Há uma conclusão (cc. 97-100) que contém advertências de como se vive a fé, em oposição às heresias e aos incrédulos.

4. O conteúdo

A *Demonstração* contém três capítulos introdutórios. O primeiro deles apresenta o texto como um compêndio da fé e como prova dos dogmas cristãos. O caminho da fé é único,^[221] e a verdadeira piedade se exprime na fé e nas obras que articulam verdade e santidade.^[222] A Regra de Fé (*Regula Fidei*), conservada e assimilada, constitui o pressuposto para perseverar na fé e na verdade.^[223]

A *Primeira Parte* (cc. 3-41) é dedicada à *História da salvação* no Antigo Testamento. Nela é exposta a Regra de Fé, na qual se encontra uma fórmula batismal: o batismo trinitário; o selo da vida eterna e a regeneração a Deus; o batismo torna o batizado filho de Deus.^[224]

Em seguida, tem-se uma confissão na criação, na qual interagiram as três pessoas da Santíssima Trindade: Deus Pai, através de seu Verbo, o Filho, criou o universo e o homem, e o adornou com o seu Espírito Santo.^[225]

A fórmula batismal do c. 4 é desenvolvida nos três artigos sobre Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo.^[226] O c. 7 apresenta uma breve reflexão sobre a ação das três Pessoas divinas na vida do batizado. Esses sete primeiros capítulos testemunham a atuação de Irineu conforme as fórmulas de fé batismal como expressões da fé cristã e a necessidade das obras para todos os homens.^[227]

Nos cc. 8 ao 30, Irineu traça em grandes linhas a história da salvação, através da narrativa bíblica: Irineu inicia sua exposição a partir da paternidade universal de Deus,^[228] para em seguida tratar da criação dos sete céus e das potências celestes que neles habitam,^[229] da criação de Adão à imagem e semelhança de Deus, porém em estado infantil e posto no Jardim; e de Eva, que vive com o homem em beata inocência até Satanás provocar a sua queda;^[230] em seguida, são tratados a expulsão do Jardim (Paraíso), a morte de Abel,^[231] o nascimento dos gigantes,^[232] o dilúvio,^[233] as bênçãos e maldições sobre a casa de Noé,^[234] a aliança que encerra o dilúvio^[235] e a tentativa da construção da Torre de Babel.^[236] Em seguida, tem-se a eleição de Abraão e a descida de Jacó ao Egito, a entrada do povo eleito na Terra Prometida e a afirmação da monarquia de Davi e Salomão.^[237] Essa exposição é feita para coincidir com o anúncio da manifestação do Filho de Deus, que viria recapitular todas as coisas e guiá-las ao seu termo, ao fim desejado por Deus.^[238]

A Encarnação do Filho de Deus é, assim, necessária para elevar o homem à incorruptibilidade.^[239] Assinala-se, assim, a importância do corpo na antropologia cristã.

O corpo humano, vítima do pecado, se torna instrumento de salvação graças à Encarnação do Filho de Deus, e participa da graça da salvação em virtude da promessa da incorruptibilidade.^[240]

Os cc. 32-34 são dedicados a um paralelo entre Cristo e Adão,^[241] entre Eva e Maria,^[242] e a árvore da ciência do bem e do mal e a árvore da cruz.^[243] Com esses paralelos, Irineu pretende apresentar uma visão sintética da história da salvação.

Em seguida, Irineu assinala que as promessas feitas por Deus a Abraão e a Davi atingem o seu cumprimento com Jesus Cristo.^[244] Irineu retoma a confissão batismal e confessa que na ressurreição de Cristo está a derrota da morte^[245] e é, também aí, restaurada a comunhão do homem com Deus, que implica a sua incorruptibilidade.^[246]

A obra de Cristo foi cumprida e, posteriormente, estendida aos apóstolos, que pregaram a Boa-Nova às nações e as fazem participantes do Espírito Santo.^[247]

A *Segunda Parte* (cc. 42-97) trata explicitamente do cumprimento das promessas feitas no Antigo Testamento por Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Logos encarnado. A partir desta parte se tem com maior clareza a “demonstração” que Irineu quer apresentar, ou seja, a concordância entre a doutrina da Igreja com as profecias e seu cumprimento por Jesus Cristo, em contraste com as doutrinas gnósticas de então.

Todo o corpo da *Demonstração* possui farto recurso ao Antigo Testamento, sempre na ótica de que Jesus Cristo é o cumprimento das promessas nele contidas, como também seus apóstolos assim o pregaram, e confiaram à Igreja essa pregação.

O c. 43 contém a profissão da preexistência do Filho de Deus. Antes da Encarnação, o Verbo preexistente dialogou com Abraão e com Ló,^[248] com Jacó,^[249] com Moisés^[250] e, sobretudo, pertencia à esfera divina.^[251] Os cc. 48-51 são consagrados a confessar a divindade do Filho de Deus com passos do Antigo Testamento.

Nessa *Segunda Parte*, Irineu procura afirmar que a encarnação do Filho de Deus é o coroamento definitivo da aproximação do Verbo com a humanidade.^[252] Uma série de textos proféticos é apresentada, especialmente de Isaías, a fim de aprofundar a encarnação do Filho de Deus.^[253] Em seguida, tem-se uma breve biografia do Filho de Deus,^[254] que introduz a exposição sobre a sua condenação, paixão, morte e ressurreição, feita a partir de textos do Antigo Testamento, sempre na ótica do cumprimento deste.

A partir do c. 86 até o c. 97, tem-se a apresentação da atividade missionária da Igreja, tendo como protagonistas os apóstolos. Nesta apresentação se fala da atividade missionária entre os judeus e os pagãos,^[255] da afirmação do primado do amor em contraste com a prolixidade da lei,^[256] da salvação no nome de Cristo, do primado do Espírito e do conhecimento da Nova Aliança,^[257] da vocação dos gentios^[258] e da santidade do Povo de Deus.^[259]

Os cc. 95 e 96 retomam o tema da vocação dos gentios^[260] e da ab-rogação da lei mosaica.^[261] Aqui são tocados temas ligados à questão antijudaica, a saber, a infidelidade do povo eleito aos pactos contraídos com Deus e a inutilidade da lei como instrumento para aproximar-se de Deus.^[262]

No c. 97, baseado em Br 3,29–4,1 e em Gn 1,26, Irineu afirma que o que parece impossível ao homem não é impossível a Deus, para tratar da salvação realizada por Jesus Cristo, pelo poder recebido do Pai, unido à ação do Espírito Santo.

Os três últimos capítulos, que constituem a conclusão da *Demonstração*, recordam a verdade da pregação da Igreja, testemunhada pelos apóstolos,^[263] defendem-na dos ataques dos hereges,^[264] e exortam a afastar-se dos mesmos hereges e incrédulos.^[265]

Nota-se na exposição de Irineu o testemunho da presença do Verbo divino nas diversas etapas da história da salvação, especialmente no Antigo Testamento. Nota-se também a relação entre cristologia e soteriologia, e a implicação mútua entre ambas, especialmente com relação à difusão da Igreja em meio aos gentios.

Já se disse que a ótica de Irineu é o cumprimento das promessas do Antigo Testamento por Jesus Cristo, o Verbo divino, que se encarnou para a salvação da humanidade. As profecias do Antigo Testamento são para Irineu obra da pregação do Espírito Santo, que também atuará na missão de Cristo e da Igreja.^[266]

No c. 52, Irineu assinala o objetivo da obra, especialmente seu recurso aos *Testimonia* do Antigo Testamento, dos quais Irineu escolheu os mais significativos para realizar a sua *Demonstração*.

Nota-se que a *Demonstração* começa e termina com o tema do batismo e da Trindade.^[267] Toda a obra é compreendida nos três principais artigos do Credo Batismal, elaborados a partir da fé na Trindade.

Dos três artigos, o segundo, sobre Cristo, é que tem maior relevância na *Demonstração*, sobre o qual Irineu fez amplo recurso aos textos do Antigo Testamento.

A. Benoit assinala que a diferença entre as duas grandes obras de Irineu está em que o acento dado no *Adversus Haereses* é a teologia, enquanto na *Demonstração* o acento é dado à cristologia e à soteriologia.^[268]

Embora a teologia do Espírito Santo não tenha sido tão desenvolvida na *Demonstração*, Irineu reconhece o papel fundamental do Espírito Santo, pois é através dele que os batizados podem ver o Filho de Deus, a partir de uma percepção interior e espiritual, numa relação de comunhão com o Filho de Deus. É também o Espírito Santo que faz com que os batizados tenham a convicção de que são filhos de Deus.^[269]

Nota-se que Irineu depende da “narração” batismal e, assim, a sua teologia trinitária é um eco da fé da Igreja.

Nota-se na *Demonstração* um caráter universalista da salvação operada por Jesus Cristo. Esse caráter universalista se apreende a partir da exposição das etapas da história

da salvação: criação, queda, história de Israel, encarnação e redenção. O fio condutor se encontra no c. 34, com a citação implícita de Ef 3,18,^[270] que trata da imensidão do amor de Deus, que atinge e compenetra toda a criação.^[271]

Como já se disse, uma das notas características da teologia de Santo Irineu é a noção de recapitulação, desenvolvida a partir de Ef 1,10. O Cristo recapitula na sua pessoa de Verbo Encarnado todas as realidades cósmicas, noção presente no *Adversus Haereses*^[272] e também na *Demonstração*.^[273] No cc. 6 e 30, Irineu afirma que um dos motivos da Encarnação é a recapitulação de todas as coisas. No c. 99, Irineu mostra que a Encarnação é a recapitulação do gênero humano.

Nos cc. 31 a 34, refutando o ebionismo, Irineu afirma que o Cristo recapitula Adão, que nasceu de uma virgem segundo a vontade e a sabedoria de Deus, para mostrar que, assim, possui a mesma corporeidade de Adão. Nos cc. 31 e 33, Irineu insiste na identidade do corpo de Cristo com o corpo humano, e que o caráter virginal da sua concepção mostra, também, que ele desceu à condição do primeiro pecador.^[274] Assim se percebe, nessa argumentação, um acento maior na humanidade do Verbo Encarnado, a fim de refutar o ebionismo.^[275]

Nos cc. 6, 30 e 99, ocorre o conceito de recapitulação como um aspecto da economia cósmica, assinalando que, através da missão do Filho, se dá a retomada e a restauração do plano original de Deus com a reprodução no homem Jesus das linhas que teve o homem na criação, e com o cancelamento das feições induzidas pela culpa. Assim, o efeito principal da recapitulação é a restauração da comunhão entre Deus e o homem. As palavras que melhor exprimem o estado indicado pela recapitulação são: “adoção filial”, “acesso a Deus através do Verbo e no Espírito Santo” e “incorrutibilidade”.^[276]

O amplo recurso que Irineu faz à Escritura para elaborar a sua *Demonstração* tem como motivação a gnose que ele quer refutar, que construiu um edifício não cristão com pretensões intelectuais e religiosas muito sublimes, servindo-se de muitos dados e materiais da Bíblia.^[277]

Segundo os estudiosos, o c. 42 é como uma ponte entre as duas partes da *Demonstração*: de um lado, a exposição catequética (I Parte) e do outro, a “demonstração” propriamente dita (II Parte), que resume o significado dos textos bíblicos citados e que prepara a defesa da verdade.^[278]

A *Demonstração*, como já se disse, pertence ao gênero catequético tradicional, o qual é bastante presente no Novo Testamento e nos escritores que precederam Irineu, afirmando que a vinda de Cristo foi anunciada no Antigo Testamento, e que o mesmo Cristo levou a cumprimento a lei e os profetas.^[279]

Contudo, os textos que Irineu toma para demonstrar tal cumprimento são muitos e variados, de forma que se conclui que ele não apenas seguiu, mas também superou os evangelistas e os autores que o precederam.^[280] Esse abundante recurso à Escritura tem

par em Justino.^[281]

Com a sua argumentação, Irineu pretende apresentar um sumário da Doutrina cristã, um compêndio doutrinal, com os temas que acreditava serem os mais importantes para o período que vivia.

Nota-se na *Demonstração* que Irineu tomou como ponto de referência o conceito de “história da salvação”, tão caro aos Padres da Igreja. Através da história da salvação, Irineu articula a sucessão de suas etapas, da criação à redenção. Irineu testemunha que o Antigo Testamento se dirige para a futura realização em Jesus Cristo. Irineu desenvolve mais a cristologia, apresentando o Cristo como Salvador; alguns temas aparecem reduzidos, como o fim dos tempos e o milenarismo; outros são ausentes, como a disciplina sacramental e penitencial.^[282]

Nota-se, também, a influência de vários autores que o precederam, especialmente São Justino, de quem é próximo, não apenas pelas ideias, mas também pelo recurso aos textos bíblicos.^[283]

Irineu tem clara a dimensão trinitária da Revelação divina. O Pai é revelado no Filho através do Espírito Santo.^[284] Irineu assinala também o caráter histórico da Revelação. A Revelação se dá no plano histórico e nele progride, ou seja, se orienta para a visão completa de Deus no fim dos tempos.

Na teologia de Irineu, o Espírito Santo tem um papel determinante, porque inspirou os profetas, porque está a serviço do Logos, porque assiste a Igreja, faz com que o fiel batizado participe na vida divina e lhe confere a incorruptibilidade.^[285] Também é o Espírito Santo que confere os carismas, e esses são espirituais, por causa da ação do Espírito de Deus.^[286] O Espírito Santo torna a carne mortal incorruptível.^[287]

A visão da Trindade se configura como manifestação da nossa semelhança com Deus, com a qual fomos criados.^[288] Essa visão estava fechada e selada na Antiga Aliança, no tempo da preparação.^[289] Com a manifestação da vida do Verbo – com a sua encarnação e com a sua ressurreição –, se dá a manifestação, por parte de Deus, do que significa essa semelhança com a qual a humanidade foi criada.^[290] Isso implica a transformação da vida do homem, que até então conduziu uma vida opaca e de espera, em uma vida de luz semelhante à do Ressuscitado.^[291]

Outra característica de Irineu é a síntese teológica, ou seja, ele apresenta a doutrina cristã de forma condensada e sintética, da sua apologia a partir da Escritura até a sua demonstração. Irineu toma o movimento do Antigo ao Novo Testamento, da prolixidade da lei à concisão da fé e do amor,^[292] destinados a se expandir em plenitude sobre toda a terra. Assim, as fórmulas de equilíbrio que Irineu ama – primeiro e segundo Adão, Eva e Maria, desobediência e obediência – não significam apenas harmonia e simetria estéticas, mas também a relação teológica entre as promessas e seu cumprimento.^[293] Dessa

forma, aquilo que não estava completo na Antiga Aliança atinge a sua plenitude por ocasião do evento Jesus Cristo: a realidade de Adão e a de Cristo; a realidade de Eva e a de Maria;^[294] o tempo da plenitude na eternidade, o mortal no imortal; o corruptível no incorruptível; o homem caído no homem perfeito, o Cristo;^[295] a sinagoga na Igreja.^[296]

Nessa transformação, as profecias não são completadas fora de si mesmas, mas na sua própria essência, num processo de reversão. Por exemplo, Adão é recapitulado no Redentor, inclusive na sua corporeidade.^[297]

A mesma abordagem se dá na concepção virginal do Verbo divino, tal como se lê na Escritura. O nascimento virginal é o sinal que permite reconhecer a unicidade e a autêntica humanidade de Cristo que, como homem, recebe de Maria não apenas a carne de Adão, mas também o seu arquétipo de ser, que tudo recapitula e que é, também, sinal distintivo do nascimento do Pai.^[298]

Da Revelação divina, fixada nas Escrituras, emana, segundo Irineu, a Tradição apostólica (*ordo traditionis*), que se põe no centro da verdade teológica, com a mesma solidez das Escrituras.^[299]

Deus não é apenas o Criador, mas também a majestade livre que tudo compreende e que ninguém delimita quando o conhece^[300]. O mistério da Santíssima Trindade é inefável, e não deixa de sê-lo quando se deixa conhecer através do Filho e do Espírito, com os quais criou o mundo.^[301] Deus se dá a conhecer no amor,^[302] na história e na economia da salvação fixada na Escritura.^[303]

Cristo é o centro da economia da salvação. Ele possui dois extremos: na *linha horizontal*, ele coroa um longo desenvolvimento orgânico das épocas do mundo; na *linha vertical*, ele desceu livremente do céu para a salvação da humanidade.^[304] Se fosse apenas homem, a humanidade estaria ainda escrava da desobediência e marcada pela morte.^[305] Tudo depende, então, da realidade do Homem-Deus,^[306] da união íntima do Espírito Santo com a Sua carne.^[307] Ao encarnar-se, o Verbo divino se torna carne para ter uma corporeidade igual à de Adão, porque é na vida terrena de Jesus que se encontra a salvação,^[308] e isso implica a sua morte.^[309]

A ressurreição de Jesus põe fim à sua vida terrena e é o selo colocado em toda a economia da salvação; ela torna, assim, definitiva a dimensão divino-humana da sua vida.^[310]

Deus tem como meta, seja na criação, seja na redenção, liberar o homem do pecado e da morte. O homem é como um microcosmo no qual podem ser reconhecidas todas as realidades do grande cosmo e, em certo sentido, Deus o imprimiu como um ícone,^[311] receptáculo do poder e da sabedoria divina,^[312] que manifesta a glória de Deus,^[313] na qual foi justificado,^[314] ainda que, nas demais criaturas, inclusive nas potências obscuras, também brilhe a glória de Deus^[315]. Mas o batismo modela o homem e lhe revela o

caráter trinitário da imagem que assume.^[316] Essa experiência, que se dá no tempo, é uma manifestação recíproca entre Deus e o homem, e tem as características de uma promoção.^[317] Por outro lado, o homem não evita a ação modeladora da Trindade, pois, criado menino, com essa experiência ele se torna sábio.^[318]

Como homem, experimenta o pior para chegar a apreciar os dons de Deus,^[319] a obedecer a Deus e a peregrinar neste mundo guiado pelo Verbo.^[320] Deus também fez a experiência do homem. Irineu recorda que, no batismo dele, o Espírito Santo desceu sobre o Senhor para habituar-se a habitar entre os homens.^[321]

Nesse esquema de iniciação da divindade à humanidade, a Antiga Aliança é a fase preparatória do encontro da humanidade com a divindade, e também do encontro da divindade com a humanidade,^[322] e, assim, a economia guiada por Deus é uma educação do homem por parte de Deus em vista do Homem-Deus.^[323] Irineu interpreta que as teofanias contidas no Antigo Testamento têm como finalidade, de um lado, iniciar o Verbo divino a habitar entre os homens e, do outro, preparar os homens a acolher entre eles o Verbo encarnado.^[324]

A plenitude, a totalidade se dá em Cristo. Com Abraão, com Noé, não começa uma nova ordem, mas promessas, uma Aliança. No comportamento dos filhos de Noé, depois do dilúvio, se exprimem, de maneira simbólica, as bênçãos e as maldições, as duas vias que os homens de todos os tempos percorrem.^[325] Em Cristo, as profecias, as promessas e as figuras chegam ao seu ápice,^[326] e também se estendem por todo o cosmo.^[327] Mas no homem está o trânsito do estado de infância ao estado educado, adulto.^[328]

Percebe-se, na *Demonstração*, portanto, que Irineu quer, de fato, “demonstrar” a pregação recebida da geração apostólica, especialmente através da releitura cristã do Antigo Testamento, visando formar o cristão adulto. Temos nas mãos, verdadeiramente, um “catecismo superior”. Nele, exara a segurança da fé em Cristo na perspectiva da história da salvação, a consciência de pertença à Igreja católica e o entusiasmo catequético – apologético e evangelizador – do santo bispo de Lyon.

DEMONSTRAÇÃO DA PREGAÇÃO APOSTÓLICA

O Caminho da vida

1. Conheço, caro Marciano,^[1] a tua diligência a caminhar no caminho da piedade, que só conduz o homem à vida eterna; me alegro e rezo para que, conservando pura a fé, tu sejas agradecido a Deus, teu Criador. Podíamos estar sempre juntos para nos ajudarmos mutuamente a aliviar as preocupações da vida terrena como uma troca contínua de pensamentos sobre temas úteis. Como estamos fisicamente longe um do outro, decidimos, nos limites do possível, nos entreter por escrito, e te expor brevemente a pregação da verdade, para que te consolides na fé. O que te enviamos é uma série de anotações sobre pontos fundamentais do corpo da verdade; e que, com este compêndio, tenhas à mão as provas das realidades divinas. Assim, o resultado servirá não apenas à tua salvação, mas também à confutação daqueles que cultivam falsas opiniões, e a quem o quer conhecer, tu exporás com segurança o nosso ensinamento na sua integridade e pureza. De fato, para aqueles que veem, não existe senão uma estrada em ascensão, iluminada pela luz celeste; mas para aqueles que não veem, as estradas são muitas, sem iluminação e descendentes. A primeira estrada conduz ao Reino dos Céus e une o homem a Deus; as outras estradas conduzem à morte e se afastam de Deus. Portanto, para ti e para quem tem no coração a sua salvação, é necessário caminhar na fé, sem desviar, com coragem e determinação, para evitar que, faltando tenacidade e perseverança, não se entreguem aos prazeres materiais ou que, errando a estrada, se afastem do reto caminho.

Fé e obras

2. Como o homem é um ser vivente, composto de alma e corpo, necessita agir segundo esses dois componentes. E porque as ocasiões de queda provêm de ambas as partes, existe uma santidade do corpo, que é a continência de todas as coisas descaradas e de toda ação iníqua, e uma santidade da alma, que conserva intacta a fé em Deus, sem acrescentar ou tirar nada. Por isso, a piedade é manchada e perde a sua candura quando é contaminada pela impureza do corpo; se rompe, se macula e se desintegra quando o erro entra na alma; [mas] se manterá a beleza e a justa medida se a verdade permanece constantemente na alma e na santidade do corpo. Mas a que serve conhecer a verdade através das palavras, se se profana o corpo e se se realizam ações degradantes? Qual vantagem haverá ao conservar realmente a santidade do corpo se a verdade não está na alma? Ambas, de fato, devem estar juntas, são aliadas, e combatem lado a lado para conduzir o homem à presença de Deus. Por esse motivo, o Espírito Santo, através de Davi, diz: “Feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos

pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores”.^[2] “Conselho dos ímpios” significa o conselho dos povos que não conhecem a Deus; de fato, “ímpios” são aqueles que não veneram aquele que é Deus por natureza. Por isso, o Verbo disse a Moisés: “Eu sou aquele que é”.^[3] Dessa forma, aqueles que não veneram aquele que verdadeiramente é, são ímpios. “[Aquele que] não anda pelo caminho dos pecadores”. “Pecadores” são aqueles que, mesmo que conheçam a Deus, não observam os mandamentos, as pessoas que vilipendiam a Deus. “Nem toma parte [na cátedra] nas reuniões dos zombadores [cínicos]”. Cínicos são aqueles que, com doutrinas falsas e perversas, corrompem não somente a si próprios, mas também outros. A “cátedra” é, de fato, símbolo da escola. Tais são os hereges, “tomam parte na cátedra dos cínicos” e levam à corrupção aqueles que tomam o veneno de suas doutrinas.

A regra da fé e as consequências para o crente

3. Ora, pelo temor de qualquer coisa de similar, nós devemos manter inalterada a Regra da Fé e cumprir os mandamentos de Deus crescendo nele, temendo-o como Senhor, e amando-o como Pai. Tal comportamento, então, é uma conquista da fé, pois, como diz Isaías: “Se não crerdes, não vos mantereis firmes”.^[4] A fé é dada pela verdade, pois a fé se funda sobre a verdade. De fato, nós cremos no que realmente é, e como é; e, crendo no que realmente é, como sempre é, manteremos a nossa firme adesão. Ora, como a fé sustenta nossa salvação, é necessário dar muita atenção para obter uma verdadeira inteligência da verdade. É a fé que nos mostra tudo isto como nos comunicaram os presbíteros, discípulos dos apóstolos. Antes de tudo, a fé nos convida com insistência a recordar que recebemos o batismo para a remissão dos pecados em nome de Deus Pai e em nome de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado, e no Espírito Santo de Deus; que o batismo é o selo da vida eterna, o novo nascimento em Deus, de modo que já não somos mais filhos de homens mortais, mas de Deus eterno e indefectível; que o Eterno e o Indefectível é Deus, acima de todas as criaturas, e que cada coisa, de qualquer espécie, está sujeita a ele, e o que está sujeito a ele foi por ele criado. Deus, por isso, não exercita o seu poder e a sua soberania sobre o que pertence a outros, mas sobre o que é seu. E tudo é de Deus. De fato, Deus é onipotente, e tudo provém dele.

I – A Catequese dos Apóstolos (cc. 4-41)

Deus na origem do mundo

4. Por isso, é necessário que as coisas criadas tenham por princípio uma qualquer grande causa, e o princípio de tudo é Deus. Ele não deriva de algo, enquanto por ele foi criado cada ser. Por isso, é necessário, antes de tudo, admitir que existe um só Deus Pai, que criou e pôs em ordem o conjunto dos seres, e fez existir o que não existia e que, circunscrevendo o universo, é o único a não ser circunscrito. No complexo das coisas criadas, existe este nosso mundo e, no mundo, o homem. Então, também este mundo foi criado por Deus.

A ação do Verbo e do Espírito Santo no cosmo

5. Assim, então, se demonstra um só Deus, Pai, incriado, invisível, criador do universo, acima do qual não existe Deus, como não existe depois dele. Deus é racional e, por isso, todos os seres foram criados pelo seu Verbo; Deus é Espírito e, assim, ordenou todas as coisas, como diz o profeta: “O céu foi feito com a palavra de Iahweh, e seu exército com o sopro de sua boca”.^[5] Ora, como o Verbo “estabelece”, é aquele que cria e consolida tudo o que existe, e o Espírito ordena e dá forma às diversas “potências” justamente com propriedade de linguagem, o Verbo é chamado Filho e o Espírito Sabedoria de Deus. Paulo diz a esse propósito: “Há um só Deus Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos”.^[6] Então, o Espírito mostra o Verbo; os profetas, por sua vez, anunciaram o Filho de Deus, mas o Verbo liga a si o Espírito, e por isso é ele que comunica aos profetas a mensagem, e eleva o homem ao Pai.

Os três artigos da fé^[7]

6. Eis a ordem da nossa fé, o fundamento do edifício e a base da nossa conduta: Deus Pai, incriado, incircunscrito, invisível, único Deus, criador do universo. Tal é o primeiro e principal artigo de nossa fé. O segundo é o Verbo de Deus, Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor, que apareceu aos profetas segundo o desígnio de sua profecia e segundo a economia disposta pelo Pai; por meio dele foi criado o universo. E no fim dos tempos,^[8] para recapitular todas as coisas, [o Verbo] se fez homem entre os homens,^[9] visível e tangível,^[10] para destruir a morte,^[11] para manifestar a vida e restabelecer a comunhão^[12] entre Deus e o homem.^[13] E como terceiro artigo, o Espírito Santo, de cujo poder os profetas profetizaram, e os Padres foram instruídos com relação a Deus, e os justos foram guiados no caminho da justiça, e que no fim dos tempos foi difundido de um modo novo sobre a humanidade, por toda a terra, renovando o homem para Deus.^[14]

7. Por isso, o batismo, nosso novo nascimento, tem lugar para estes três artigos, e nos

concede renascer a Deus Pai por meio de seu Filho no Espírito Santo, porque os portadores do Espírito de Deus são conduzidos ao Verbo, isto é, ao Filho, que é quem os acolhe e os apresenta ao Pai, e o Pai lhes dá a incorruptibilidade. Sem o Espírito, é, pois, impossível ver o Verbo de Deus, e sem o Filho, nada pode aproximar-se do Pai, porque o Filho é o conhecimento do Pai, e o conhecimento do Filho se obtém por meio do Espírito Santo. Mas o Filho, segundo a bondade do Pai, dispensa como ministro o Espírito Santo a quem quer, e como o Pai quer.

8. Se o Espírito chama o Pai, Altíssimo, Onipotente e Senhor das potências, é para nos ensinar que tal é Deus, isto é, criador do céu e da terra e de todo o universo, criador dos anjos e dos homens e Senhor de todos, por meio do qual tudo existe e é conservado com vida, misericordioso, compassivo, cheio de ternura, bom, justo, Deus de todos, dos judeus, dos gentios e dos crentes; porém, dos crentes é Deus Pai, porque, no fim dos tempos, abriu o testamento da adoção filial; dos judeus, ao invés, é Senhor e legislador, porque, quando, nos tempos medianos, aqueles homens esqueceram Deus, afastando-se e rebelando-se com ele, os reconduziu à obediência mediante a Lei, a fim de que aprendessem que tinham um Senhor que é autor, criador e que dá o sopro de vida, ao qual devemos prestar culto dia e noite; dos gentios é criador, demiurgo e onipotente. Para todos, sem exceção, é doador de alimento e comida, rei e juiz, porque nada escapará a seu juízo, nem judeu, nem gentio, nem nenhum crente que pecou, nem mesmo um anjo. Aqueles que no presente se negam a crer em sua bondade experimentarão no juízo o seu poder, como diz o Santo Apóstolo: “[...] desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão. Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente, acumulas contra ti um monte de ira, no dia da ira em que se revelará o justo julgamento de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras”.^[15] Este é Aquele que na Lei é chamado o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, Deus dos vivos.^[16] Desse Deus, é indescritível a sua transcendência e a sua magnitude.

A terra envolvida por sete céus

9. A terra é circundada por sete céus, nos quais residem inumeráveis potências, anjos e arcanjos, que rendem culto ao Deus onipotente, não como a qualquer um que tenha necessidade de culto, mas para não ficarem ociosos, inúteis e ingratos. Por isso, a presença do Espírito Santo é pluriforme, e é pelo profeta Isaías enumerada nos sete carismas recebidos pelo Filho de Deus, isto é, pelo Verbo, em sua vinda como homem. Com efeito, disse: “Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, [espírito de ciência], espírito de conhecimento e de temor de Iahweh”.^[17] O primeiro céu, então, a partir do alto, que compreende todos os outros, é a *sabedoria*; o segundo é a *inteligência*; o terceiro é o *conselho*; o quarto, em linha descendente, é a *fortaleza*; o quinto é a *ciência*; o sexto é a

piedade; o sétimo, o nosso firmamento, é cheio do temor deste Espírito, que ilumina os céus. Segundo esse esquema, Moisés recebeu o candelabro de sete braços continuamente aceso no Santuário. De fato, ordenou a liturgia segundo esse esquema celeste, como lhe disse o Verbo: “Vê, pois, e faz tudo conforme o modelo que te foi mostrado sobre a montanha”. [18]

O papel dos seres do cosmo

10. Esse Deus, então, é glorificado pelo seu Verbo, que é o Filho eterno, e pelo Espírito Santo, que é a Sabedoria do Pai do universo. As suas potências, isto é, desse Verbo e dessa Sabedoria, chamadas também Querubins e Serafins, glorificam a Deus com cantos incessantes, e todo o aparato celeste tributa glória a Deus, Pai do universo. Ele, com o Verbo, fez existir o mundo inteiro e, desse modo, são incluídos os anjos; ao mundo inteiro foram fixadas leis, para que cada qual fique no seu lugar e não saia do limite estabelecido por Deus, cada qual cumprindo a obra que lhe foi confiada.

A criação do homem

11. Deus criou o homem com as suas mãos, tomando da terra o que existia de mais puro e mais fino, e misturando na medida certa a sua potência. De fato, traçou sobre esse composto o seu próprio perfil, de modo que o que seria visível levasse a imagem divina, porque, como imagem de Deus, o homem foi plasmado e colocado na terra. E a fim de que se tornasse ser vivo, lhe soprou sobre o rosto o hálito vital, de modo que, no espírito e no físico, o homem fosse semelhante a ele. [O homem] foi criado por Deus livre e autônomo para dominar todos os seres da terra. Este mundo criado, preparado por Deus antes de plasmar o homem, foi dado ao homem como seu território com todos os bens que continha. Em tal território agiam, cada qual segundo as próprias tarefas, os servos daquele Deus que criou todas as coisas; nisso dominava o regente e cabeça que foi constituído chefe dos servos seus iguais; os servos eram os anjos, enquanto o regente e cabeça era um arcanjo.

O Paraíso de luz

12. O homem feito o dono da terra e de quanto nela se encontra, secretamente [Deus] o fez dono dos servos que existiam. Estes estavam em pleno desenvolvimento, enquanto o dono, isto é, o homem, era pequeno, porque menino, e devia crescer para atingir o estado adulto. A fim de se nutrir e se desenvolver com gozo e alegria, lhe foi preparado um lugar, o melhor deste mundo, privilegiado pelo ar, pela beleza, pela luz, pela comida, pelas plantas, pelos frutos, pelas águas, e por todas as outras coisas necessárias à vida. Esse lugar se chamava Jardim. Assim, tão belo e agradável era o Jardim, que o Verbo de Deus ia lá habitualmente, passeava e se entretinha com o homem, prefigurando o que aconteceria no futuro, isto é, que seria seu concidadão e conversaria com ele, e habitaria

com os homens, ensinando a sua justiça. Mas o homem era menino e o seu senso de razão não estava ainda desenvolvido. Assim, foi facilmente enganado pelo sedutor.

Eva, a imagem perfeita de Adão

13. Então, Deus conduziu diante de Adão, que estava passeando no Jardim, todos os animais, e lhe ordenou dar um nome a cada qual, embora ele se chamasse Adão, um ser vivo, tal era o seu nome.^[19] Deus decidiu também criar uma auxiliar para o homem, dizendo: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda”.^[20] Entre todos os viventes, não foi encontrado um ajudante igual, comparável e similar a Adão. Deus, então, fez descer sobre Adão um êxtase e o adormeceu e, para realizar uma obra que derivasse de outra obra, foi induzido sobre Adão, por vontade de Deus, aquele sono que não existia no Paraíso. [Deus] tomou, então, uma costela de Adão, preencheu de carne o vazio criado e, com a costela extraída, fez a mulher, que conduziu a Adão. Esse, vendo-a, exclamou: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem”.^[21]

O casal ideal

14. Adão e Eva – esse é o nome da mulher – estavam nus e sem vergonha, porque os seus pensamentos eram inocentes e infantis, e não tinham ideia ou imagem que são gerados na alma pelo mal, cúmplice da concupiscência, e pelas paixões. Viviam, de fato, na integridade, conservando o seu estado natural, porque o que foi insuflado no seu plasma era hálito vital. Ora, até quando durou e perseverou aquele sopro, com sua ordem e seu vigor, não imaginavam ou pensavam coisas ignóbeis. Por tal motivo, não se envergonhavam de beijar-se e abraçar-se com infantil inocência.

A primeira Lei

15. Mas por temor de que o homem cultivasse pensamentos de grandeza e se exaltasse, como se não houvesse um Senhor, pela autoridade que lhe foi concedida e pela liberdade de acesso a Deus, e ficasse contra Deus, o seu Criador, desconfiando e comprazendo-se consigo mesmo, e assumisse atitudes arrogantes contra Deus, esse lhe impôs uma lei, para que reconhecesse ter por Senhor o Senhor do universo. Deus, então, lhe impôs certos limites, de modo que se observasse o preceito de Deus, e permanecesse sempre como era, ou seja, imortal; mas, se não o observasse, se tornaria mortal, destinado a dissolver-se naquela terra, da qual foi tomado o seu corpo. Eis o preceito: “Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque, no dia em que dela comeres, terás que morrer”.^[22]

Satanás envolvido na queda do homem

16. O homem não observou esse preceito e desobedeceu a Deus, enganado por aquele anjo, que, ciumento do homem e invejoso dos muitos favores cumulados por Deus, arruinou a si próprio e fez do homem um pecador, induzindo-o a transgredir o preceito de Deus. O anjo, tornado por causa de sua mentira chefe e guia do pecado, foi ele mesmo golpeado por ter ofendido a Deus e provocado a queda do homem do Jardim. E, pois, por causa do seu comportamento, se rebelou e se afastou de Deus, foi chamado em hebraico Satanás, ou seja, rebelde. Mas é também chamado caluniador. Deus, então, amaldiçoou a serpente, que havia sido o disfarce do diabo; maldição que alcançou o próprio animal e o anjo escondido nele, Satanás. E ao homem, [Deus] o expulsou da sua presença, mandando-o habitar então no caminho que conduz ao Jardim, pois o Jardim não admite o pecador.

Primeira experiência da ausência de Deus. Caim e Abel

17. Expulsos do Jardim, Adão e sua mulher, Eva, fizeram experiência de muitas tribulações físicas e espirituais, e viveram neste mundo na tristeza, na fadiga e nos lamentos. Sob os raios do sol, o homem arava a terra e essa lhe produzia, castigado pelo pecado, espinhos e ervas daninhas. Então se cumpriu a Escritura: “O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim [...] depois ela deu também à luz Abel, irmão de Caim”.^[23] Mas o anjo rebelde, que induziu o homem à desobediência, tornando-o um pecador e causando-lhe a expulsão do Jardim, não satisfeito com a primeira empresa, arquitetou uma outra com relação aos irmãos. Caim, imbuído de seu espírito, se fez um fratricida.^[24] Abel morreu assassinado pelo irmão, vindo, assim, a significar que, dali para diante, alguns seriam perseguidos, atormentados e mortos, enquanto os malvados matariam e perseguiriam os justos. Por isso, Deus se encolerizou terrivelmente, amaldiçoou Caim, e, desde então, todos os descendentes na linha de sua sucessão foram semelhantes a seu progenitor. Deus, depois, fez com que Adão tivesse outro filho em substituição ao assassinato de Abel.

A mudança total dos valores humanos. Os gigantes e a arte da sedução

18. A maldade, que se expandiu continuamente, alcançou e inundou todo o gênero humano, a tal ponto que pouquíssimos traços de justiça sobreviveram entre os homens. Por isso, na terra ocorriam uniões ilegítimas: os anjos se uniam com a descendência feminina dos homens e [essas] deram à luz filhos que pelo extraordinário tamanho foram chamados gigantes.^[25] Então, esses anjos deram de presente às suas mulheres doutrinas perversas: ensinaram os poderes das plantas e das ervas, a arte das tintas e dos cosméticos, a descoberta das substâncias preciosas, os filtros mágicos, os ódios, os amores, as paixões, as seduções de amor, as cadeias mágicas, todo gênero de adivinhações e de idolatria odiados por Deus. Uma vez que entraram no mundo, o mal se expandiu até transbordar, e a justiça diminuiu até quase desaparecer.

O dilúvio

19. Por fim, quando veio sobre o mundo o justo juízo de Deus, na décima geração, contando desde o primeiro homem, unicamente Noé foi encontrado justo e, graças à sua própria justiça, foi salvo com sua mulher, seus três filhos e suas mulheres, colocados na arca com os animais que Deus havia ordenado a Noé nela introduzir.^[26] Quando a destruição se aproximava da terra, sobre os homens e os seres vivos, se salvaram apenas os que estavam na arca. Os três filhos de Noé eram Sem, Cam e Jafé, e sua estirpe voltou a multiplicar-se. Essa é a origem de todos os nascidos depois do dilúvio.

As bênçãos e maldições na família de Noé

20. Dentre os filhos de Noé, um deles caiu em maldição, enquanto os outros dois herdaram a bênção pelas suas obras. O mais jovem deles, de fato, chamado Cam porque riu dos seus pais, tornou-se culpado do pecado de impiedade por afrontar e ofender o pai, e atraiu a maldição que se transmite a toda a sua descendência. Resultou que toda a sua descendência foi amaldiçoada, e nesse pecado cresceu e se multiplicou. Ao contrário, Sem e Jafé, seus irmãos, pela piedade pelo seu genitor, obtiveram a bênção. Eis os termos da maldição lançada por Noé sobre Cam: “Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos”.^[27] Quando alcançou a idade adulta, Cam teve sobre a terra uma posteridade numerosa como uma floresta, desenvolvendo-se por quatorze gerações de descendentes, quando por Deus, em seguida, foi ceifada. De fato, os cananeus, os eteus, os farezeus, os eveus, os amorreus, os jebuzeus, os gergeseus, os sodomitas, os árabes, os habitantes da Fenícia, todos os egípcios e os lídios descendem de Cam, e caíram sobre a maldição, que se estende por longo tempo sobre aqueles ímpios.

21. Tal como a maldição seguiu o seu caminho, também a bênção se estendeu à posteridade dos que a receberam, cada qual segundo a sua ordem. Primeiramente, foi abençoado Sem com estas palavras: “Bendito seja Iahweh, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo!”.^[28] O efeito da bênção é este: Deus, Senhor do universo, tornou-se, por Sem, objeto privilegiado de sua piedade; a bênção se desenvolveu quando atingiu Abraão, que, na descendência de Sem, chega à décima geração segundo a ordem genealógica descendente.^[29] E é esta razão pela qual o Pai, Deus do universo, se compraz em ser chamado “Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó”, porque a bênção de Sem chagou até Abraão. A bênção de Jafé foi formulada da seguinte forma: “Que Deus dilate Jafé, que ele habite nas tendas de Sem, e que Canaã seja seu escravo!”.^[30] Essa bênção floresceu ao final desse período, quando o Senhor se manifestou às nações por seu chamado – pois Deus dilatou seu chamado até elas – e “por toda a terra sua linha aparece, e até os confins do mundo a sua linhagem”.^[31] Dilatar significa, pois, o chamado dentre as nações, a saber, a Igreja. E “habitar na casa

de Sem” indica a herança dos patriarcas, por terem recebido de Jesus Cristo o direito de primogenitura.^[32] Desse modo, segundo a ordem da bênção, cada um recebeu, por meio da descendência, o fruto da bênção.

A Aliança universal

22. Depois do dilúvio, Deus estabeleceu um pacto de aliança com o mundo inteiro, em particular com os animais e com os homens, em virtude da qual jamais destruiria com um dilúvio o que refloresceria sobre a terra, e lhes deu um sinal: “Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco aparecer na nuvem, eu me lembrarei da aliança que há entre mim e vós e todos os seres vivos: toda carne e as águas não mais se tornarão um dilúvio para destruir toda carne”.^[33] [Deus] Mudou a comida dos homens, dando-lhes ordem de comer carne, pois, a partir da primeira criatura, Adão, até o dilúvio, os homens se alimentavam apenas de grãos e frutos das árvores; porém, o alimento da carne não lhes era permitido. Como os três filhos de Noé eram o princípio da raça dos homens, Deus os abençoou para que se multiplicassem e crescessem, dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra. Sede o medo e o pavor de todos os animais da terra e de todas as aves do céu, comei de tudo que se move pela terra e todos os peixes do mar: eles são entregues nas vossas mãos. Tudo o que se move e possui vida vos servirá de alimento, tudo isso eu vos dou, como vos dei as verduras das plantas. Mas não comereis a carne com a sua alma, isto é, o sangue. Pedirei contas, porém, do sangue de cada um de vós. Pedirei contas a todos os animais e ao homem, aos homens entre si, eu pedirei contas da alma do homem. Quem derrama o sangue do homem, pelo homem terá seu sangue derramado. Pois à imagem de Deus o homem foi feito”.^[34] E a imagem de Deus é o Filho,^[35] de cuja imagem foi feito o homem.^[36] Por essa razão, [o Filho] se manifestou no fim dos tempos, “para demonstrar que imagem era semelhante a ele”. Depois dessa aliança, o gênero humano se multiplicou e se propagou a partir da posteridade desses três filhos de Noé. E “havia, então, um só lábio na terra”,^[37] ou seja, uma só língua.

Babel: a resistência ao plano de Deus

23. Levantadas as tendas, na sua peregrinação chegaram à planície de Senaar; aqui decidiram edificar uma torre. Procuravam com ela atingir o céu, presumindo deixar a sua obra como monumento às futuras gerações. O edifício foi feito de tijolos cozidos e de betume; a sua audácia e temeridade cresciam; graças ao acordo e à união de intenções e ao uso de uma só língua, o seu desejo ia se realizando. Mas, a fim de que a obra não progredisse, Deus dividiu as suas línguas, de modo que não se entendessem mais. Assim, se dispersaram e ocuparam a terra, agrupando-se segundo a língua. Daqui os diferentes povos e as diversas línguas sobre toda a terra. De fato, três raças humanas se apropriaram da terra. Uma delas estava sobre o pesadelo da maldição, as outras duas

eram abençoadas. A bênção desceu primeiro sobre Sem, cujos descendentes habitaram o Oriente e ocuparam o país dos caldeus.

Aliança com Abraão

24. Mais tarde, na décima geração depois do dilúvio, se encontra Abraão, que buscava Deus, que lhe corresponde e que lhe pertence pela bênção de seu antepassado (Sem). Quando, seguindo o ardente desejo de seu coração, peregrinava pelo mundo perguntando-se onde estava Deus e começou a fraquejar e estava a ponto de desistir da busca, Deus teve piedade daquele que, sozinho, o buscava em silêncio. E Deus se manifestou a Abraão, dando-se a conhecer por meio do Verbo, como que por um raio de sol; falou-lhe do céu e lhe disse: “Sai de tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei”.^[38] Ele (Abraão) confiou na voz celeste e, apesar de ter setenta anos^[39] e uma mulher anciã, com ela abandonou a Mesopotâmia e levou consigo Ló, filho de seu irmão defunto. Quando chegou à terra que hoje se denomina Judeia, então habitada por sete povos descendentes de Cam,^[40] Deus lhe apareceu em visão, e lhe disse: “É à tua posteridade que eu darei esta terra”.^[41] [Acrescentou] que a sua descendência seria peregrina em um país estrangeiro, onde seria maltratada, aflita e reduzida à escravidão por quatrocentos anos; mas a quarta geração retornaria à terra prometida a Abraão, e Deus condenaria o povo que escravizou a sua posteridade.^[42] E para que Abraão conhecesse a grandeza e o esplendor de sua descendência, Deus o fez sair de noite e lhe dirigiu estas palavras: “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar. Assim será a tua posteridade”.^[43] E Deus, vendo a fé e a firme decisão de seu espírito, lhe deu testemunho dizendo na Escritura através do Espírito Santo: “Abraão creu em Iahweh, e lhe foi tido em conta de justiça”.^[44] [Abraão] era incircunciso quando recebeu esse testemunho e, a fim de que a sua fé fosse reconhecida por um sinal, [Deus] lhe deu a circuncisão “e recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé, que ele tinha quando incircunciso”.^[45] Depois disso, segundo a promessa de Deus, da estéril Sara, teve um filho, Isaac, que circuncidou segundo o pacto que Deus havia estipulado com ele. De Isaac nasceu Jacó.^[46] Assim, a inicial bênção de Sem atingiu Abraão, e de Abraão passou a Isaac, e de Isaac a Jacó, graças à atribuição da herança feita pelo Espírito. Por isso, ele é chamado o “Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”.^[47]

A migração no Egito e a Páscoa

25. Quando uma carestia golpeou toda a terra, apenas o Egito contava com gêneros alimentícios; Jacó imigrou com toda a família àquele país. O número total dos imigrantes chegava a 75 pessoas e em 400 anos chegaram a ser, segundo as predições, 660.000.^[48] Dado que sofreram muitas tribulações e opressões em uma cruel escravidão, e gemiam e

se lamentavam a Deus, o Deus de seus Pais, Abraão, Isaac e Jacó, os tirou do Egito, valendo-se de Moisés e de Aarão, depois de ter castigado os egípcios com dez pragas, na última das quais mandou um anjo exterminador para matar os primogênitos, tanto dos homens como dos animais.^[49] Assim salvou os filhos de Israel, prefigurando de um modo misterioso a paixão de Cristo, na imolação de um cordeiro imaculado e em seu sangue, derramado como garantia de imunidade, para aspergir as casas dos hebreus. O mistério recebeu o nome de “Paixão”, manancial de libertação.^[50] Dividido o mar Vermelho, [Deus] conduziu com todas as precauções os filhos de Israel ao deserto, enquanto os egípcios, que se lançaram em sua perseguição no mar, pereceram todos. Esse foi o juízo de Deus contra os que injustamente oprimiram a estirpe de Abraão.^[51]

O Decálogo entregue a Moisés

26. Moisés, no deserto, recebeu de Deus a Lei: o Decálogo, gravado em tábuas de pedra pelo dedo de Deus – o dedo de Deus é o que sai do Pai no Espírito Santo – os preceitos e os decretos que transmitiu aos filhos de Israel para que os guardassem.^[52] Por ordem de Deus, [Moisés] construiu o tabernáculo do testemunho, construção visível na terra das realidades espirituais e invisíveis do céu, figura da Igreja e representação profética das realidades futuras. Ali colocou os vasos, os altares e a arca, na qual introduziu as Tábuas.^[53] [Deus] constituiu sacerdotes Aarão e seus filhos, que descendiam de Levi, conferindo o sacerdócio a toda a sua estirpe. Além disso, chamou, por ordem de Deus, toda essa estirpe para exercer o ministério cultural no Templo de Deus. E lhes deu a Lei levítica, que fixa quais qualidades e qual conduta devem ter aqueles que continuamente se dedicam ao serviço do culto no Templo de Deus.^[54]

A exploração da Terra Prometida e a peregrinação no deserto

27. Quando se aproximavam da Terra Prometida por Deus a Abraão e à sua posteridade, Moisés escolheu um homem de cada tribo e os enviou a explorar aquela terra, as cidades e os seus habitantes. Foi então que Deus lhes revelou o único Nome capaz de salvar os que nele crerem. Moisés mudou o nome de Oseias, filho de Num, um dos exploradores, e lhe pôs o nome de Jesus [Josué]. E Moisés os enviou com o poder daquele nome, persuadido de que os acolheriam e voltariam incólumes, por terem sido conduzidos por aquele nome,^[55] o que, de fato, aconteceu. Concluída a missão de espionagem e de exploração, regressaram, trazendo um ramo de uvas; porém, um dos doze exploradores amedrontou-se e alarmou o povo ao relatar que as cidades eram imensas e fortificadas, e que os homens, filhos dos Titãs, tinham uma estatura gigantesca^[56] e eram capacitados para defender a sua terra.^[57] Ao receber tais notícias, o povo chorou, perdendo a fé em Deus, que os fortalecia e submetia todo o mundo. Murmuraram da Terra (prometida), como se não fosse boa, e que por uma terra de tal natureza não valia a pena correr risco

algum. Porém, dois dentre os doze, Jesus, filho de Num, e Caleb, filho de Jefoné, rasgaram as vestes pelo mal assim cometido e suplicaram ao povo não abater-se nem perder a coragem, pois Deus lhes deu tudo nas suas mãos e a terra era excelente. Como o povo não se convenciu e persistia na incredulidade, Deus desviou e mudou o seu itinerário para que dispersasse, e o afligiu no deserto. E contando um ano por dia por todos os dias empregados na viagem de ida e retorno daqueles que foram explorar e inspecionar a terra, isto é, quarenta dias, Deus os manteve quarenta anos no deserto. Nenhum adulto e na plena posse da razão foi julgado digno de entrar na terra por causa da incredulidade, exceção feita a Jesus (Josué), filho de Num, e Caleb, filho de Jefoné, que falaram bem da herança prometida, e as crianças incapazes de distinguir a direita da esquerda. Pouco a pouco, o povo incrédulo chegou ao final e, lentamente, pereceu no deserto, castigado justamente por sua incredulidade. As crianças nesses quarenta anos cobriram os lugares que haviam sido deixados vazios pelos mortos.

O Deuteronômio

28. Transcorridos os quarenta anos, o povo chegou às cercanias do rio Jordão e, reagrupando-se, se alinhou para a batalha diante de Jericó. Aqui, diante do povo reunido, Moisés evocou a história passada, recordando os grandes feitos de Deus até o presente, preparando e dispondo aqueles que eram crescidos no deserto a temer a Deus e a observar os mandamentos. Impôs a esses uma nova legislação, acrescentando-a àquela que foi estabelecida anteriormente. Esse novo corpo legislativo foi chamado Deuteronômio, ou seja, a Lei segunda, nas quais estão escritas muitas profecias referentes a Nosso Senhor Jesus Cristo, ao povo, à vocação dos gentios e ao Reino.^[58]

A distribuição da terra

29. Quando Moisés estava a ponto de terminar o curso de seus dias, Deus lhe disse: “Sobe a esta montanha dos Abarim, sobre o monte Nebo, na terra de Moab, diante de Jericó, e contempla a terra de Canaã, que eu dou como propriedade aos israelitas. Morrerás no monte em que tiveres subido e irás reunir-te aos teus, assim como o teu irmão Aarão, que foi reunido ao seu povo no monte Hor, pois fostes infiéis a mim no meio dos israelitas, junto às águas de Meribacades, no deserto de Sin, não reconhecendo a minha santidade no meio dos israelitas. Por isso contemplarás a terra à tua frente, mas não poderás entrar nela, na terra que estou dando aos israelitas”.^[59] Conforme a palavra do Senhor, Moisés morreu e lhe sucedeu Jesus (Josué), filho de Num.^[60] Esse atravessou o Jordão,^[61] conduziu o Povo à Terra Prometida e, vencidos e aniquilados os sete povos que a habitavam, a distribuiu entre o Povo.^[62] Lá existia Jerusalém, onde reinou Davi e o seu filho Salomão, que construiu o Templo em nome de Deus à imagem do tabernáculo feito por Moisés como tipo (modelo) das realidades celestes e espirituais.^[63]

O envio dos profetas

30. Lá em Jerusalém^[64] foram enviados por Deus, por meio do Espírito Santo, os profetas, que aconselhavam o povo e o convertia ao Deus Onipotente de seus pais; como arautos da revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, anunciavam que à estirpe de Davi havia de florescer o seu corpo, a fim de que fosse, segundo a carne, filho de Davi – que era filho de Abraão – em virtude de uma longa cadeia de gerações, e, segundo o Espírito,^[65] Filho de Deus, preexistente com o Pai, gerado antes da fundação do mundo e aparecido como homem^[66] ao mundo inteiro nos últimos tempos.^[67] Ele é o Verbo de Deus [enviado] “para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra”.^[68]

A desobediência e a Encarnação

31. [O Verbo] Uniu, assim, o homem a Deus, e realizou a comunhão entre Deus e o homem, porque não teríamos podido absolutamente obter participação alguma na incorruptibilidade se ele, o Verbo, não tivesse vindo habitar entre nós. Pois, se a incorruptibilidade tivesse permanecido invisível e oculta, não nos teria sido de utilidade alguma, mas se fez visível a fim de que entrássemos em comunhão com ele. E porque, envolvidos todos na criação originária de Adão, fomos vinculados à morte por causa de sua desobediência, era conveniente e justo que, pela obediência de quem se fez homem por nós,^[69] fossem rompidas as cadeias da morte. E porque a morte reinava sobre a carne, era preciso que ela fosse abolida por meio da carne, para que o homem fosse libertado de sua opressão. O Verbo, então, se fez carne^[70] para destruir, por meio da carne, o pecado que, por obra da carne, adquiriu poder, o direito de propriedade e domínio; e para que [o pecado] não existisse mais entre nós. Por essa razão, Nosso Senhor tomou uma corporeidade idêntica à da primeira criatura para lutar em favor dos progenitores e vencer em Adão aquele que em Adão nos feriu.

Adão e Cristo

32. Ora, de onde provém a substância do primeiro homem? Da vontade e da sabedoria de Deus e da terra virgem. “Porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra – diz a Escritura – e não havia homem para cultivar o solo”.^[71] Dessa terra, então, todavia virgem, Deus tomou o barro e plasmou o homem, princípio do gênero humano. [O Senhor,] recapitulando em si esse homem, princípio do gênero humano, nascendo de uma virgem por vontade e sabedoria de Deus, reproduziu o mesmo esquema de corporeidade para demonstrar a identidade da sua corporeidade com a de Adão, e para refazer, como foi feito no início, o homem à imagem e semelhança de Deus.^[72]

Eva e Maria

33. Como, por causa de uma virgem desobediente, o homem foi ferido, caiu e morreu,

assim também, por causa de uma virgem obediente à Palavra de Deus, [o homem] foi ressuscitado e recobrou a vida. Pois o Senhor veio buscar a ovelha perdida, ou seja, o homem que se perdeu.^[73] Por isso, não formou um corpo diverso, mas, por meio daquele que descendia de Adão, conservou a semelhança daquele corpo. Adão, de fato, foi recapitulado por Cristo, a fim de que o que é mortal fosse submerso na imortalidade, e Eva em Maria, a fim de que uma virgem, tornada advogada de uma virgem, dissolvesse e destruísse com a sua obediência de virgem a desobediência de uma virgem. O pecado cometido por causa da árvore foi anulado pela obediência cumprida sobre a árvore, obediência a Deus, pela qual o Filho do homem foi pregado na árvore, abolindo a ciência do mal, e proporcionando e doando a ciência do bem. O mal é desobedecer a Deus. O bem é, ao invés, obedecer.^[74]

Obediência reparadora do Verbo

34. O Verbo, preanunciando por meio do profeta Isaías os acontecimentos futuros – os profetas são tais porque anunciam os acontecimentos futuros – assim se exprime: “O Senhor Iahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros”.^[75] Então, por força “da obediência”, [o Verbo] anulou a antiga desobediência consumada sobre a árvore.^[76] Ele mesmo é o Verbo de Deus onipotente, que, no estado de invisibilidade,^[77] se difundiu no universo inteiro, que [o] abraça em comprimento, largura, altura e profundidade. Todas as coisas, de fato, são governadas e administradas pelo Verbo de Deus. Nessas dimensões, foi crucificado o Filho de Deus já impresso sobre o universo em forma de cruz; fazendo-se visível, manifestou a universalidade de sua cruz, demonstrando claramente, na forma visível, a sua atividade consistente na iluminação da altura, ou seja, os meandros da terra, na extensão do Oriente ao Ocidente, no governo como um comandante da região do Oeste e da amplitude do Sul, e no chamado ao conhecimento do Pai de todos os homens dispersos.

O cumprimento da promessa de Abraão

35. Realizou-se, assim, a profecia feita por Deus a Abraão, segundo a qual a sua descendência seria como as estrelas do céu.^[78] Cristo cumpriu a promessa, nascendo da Virgem, da estirpe de Abraão,^[79] e convertendo em luminárias do mundo^[80] os que nele acreditam, e justificando os gentios com Abraão por meio da mesma fé. “Abraão creu em Iahweh, e lhe foi tido em conta de justiça”.^[81] Do mesmo modo, nós somos justificados em virtude da fé em Deus, porque “o justo viverá por sua fidelidade”.^[82] A promessa de Abraão não foi feita pelo cumprimento da Lei, mas por meio da fé.^[83] De fato, Abraão foi justificado pela fé: “sabendo que ela não é destinada ao justo”.^[84] Da mesma forma, nós não somos justificados pela Lei, mas pela fé, que recebeu o

testemunho da Lei e dos profetas, e que nos apresenta o Verbo de Deus.^[85]

Cristo, nascido da Virgem da descendência de Davi

36. Deus manteve as promessas feitas a Davi; havia-lhe prometido fazer surgir do fruto do seu seio^[86] um Rei eterno, cujo reino não teria ocaso.^[87] Esse Rei é o Cristo, o Filho de Deus tornado filho do homem, isto é, nascido, como fruto, da Virgem da descendência davídica. A promessa, então, ganhou forma de fruto do ventre, isto é, de um descendente da concepção própria de uma mulher – não “do fruto dos homens ou dos rins” – isto é, do nascimento próprio do homem,^[88] para manifestar o que de único e de especial havia na produção desse fruto do seio de uma virgem davídica,^[89] [fruto] que devia ser o Rei eterno na casa de Davi, e cujo reino não terá ocaso.^[90]

A destruição da morte e o dom da vida

37. Em tais condições se realizava magnificamente a nossa salvação,^[91] [esse Rei] mantinha as promessas feitas aos patriarcas e abolia a antiga desobediência. O Filho de Deus se fez filho de Davi e filho de Abraão. Para cumprir as promessas e recapitulá-las em si mesmo^[92] com a finalidade de nos restituir a vida, o Verbo de Deus se fez carne através da Virgem, a fim de desatar a morte e vivificar o homem, porque nós estávamos presos ao pecado e destinados a viver sob o império da morte.

Nascimento, morte e ressurreição de Cristo

38. Deus Pai, pela sua imensa misericórdia, enviou o seu Verbo criador,^[93] que, vindo para nos salvar, esteve nos mesmos lugares, na mesma situação e nos mesmos ambientes onde perdemos a vida, e rompeu as cadeias que nos mantinham prisioneiros. Com a aparição de sua luz desapareceram as trevas da prisão, santificou o nosso nascimento e, destruída a morte,^[94] desligou aqueles mesmos laços que nos tinham prendido.^[95] Manifestou a ressurreição, tornando-se ele mesmo o primogênito dos mortos,^[96] e levantou na sua pessoa o homem caído por terra, ao ser elevado às alturas do céu até a direita da glória do Pai, como Deus havia prometido por meio do profeta, ao dizer: “Naquele dia levantarei a tenda desmoronada de Davi”,^[97] isto é, o corpo que provém de Davi. Nosso Senhor Jesus Cristo realmente cumpriu essa empresa, realizando de modo glorioso^[98] a nossa salvação, para nos erguer realmente e nos apresentar livres ao Pai. Ora, se alguém não aceita o seu nascimento de uma Virgem, como aceitará a sua ressurreição da morte? Porque não há nada de miraculoso, de estranho, de inesperado, se alguém que não é nascido ressuscite da morte; nem podemos falar de “ressurreição” para aquele que veio à existência sem passar pelo nascimento: na verdade, quem não pode nascer é imortal e quem não foi sujeito ao nascimento não será também sujeito a morte. Então, como pode ter fim o homem que não teve início?

39. Assim, se não é nascido, também não é morto; e se não é morto, não é ressuscitado dos mortos;^[99] e se não é ressuscitado dos mortos, não triunfou sobre a morte, nem destruiu o seu reino; e se a morte não foi vencida, como subiremos até a vida, nós que desde o início fomos caídos sob o império da morte?^[100] Quem nega a redenção do homem e não crê que Deus o ressuscitará dos mortos despreza também o nascimento de Nosso Senhor, pelo qual o Verbo de Deus se sujeitou por nós, para se tornar homem a fim de manifestar a ressurreição da carne e obter o primado sobre tudo nos céus:^[101] como primogênito do pensamento do Pai, o Verbo perfeito dirige pessoalmente cada coisa e legisla na terra; como primogênito da Virgem,^[102] homem justo e santo, servo de Deus, bom, aceito por Deus, perfeito em tudo, livra dos infernos todos os que o seguem; como “primogênito dos mortos”, é origem e sinal da vida de Deus.

40. Assim, pois, o Verbo de Deus ostenta o primado sobre todas as coisas,^[103] porque é o verdadeiro homem e “Conselheiro-Maravilhoso, Deus-forte”,^[104] que chama novamente, com a ressurreição, o homem à comunhão com Deus, para que, por meio da comunhão, com ele participemos da incorruptibilidade.^[105] Ele, que foi anunciado por Moisés e pelos profetas^[106] do Deus altíssimo e onipotente, Pai do universo, origem de tudo, que conversou com Moisés,^[107] veio à Judeia, gerado por Maria, que era da estirpe de Davi^[108] e de Abraão, Jesus, o Ungido de Deus, que revelou a si mesmo como o que foi predito pelos profetas.^[109]

41. João Batista, o precursor, quando preparava e dispunha o povo para receber o Verbo da vida, fez saber que esse era o Cristo sobre quem o Espírito de Deus havia deitado e unido à sua carne. Os discípulos e testemunhas de suas boas obras, de seu ensinamento, de sua paixão, de sua morte, de sua ressurreição, da ascensão ao céu depois da ressurreição corporal, ou seja, os apóstolos, com o poder do Espírito Santo enviados por ele por toda a terra, convocaram os gentios, ensinando aos homens o caminho da vida, para afastá-los dos ídolos, da fornicção e da avareza, purificando as suas almas e seus corpos com o batismo na água e no Espírito Santo, distribuindo e subministrando aos crentes esse Espírito Santo que haviam recebido do Senhor. Assim, instituíram e fundaram a Igreja. Com a fé, a caridade e a esperança, [os apóstolos] confirmaram o chamado aos gentios que, preanunciado pelos profetas, lhes foi dirigido segundo a misericórdia de Deus manifestada com o seu ministério, acolhendo-os na promessa feita aos patriarcas, ou seja, àqueles que creram e amaram a Deus; e aos que vivem na santidade, na justiça e na paciência, o Deus de todos outorgará, por meio da ressurreição dos mortos, a vida eterna. Graças àquele que morreu e ressuscitou, Jesus Cristo, a quem

confiou a realeza sobre todos os seres da terra, a autoridade sobre os vivos e os mortos, e o juízo. Os apóstolos, com a palavra da verdade, exortaram os gentios a guardar o seu corpo sem mancha para a ressurreição, e a alma ao abrigo da corrupção.

II – A Demonstração Profética (cc. 42-97)

A obra do Espírito Santo

42. Com efeito, assim devem comportar-se os crentes, pelo fato de que neles habita permanentemente o Espírito Santo, doado pelo Senhor no batismo e custodiado por aquele que [o] recebe, se é que vive na verdade e na santidade, na justiça e na paciência. De fato, a ressurreição dos crentes é também obra do Espírito^[110] quando o corpo acolhe novamente a alma, e com ela ressuscita pela força do Espírito Santo e é introduzido no Reino de Deus.^[111] O fruto da bênção de Jafé se manifestou na Igreja no chamado aos gentios que vivem em contínua obediência para poder habitar na casa de Sem, segundo a promessa de Deus.^[112] Que essas coisas deveriam ocorrer, o Espírito Santo predisse pelos profetas, a fim de que aqueles que servem a Deus na verdade tenham fé firme sobre elas. Na verdade, todos esses fatos impossíveis à natureza humana e, portanto, pouco credíveis aos homens, Deus, por meio dos profetas, os predisse muito tempo antes – e se realizaram a seu tempo, como se anunciou – para que, pelo fato de terem sido profetizados muito tempo antes, conhecêssemos que era Deus que, desde o princípio, havia preanunciado a nossa salvação.

A identidade entre o Verbo e o Filho de Deus

43. Deve-se crer em tudo de Deus, porque é veraz em tudo. Ora, que existe um Filho em Deus e que esse Filho existia não apenas antes de sua aparição no mundo, mas também antes da criação do mundo, Moisés foi o primeiro a profetizar, quando escreveu em hebraico: “Beresith bara elovim basan benowam samenthars”, que se traduz: “Um filho, no princípio, Deus estabeleceu; em seguida, Deus criou o céu e a terra”.^[113] O profeta Jeremias o testemunhou quando disse: “Antes da estrela da manhã eu te gerei e antes do sol é o teu nome”,^[114] isto é, antes da criação do mundo e antes das estrelas criadas com o mundo. Diz ainda: “Bem-aventurado aquele que era antes de se tornar homem”.^[115] Por Deus, de fato, o Filho existe desde o início, antes da criação do mundo; porém, para nós não existe mais que desde agora, ou seja, desde quando se manifestou. Antes, então, não existia para nós porque não o conhecíamos. Por isso, o seu discípulo João, explicando quem é o Filho de Deus que era junto do Pai antes que o mundo fosse formado, e que por obra dele foram criadas todas as coisas, disse: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”.^[116] Demonstra, assim, de modo claro, que todas as coisas foram criadas por meio do Verbo, o qual, desde o início, era com o Pai, isto é, seu Filho.

Colóquio do Filho com Abraão

44. Disse ainda Moisés que o Filho de Deus se aproximou de Abraão para entreter-se com ele: “Iahweh lhe apareceu no carvalho de Mambré [...] no maior calor do dia. Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens de pé, perto dele; logo que os viu, correu da entrada da tenda ao seu encontro, e se prostrou por terra. E disse: Meu Senhor, eu te peço, se encontrei graça aos teus olhos...”.^[117] Em seguida, ele falava com o Senhor, e o Senhor com ele. Ora, dois dos três eram anjos; o terceiro, ao invés, o Filho de Deus. Com Ele, Abraão falou ainda suplicando pelos habitantes de Sodoma, para que não fossem exterminados se fossem encontrados ao menos dez justos.^[118] Enquanto conversavam, os dois anjos que desceram a Sodoma foram recebidos por Ló. A Escritura diz então: “Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos de Iahweh”.^[119] Isso quer dizer que o Filho, o mesmo que conversava com Abraão, sendo “Senhor”, recebeu o poder de punir os habitantes de Sodoma “pelo Senhor, do alto do céu”, pelo Pai, que é o Senhor do universo. Abraão, então, era profeta e viu o que aconteceria no futuro; isto é, viu o Filho de Deus sob a aparência humana conversar com os homens, comer com eles, e depois exercer o ofício de julgar pelo fato de ter recebido do Pai, Senhor do Universo, a autoridade de punir os habitantes de Sodoma.

Aparição a Jacó

45. Jacó, durante a viagem à Mesopotâmia, viu o Verbo em sonho, de pé, em cima da escada, ou seja, no lenho fixado do céu à terra.^[120] Por isso, o lenho dos que creem nele sobe ao céu, porque a sua paixão é a nossa ascensão. Todas as visões desse tipo apontam o Filho de Deus que conversa com os homens e entre eles. Não é o Pai do universo, invisível ao mundo e criador de tudo que diz: “O céu é o meu trono, a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar para meu repouso?”^[121] e “Quem pode medir as águas do mar na concha da mão? Quem conseguiu avaliar a extensão dos céus a palmos, medir o pó da terra com o alqueire e pesar os montes na balança e os outeiros nos seus pratos?”^[122] Não é certo que Ele (o Pai) estava de pé sobre um pequeno espaço e conversava com Abraão, mas o Verbo de Deus que sempre esteve presente no gênero humano, antecipava o conhecimento das coisas futuras e instruía os homens sobre as coisas de Deus.

O Filho de Deus conversa com Moisés

46. Foi Ele (o Verbo) que, na sarça ardente, conversou com Moisés e disse: “Eu vi, eu vi a miséria de meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso descí, a fim de libertá-lo da mão dos egípcios”.^[123] Ele subia e descia para libertar os oprimidos, arrancando-os do poder dos egípcios, ou seja, de toda sorte de idolatria e impiedade; salvando-os do mar Vermelho,

isto é, liberando-os das turbulências homicidas dos gentios, e das águas amargas de suas blasfêmias. Esses acontecimentos eram contínua repetição do que a nós se refere, no sentido de que o Verbo de Deus mostrava antecipadamente as coisas futuras, mas liberando realmente da servidão cruel dos gentios. No deserto fez brotar com abundância um rio de água, uma rocha. Essa rocha é ele mesmo.^[124] Produziu doze fontes, ou seja, a doutrina dos doze apóstolos. E aos recalcitrantes e incrédulos, os fez morrer e desaparecer no deserto, e aos que creram nele, feitos crianças pela maldição,^[125] os introduziu na herança dos pais que recebeu e distribuiu, não a Moisés, mas a Jesus; os liberou de Amalec estendendo as suas mãos,^[126] e nos conduz e nos faz subir ao Reino do Pai.

Trindade e criação

47. O Pai, então, é Senhor, e o Filho é Senhor, Deus o Pai e Deus o Filho, porque aquele que é nascido de Deus é Deus.^[127] Assim, segundo a essência do seu ser e de seu poder, aparece um só Deus; mas, contemporaneamente, na administração da economia da nossa redenção, Deus aparece como Pai e como Filho. E como o Pai do universo é invisível e inacessível aos seres criados, é através do Filho que os destinados a aproximarem-se de Deus devem conseguir o acesso ao Pai.^[128] Davi, com clareza e evidência, assim se exprimiu a propósito do Pai e do Filho: “Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente! O cetro do teu reino é cetro de retidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus companheiros”.^[129] Isso significa que o Filho, enquanto Deus, recebe do Pai, isto é, de Deus, o trono de um reino eterno e o óleo da unção, mais que os seus companheiros. O óleo é a unção do Espírito Santo com a qual é ungido, e os seus “iguais” são os profetas, os justos, os apóstolos, e todos os que participam do Reino.^[130]

O primado e a realeza de Cristo

48. Davi disse, por sua vez: “Oráculo de Iahweh ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’. De Sião Iahweh estende teu cetro poderoso para dominares teus inimigos. A ti o principado no dia do teu nascimento, as honras sagradas desde o seio, desde a aurora da tua juventude; Iahweh jurou e jamais desmentirá: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec’. O Senhor está à tua direita, ele esmaga os reis no dia da sua ira. Ele julga as nações, amontoa cadáveres, esmaga cabeças pela imensidão da terra. A caminho ele bebe da torrente, e por isso levanta a cabeça”.^[131] Assim, com essas palavras, declarou que primeiro veio à existência, que dominava as nações, que julga todos os homens e os reis que o odeiam agora e perseguem o seu nome, e que são os seus inimigos. Chamando-o “sacerdote para sempre” de Deus, declara a sua imortalidade. Tendo dito:

“A caminho ele bebe da torrente, por isso levanta a cabeça”, se referia à exaltação gloriosa, depois da sua condição humana, da humilhação e da abjeção.

49. Por sua vez, o profeta Isaías afirma: “Assim diz Iahweh ao seu ungido, a Ciro que tomei pela destra, a fim de subjugar a ele nações”.^[132] Quanto ao fato de que o Filho de Deus é chamado “Ungido” e rei das nações, isto é, de todos os homens, Davi repete que Ele é, e é chamado Filho de Deus e rei de todos, nestes termos: “Ele me disse: ‘Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade’”.^[133] Essas palavras não foram pronunciadas referindo-se a Davi, porque não governou todas as nações, nem toda a terra, mas somente os judeus. É, portanto, evidente que a promessa feita ao Ungido de reinar sobre toda a terra se refere ao Filho de Deus, que o próprio Davi reconhece seu Senhor: “Disse o Senhor ao meu Senhor: ‘senta-te à minha direita...’”, como já nos referimos.^[134] Com efeito, isso significa que o Pai conversava com o Filho, como acima demonstramos a propósito de Isaías, que dizia: “Assim fala o Senhor ao Ungido, meu Senhor: ‘As nações lhe obedecem’”. Idêntica promessa aparece em ambos os profetas: “Ele será rei”. Consequentemente, a uma só e mesma Pessoa são dirigidas as palavras de Deus, ou seja, a Cristo, o Filho de Deus. Do momento em que Davi disse: “O Senhor me disse”, é necessário afirmar que nem Davi, nem outro profeta falam por iniciativa própria, pois não é um homem que profere as profecias, mas o Espírito de Deus, o qual, tomando figura e forma semelhante às pessoas interessadas, falava através dos profetas e discorria ora em nome do Filho, ora em nome do Pai.^[135]

A preexistência de Cristo

50. A propósito, Cristo afirma, por meio de Davi, que o Pai se dirige a ele, e por meio dos profetas disse o mesmo, como, por exemplo, em Isaías, que escreveu: “Mas agora disse Iahweh, aquele que me modelou desde o ventre materno para ser seu servo, para reconduzir Jacó a ele, para que a ele se reúna Israel; assim serei glorificado aos olhos de Iahweh, meu Deus será minha força! Sim, ele disse: ‘Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra’”.^[136]

51. Antes de tudo, do colóquio do Pai com o Filho resulta a preexistência do Filho de Deus,^[137] e o fato de que, ainda antes do nascimento, o Pai o fez visível aos homens; depois, antes de nascer, que seria tornado homem nascido de homens, que Deus mesmo o teria plasmado no seio, isto é, que seria nascido pelo Espírito de Deus, que é Senhor de todos os homens e Salvador daqueles que nele creem, dos judeus e dos outros. “Israel”, de fato, é o nome do povo judeu em língua hebraica, nome que vem do patriarca Jacó,

que antes fora chamado “Israel”. Chama “gentios” a todos os outros homens.^[138] O Filho chama a si próprio servo do Pai por causa da sua obediência ao Pai, pois todo filho, também entre os homens, é servo de seu pai.^[139]

52. Que o Cristo, Filho de Deus existente antes do mundo, seja com o Pai e junto do Pai e, contemporaneamente, seja vizinho aos homens e em íntima comunhão com eles, rei do universo, pois o Pai lhe submeteu tudo, e o fez Salvador daqueles que nele creem,^[140] é a mensagem de semelhantes textos da Escritura. Porque não é nossa intenção, e não está nas nossas possibilidades, pôr em concordância todos os textos bíblicos, mas, com o auxílio daqueles citados, poderá compreender também os demais que falam da mesma maneira, a fim de que creia em Cristo e peça a Deus a sabedoria e a inteligência para compreender o que foi dito pelos profetas.^[141]

O sinal profético de Acaz

53. Que esse Cristo, que estava junto do Pai, sendo o Verbo do Pai, deveria encarnar-se, tornar-se homem, submeter-se à geração e ao nascimento de uma Virgem e viver entre os homens, intervindo também o Pai do universo para realizar a sua encarnação, é o que expressa Isaías: “Pois sabei que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel. Ele se alimentará de coalhada e de mel, até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Com efeito, antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, por cujos dois reis tu te apavoras, ficará reduzida a ermo”.^[142] Indicou que nasceria de uma virgem. Significou que seria verdadeiro homem pelo fato de comer, por ser chamado “criança” e por receber um nome. Tudo isso se refere ao recém-nascido. Em língua hebraica, possui um duplo nome: Messias-Cristo e Jesus Cristo. Esses dois nomes indicam as obras que haveria de realizar. Com efeito, recebeu o nome de Cristo (Ungido) porque o Pai, por seu intermédio e em vista de sua vinda como homem, ungiu e ordenou cada coisa, porque foi unguido pelo Espírito de Deus, seu Pai, como disse, falando de si próprio, em Isaías: “O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu. Enviou-me a anunciar a Boa-Nova aos pobres”.^[143] E o nome de “Salvador”, porque é a causa de salvação para todos os que, desde então, foram libertados por ele de toda enfermidade e da morte; e para os que haveriam de crer depois deles, é também o doador da salvação eterna.

O Emanuel

54. Eis por que é chamado “Salvador”. “Emanuel” se traduz por “Deus-conosco”, ou como expressão de bom desejo formulado pelo profeta “Deus esteja conosco”. Desse modo, Ele é a interpretação e a revelação da “Boa-Nova”. Por isso disse: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho”.^[144] É ele que, sendo Deus, tem o destino de estar conosco. É, ao mesmo tempo, maravilhado por tal acontecimento; [Isaías]

anunciou o que acontecerá, ou seja, que “Deus estará conosco”. E também, com relação a seu nascimento, o mesmo profeta diz em outra passagem: “Antes de sentir as dores do parto, ela deu à luz; antes de lhe sobrevirem as contrações, ela pôs no mundo um menino”,^[145] proclamando assim o caráter inesperado e paradoxal do nascimento da Virgem. O mesmo profeta repetiu: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz”.^[146]

O conselheiro admirável

55. [Isaías] o chama “conselheiro admirável”, também ao Pai, indicando assim que o Pai criou com ele todas as coisas, como se diz no primeiro livro de Moisés, intitulado “Gênesis”: “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança’”.^[147] Aqui visivelmente fala o Pai ao Filho, como seu conselheiro admirável.^[148] Ele é também nosso conselheiro; fala e não nos obriga, como Deus, embora seja também “Deus forte”. Ele nos ajuda a abandonar a ignorância e adquirir o conhecimento, a nos afastar do erro para caminhar até a verdade,^[149] a rechaçar a corrupção para obter a incorruptibilidade.

A soberania sem limites

56. Diz ainda Isaías: “[...] serão queimadas, serão devoradas pelo fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre”.^[150] Com esses termos é anunciado o nascimento do Filho de Deus e a eternidade de seu reino. Mas as palavras “vão para a fogueira”^[151] se referem àqueles que não creem nele e que lhe fizeram o que lhe fizeram. No juízo repetirão: “Oxalá tivéssemos sido queimados antes do nascimento do Filho de Deus, do que não crer nele depois que nasceu!”. Com efeito, aqueles que estão mortos antes da manifestação do Cristo têm esperança de obter a salvação no juízo do Ressuscitado. Dessa categoria fazem parte aqueles que temem a Deus e morreram na justiça e possuem o Espírito de Deus, como os patriarcas e os justos. Mas para aqueles que depois do Cristo não acreditaram nele, será inexorável a vingança no juízo. O dito “ele recebeu o poder sobre seus ombros”^[152] alude alegoricamente à cruz, à qual teve os braços pregados, quando foi crucificado. A cruz, que era e é uma infâmia, é sinal de sua soberania. Chama-o “Anjo do grande conselho” do Pai, que ele revelou.

A estirpe de Israel

57. Por tudo o que foi dito e exposto com a ajuda dos profetas, está claro que o Filho

devia nascer, de que maneira nascer, e que se daria a conhecer como Cristo. Foi, inclusive, predito em que país e entre que homens devia nascer e dar-se a conhecer. Assim o deu a entender Moisés no Gênesis: “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão do chefe de entre seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e que lhe obedecem os povos [...], lava sua roupa no vinho, seu manto no sangue das uvas”.^[153] Porém, Judá, filho de Jacó, é o antepassado dos judeus, de quem esses tomaram o nome. Até a vinda de Cristo não lhes faltou, nem príncipe, nem chefe. Porém, depois de sua vinda, lhe foram tiradas as flechas da aljava, o país dos judeus foi submetido pelos romanos, e não voltou a ter um príncipe ou um rei próprio. Era, de fato, chegado aquele ao qual era reservada uma soberania nos céus, que “lava no vinho a veste e no sangue da uva o manto”. A “veste”, como também o “manto” são aqueles que nele creem, que ele purificou quando nos salvou com o seu sangue. O seu sangue foi chamado “sangue de uva”, porque, como não foi feito pelo homem o sangue da uva, mas é Deus que alegra os que o bebem, assim o seu ser corpo e sangue não é obra do homem, mas de Deus.^[154] O Senhor mesmo deu o sinal da Virgem, ou seja, o Emanuel, nascido da Virgem, e alegra os ânimos daqueles que o bebem, ou seja, daqueles que recebem o seu Espírito, alegria eterna. Por isso, ele é também o “esperado das nações”, das nações que esperam nele. Também nós esperamos dele a restauração do Reino.

A estrela de Jacó

58. Quando Moisés escreve: “Um astro procedente de Jacó se torna chefe, um cetro se levanta, procedente de Israel”,^[155] anuncia explicitamente que a economia da sua encarnação se realizará entre os hebreus, e que aquele que, descendo dos céus, nascerá de Jacó e da estirpe judaica se submeteu a essa economia. Porque uma estrela apareceu no céu, e, se chama chefe a um rei, é porque apareceu no seu nascimento aos Magos, que habitam no Oriente, e por seu intermédio tiveram conhecimento do nascimento de Cristo. Guiados pela estrela, vieram à Judeia, até que a estrela chegou a Belém, onde Cristo nasceu, e, entrando na casa onde estava deitado o menino envolto em faixas, se deteve em cima de sua cabeça, indicando aos Magos o Filho de Deus, o Cristo.^[156]

59. O mesmo Isaías disse ainda: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no temor de Iahweh estará a sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra. Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins. Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo

novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora. [...] Naquele dia, a raiz de Jessé, que se ergue como um sinal para os povos, será procurada pelas nações, e a sua morada se cobrirá de glória”.^[157] Com essas palavras, quis dizer que nascerá daquela que descende de Davi e de Abraão. Com efeito, Jessé descendia de Abraão e era pai de Davi. Desse modo, a Virgem, que concebeu a Cristo, era o broto. Por isso, Moisés fazia seus prodígios diante do faraó, servindo-se de um bastão. Entre os homens, o bastão é sinal de poder. Chama flor o seu corpo, que floresceu sob a ação do Espírito, como antes indicamos.

Justo Juiz

60. Dizendo: “Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra”,^[158] dá a entender com maior firmeza a sua divindade. Pois julgará imparcialmente e sem aceção de pessoas, sem louvar o ilustre e outorgando ao pobre o que merece com igualdade e imparcialidade, o que corresponde à suprema e celeste justiça de Deus. Deus, de fato, não se deixa influenciar por nada, e só se compadece pelo justo. Ter misericórdia é próprio e peculiar daquele Deus, aquele que com a misericórdia pode salvar. E: “Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio”^[159] é próprio de Deus, que tudo realizou através do Verbo. Contudo, dizendo: “A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade, o cinto dos seus rins”,^[160] anuncia a sua forma externa humana e a sua verdadeira e suprema justiça.

Pacificação universal

61. Quanto ao entendimento, à concórdia e à tranquilidade entre os animais das diversas espécies, ou por natureza opostos e hostis uns aos outros, os presbíteros dizem que será verdadeiramente assim à vinda de Cristo, quando reinará sobre todo o universo. Daqui simbolicamente se anuncia que homens de diferentes estirpes, mas de similares costumes, serão recolhidos juntos, pacificamente, em virtude do nome de Cristo. De fato, os justos reunidos, comparados a novilhos, a cordeiros e a cabritos, e as crianças não sofrerão quaisquer danos por parte daqueles que, homens e mulheres, em uma época anterior, foram modelados por cupidez com relação ao comportamento dos animais selvagens, a ponto de que alguns se assemelhavam a lobos ou a leões, ao rapinar os fracos e ao lutar com os seus pares; as mulheres, semelhantes a leopardos ou víboras, recorrendo a venenos mortais, chegavam a matar os seus amantes, ou sob a ação da paixão. Reunidos em um só nome, alçados pela graça de Deus, hão de adquirir os costumes dos justos, mudando a sua natureza selvagem e feroz. Isso aconteceu, pois

aqueles que antes eram cruéis a tal ponto de não recuarem de algum ato ímpio, quando conheceram a Cristo, e acreditando nele, mal acreditaram e se mudaram, para que não se prendessem diante de um supremo ato de justiça. Assim radicais são as mudanças que a fé em Cristo, Filho de Deus, opera naqueles que nele creem. Ele disse: “foi levado para exercitar o poder às nações”, porque, uma vez morto, deve ressuscitar, ser proclamado e acreditado como Filho de Deus e rei; por isso diz: “o seu erguer-se será uma honra”,^[161] isto é, uma glória, porque o momento no qual foi glorificado como Deus foi o momento de sua ressurreição.

A tenda de Davi, símbolo do Corpo de Cristo

62. Por isso, o profeta, quando disse: “Naquele dia, a raiz de Jessé, que se ergue como um sinal para os povos”,^[162] afirma claramente que o Corpo de Cristo, nascido de Davi, como dissemos antes, depois da morte, ressuscitou dos mortos. Chama “tenda” o seu corpo. E, com efeito, por essas palavras disse também que Cristo – o qual, segundo a carne, descende de Davi – será Filho de Deus, e depois de sua morte ressuscitará, e será homem por aspecto externo,^[163] porém Deus pelo poder;^[164] será juiz do universo e o único justo e Redentor. Tudo isso se encontra na Escritura.

A profecia de Belém

63. Por sua vez, o profeta Miqueias indica o lugar do nascimento de Cristo, isto é, Belém da Judeia: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo”.^[165] Belém é também a pátria de Davi. Assim, pertence à posteridade, não apenas pela Virgem que o deu à luz, mas também por ter nascido em Belém, pátria de Davi.^[166]

O Reino eterno

64. Davi disse que o Cristo nasceria da sua posteridade: “Por causa de Davi, teu servo, não rejeites a face do teu messias. Iahweh jurou a Davi uma verdade que jamais desmentirá: ‘É um fruto do teu ventre que eu porei em teu trono’”.^[167] Mas nenhum filho de Davi reinou “para sempre”, nem o seu reino durou até a eternidade, porque foi destruído; indica, portanto, um rei nascido de Davi, isto é, o Cristo. Todos esses textos relacionados com a sua vinda no corpo, a estirpe e o lugar do nascimento, dizem claramente que os homens não devem procurar o nascimento do Filho de Deus entre os gentios ou em outro lugar, mas em Belém da Judeia, na descendência de Abraão e de Davi.

A entrada em Jerusalém

65. Como fez a sua entrada em Jerusalém, a capital da Palestina, onde era a sua morada e o Templo de Deus, disse Isaías: “Dizei à Filha (cidade) de Sião: Eis que o teu rei vem a

ti, manso e montado num jumento, num jumentinho, num potro de jumenta”.^[168] Entrou em Jerusalém sentado em um jumento, filho de asno, enquanto a multidão estendia os seus mantos para que passasse em cima.^[169] “Filha de Sião” é o nome dado a Jerusalém.^[170]

66. Os profetas anunciavam, então, que o Filho de Deus nasceria, como e onde nasceria, e quem é o Cristo, o único rei eterno.^[171] Tendo ainda predito que, uma vez feito homem, havia de curar os que curou, de ressuscitar os mortos que ressuscitou, que seria odiado, desprezado, torturado, morto mediante a crucifixão, como foi odiado, desprezado e morto.^[172]

Os milagres de Jesus

67. Falemos agora das curas. Disse Isaías: “E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava”,^[173] isto é, “carregará” e “levará”. Às vezes, o Espírito Santo narra nos profetas como acontecimentos passados, mas que acontecerão no futuro. Isso acontece porque, em Deus, o que está estabelecido, determinado e destinado a existir já é considerado como existente, e o Espírito se expressa tendo em conta o tempo em que se realiza a profecia. Nesses termos, recorda os distintos modos de cura: “Naquele dia, os surdos ouvirão o que se lê, e os olhos dos cegos, livres da escuridão e das trevas, tornarão a ver”.^[174] E ainda: “Fortalecei as mãos abatidas, revigoraí os joelhos cambaleantes. Dizei aos corações conturbados: ‘Sede fortes, não temais. Eis que vosso Deus vem para vingar-vos, trazendo a recompensa divina. Ele vem para vos salvar’. Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres”.^[175] Da ressurreição dos mortos disse: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão”.^[176] Por essas obras, o Filho de Deus seria acreditado.

A Paixão de Cristo

68. Isaías disse que [o Cristo] devia ser desprezado, torturado e, por fim, morto: “Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem – assim, agora nações numerosas ficarão estupefatas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas, e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido. Quem acreditou naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de Iahweh? Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos

caso nenhum dele. E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados”.^[177] Essas expressões anunciam as suas torturas, como disse também Davi: “Eu fui torturado”.^[178] Davi jamais foi torturado, mas sim o Cristo, quando foi ordenada a sua crucifixão. Ainda, o Verbo disse através de Isaías: “Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros”.^[179] O profeta Jeremias repete a mesma coisa nestes termos: “Que dê sua face a quem o fere e se sacie de opróbrios”.^[180] Tudo isso sofreu o Cristo.

69. Isaías vai mais além: “Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós”.^[181] É claro que, pela vontade do Pai, lhe ocorreram tais coisas em vista da nossa salvação. Então prossegue: “Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores ele não abriu a boca”.^[182] Desse modo, declara aceitar livremente a morte. Mas quando o profeta diz que “na humilhação o seu juízo foi eliminado”,^[183] fala de seu humilde aspecto externo: segundo o seu aspecto sem honra foi pronunciada a sentença; e, proferida a sentença, conduz alguns à salvação, outros às penas da perdição. Existe, de fato, o que é tomado por uma pessoa, e o que é tomado para uma pessoa. Assim é a sentença: por alguns é sofrida, e esses a tomam sobre si mesmos como própria condenação; para outros, foi eliminada e se salvam. Sofreram sobre si mesmos a sentença aqueles que o crucificaram e, tendo-se comportado assim, não creem nele, pois pela sentença que sofreram serão condenados à perdição com os tormentos; a sentença foi eliminada para aqueles que creem nele e não são mais sujeitos; a sentença, que virá com o fogo, será o extermínio dos incrédulos no fim deste mundo.

O indescritível início

70. Em seguida disse: “Quem narrará o seu nascimento?”.^[184] Isso foi dito para nos alertar, a fim de que não o desprezásemos como um homem insignificante e de pouco valor por causa dos adversários e das dores de sua paixão. Aquele que sofreu tudo isso possui uma origem infável. De fato, por “nascimento” se entende a sua origem, ou seja, o seu Pai infável e indescritível. Reconhece, pois, que essa é a origem daquele que

suportou essa paixão, e não o desprezes pela paixão que intencionalmente sofreu por ti. Mas teme-o por sua origem.

A vida à sombra de seu corpo

71. Disse Jeremias, em outra passagem: “O sopro de nossas narinas, o unguido de Iahweh, foi preso nas suas fossas; dele dizíamos: ‘À sua sombra viveremos entre as nações’”.^[185] A Escritura diz que Cristo, embora sendo Espírito divino, devia fazer-se homem, submetido ao sofrimento, e revela, de certo modo, surpresa e temor diante da paixão que devia sofrer. Ele, “por cuja sombra foi dito que viveríamos”. “Sombra” significa o seu corpo, porque, como a sombra é criada por um corpo, assim o corpo de Cristo foi criado pelo seu Espírito. Mas a palavra “sombra” significa também a humilhação do seu corpo e a facilidade de ser humilhado. De fato, como a sombra dos corpos erguidos se projeta no solo e é pisada pelos pés, assim o corpo de Cristo, jogado por terra na Paixão, foi, por assim dizer, pisado pelos pés. Chama “sombra” o corpo de Cristo porque se tornou sombra da glória do Espírito que velava. Frequentemente, quando o Senhor passava ao longo do caminho, eram colocadas pessoas com diversas doenças, e aqueles que alcançavam a sua sombra eram curados.^[186]

A morte do justo

72. O mesmo profeta se exprimiu sobre a paixão de Cristo do seguinte modo: “O justo perece e ninguém se incomoda; os homens piedosos são ceifados, sem que ninguém tome conhecimento. Sim, o justo foi ceifado, vítima da maldade, mas ele alcançará a paz”.^[187] Qual outro é “justo” além do Filho de Deus, que torna perfeitamente justos aqueles que nele creem, e que, como ele, são perseguidos e mortos? Quando diz: “a sua sepultura será paz”, narra como foi morto para a nossa salvação, que está na paz da salvação, e que, com a sua morte, “aqueles que eram seus adversários e inimigos”, crendo concordemente nele, estarão em paz entre eles, dando e recebendo sinais de amizade por sua fé comum nele.^[188] Uma vez morto e ressuscitado, devia permanecer imortal, como disse o profeta: “Ele te pediu a vida, e tu lhe concedeste dias sem fim para sempre”.^[189] Por que diz “te pediu a vida” se devia morrer? Era para proclamar a sua ressurreição dos mortos e, ressuscitado dos mortos, ser imortal; então, recebeu a “vida” para ressurgir, e “longos dias para sempre, sem fim” para ser incorruptível.

Morte e ressurreição

73. Davi tratou assim da morte e da ressurreição de Cristo: “Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é Iahweh quem me sustenta”.^[190] Davi não disse isso de si próprio, porque não ressuscitou depois da morte; mas o Espírito de Cristo, que assim falou pelos profetas, disse pela boca de Davi: “Eu me deito e logo adormeço. Desperto, pois é Iahweh quem me sustenta”. Define a morte como “sono”, porque ressuscitou.

Anúncio da Paixão

74. Com relação à Paixão, disse Davi: “Por que as nações se amotinam e os povos planejam em vão? Os reis da terra se insurgem e, unidos, os príncipes enfrentam Iahweh e seu Messias”.^[191] De fato, Herodes, o rei dos judeus, e Pôncio Pilatos, procurador de Cláudio César,^[192] se reuniram e condenaram o Cristo a ser crucificado. Herodes, de fato, temia perder o seu reino, como se ele devesse ser um rei terreno, e Pilatos foi constrangido contra a sua vontade por Herodes e pelos judeus, que o forçaram a condená-lo à morte, pelo fato de que não fazer isso seria considerado contra César, libertando um homem ao qual foi dado o título de rei.

75. A propósito da Paixão, disse ainda o mesmo profeta: “Tu, porém, rejeitaste e desprezaste, ficaste indignado com teu ungido. Renegaste a aliança com teu servo, até o chão profanaste sua coroa. Fizeste brechas em seus muros todos, e arruinaste sua fortaleza; todos os que passam no caminho o pilharam, tornou-se opróbrio para seus vizinhos. Exaltaste a direita dos seus opressores, alegraste seus inimigos todos; quebraste sua espada contra a rocha, não o sustentaste no combate. Removeste seu cetro de esplendor, e derrubaste seu trono por terra; encurtaste os dias da sua juventude e o cobriste de vergonha”.^[193] O profeta afirma abertamente que o Cristo devia sofrer tudo isso e que tal era a vontade do Pai. Pela vontade do Pai, de fato, o Cristo sofreu a Paixão.^[194]

A captura de Jesus

76. Zacarias assim se expressou: “Espada, levanta-te contra o meu pastor e contra o homem, meu companheiro. Fere o pastor, e as ovelhas sejam dispersadas!”.^[195] E isso aconteceu quando o Cristo foi capturado pelos judeus. Então, todos os discípulos o abandonaram por medo de perecer com ele, porque eles não acreditaram firmemente nele até que o vissem ressuscitado dos mortos.

77. Também se disse, dentre os doze profetas: “Prisioneiro, o apresentaram como um presente”.^[196] Pôncio Pilatos era procurador da Judeia e alimentava então um profundo rancor contra Herodes, rei dos judeus. Precisamente por causa dessa situação, Pilatos mandou o Cristo, a quem o haviam enviado, atado a Herodes com o pedido de que o interrogasse para confirmar o que queria fazer com ele. Desse modo, Cristo se converteu em bom pretexto para Pilatos reconciliar-se com o rei.^[197]

78. Em Jeremias, ele anuncia a morte e a descida aos infernos, nestes termos: “O Senhor, o Santo de Israel, se recordou dos seus mortos, que no passado dormiram no pó da terra, desceu a eles para anunciar a Boa-Nova da salvação e libertá-los”.^[198] Aqui indica os motivos da sua morte; a descida aos infernos era a salvação dos defuntos.

79. Novamente, a propósito da cruz, disse Isaías: “Todos os dias estendi as mãos a um povo rebelde”.^[199] Assim prefigurava a cruz. E ainda mais claramente Davi: “Cercam-me cães numerosos, um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés”.^[200] E novamente: “Meu coração está como cera, derretendo-se dentro de mim”.^[201] E ainda: “Salva minha vida da espada, e prega a minha carne, pois uma corja de marginais se levantou contra mim”.^[202] Nessas passagens se mostra de modo luminoso a sua crucificação. Moisés disse a mesma coisa ao povo: “Tua vida penderá à tua frente por um fio; ficarás apavorado noite e dia, e não acreditarás mais na vida”.^[203]

80. Continua Davi: “Eles me olham, me observam, repartem entre si as minhas roupas, sobre minha túnica tiram a sorte”. Quando o crucificaram, os soldados dividiram as roupas segundo o seu costume: “Os soldados, quando crucificaram Jesus, tomaram suas roupas e repartiram em quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. Ora, a túnica era sem costura, tecida como uma só peça, de alto a baixo. Disseram entre si: ‘Não rasguemos, mas tiremos a sorte, para ver com quem ficará’”.^[204]

81. O profeta Jeremias acrescenta: “E tomaram as trinta moedas de prata, o preço do Precioso, daquele que os filhos de Israel avaliaram, e deram-nas pelo campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenara”.^[205] De fato, Judas, um dos discípulos de Jesus, tendo-se comprometido com os judeus, tendo selado com eles um pacto – sabia, de fato, que queriam matá-lo – e porque havia sido reprimido por Ele, aceitou as trinta moedas do país, e lhes entregou o Cristo. Em seguida, com remorso pelo que havia feito, jogou o dinheiro aos pés dos chefes dos judeus e se suicidou. Porém, esses não acharam conveniente devolver o dinheiro ao tesouro, porque era preço de sangue, e com ele compraram o campo que pertencia a um oleiro, para lá enterrar os estrangeiros.^[206]

82. Depois de ter sido crucificado, quando pediu de beber, lhe deram vinagre misturado com fel. Também isso foi predito por Davi: “Como alimento, deram-me fel, e na minha sede, serviram-me vinagre”.^[207]

83. Eis como Davi falou da ascensão ao céu depois da ressurreição dos mortos: “Os carros de Deus são milhares de miríades; o Senhor veio de Sião^[208] para o santuário. Subistes às alturas, para pôr fim à escravidão; tomou e deu dons aos homens”.^[209] Davi relaciona “escravidão” à destruição do poder dos anjos rebeldes. Fez conhecer o lugar de onde subiria da terra ao céu, dizendo: “o Senhor vem de Sião para o santuário, subistes às alturas”. De fato, no monte das Oliveiras, de frente a Jerusalém, depois da ressurreição dos mortos, [Jesus] reuniu os discípulos e, depois de tê-los instruído sobre o Reino dos Céus, foi elevado sobre os seus olhos, e eles viram como o acolhiam os céus abertos.^[210]

84. Davi repetiu a mesma coisa: “Levantai, ó portas, os vossos frontões, elevai-vos, antigos portais, para que entre o rei da glória”.^[211] As “portas eternas” são os céus. Porque o Verbo desceu invisível para as criaturas, não foi reconhecido quando desceu. Porém, como se encarnou, se fez visível quando ascendeu aos céus. Quando os principados dos anjos inferiores o viram,^[212] gritaram no firmamento: “Levantai, ó portas, erguei-vos portas eternas, para que entre o rei da glória”. Esses, assombrados, se perguntavam: “Quem é este?”, e os que haviam visto testemunhavam pela segunda vez: “O Senhor poderoso e forte é o rei da glória”.^[213]

85. Ressuscitado e elevado ao céu, [o Filho de Deus] aguarda à direita do Pai o momento fixado pelo Pai para julgar todos os seus inimigos que serão a ele sujeitados. Os inimigos são aqueles que foram encontrados em estado de rebelião, anjos, arcanjos, principados, tronos, que desprezaram a verdade.^[214] Davi afirmava ainda: “Oráculo de Iahweh ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’”.^[215] Davi disse, também, que subiu ao lugar de onde havia descido: “Ele sai de um extremo dos céus, e até o outro extremo vai o ser percurso; nada escapa ao seu calor”.^[216]

O testemunho dos apóstolos

86. Se os apóstolos predisseram que o Filho de Deus devia manifestar-se sobre a terra, e predisseram o lugar, a maneira e a forma da sua manifestação sobre a terra, e se o Senhor fez suas todas essas profecias, a nossa fé nele é bem fundada, e é autêntica a Tradição da pregação, isto é, o testemunho dos apóstolos. Esses, enviados pelo Senhor, pregaram pelo mundo inteiro que o Filho de Deus veio para sofrer a Paixão, ele que a suportou para destruir a morte e vivificar o corpo, e que, cessando a hostilidade contra Deus, isto é, as iniquidades, teremos obtido a sua paz, cumprindo o que é do seu agrado. Assim foi anunciado pelos profetas, nestes termos: “Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas-novas e anuncia a salvação”.^[217] E anunciou que esses mensageiros deviam vir da Judeia e de Jerusalém para anunciar a nós a Palavra de Deus, que para nós é lei, também. Como disse Isaías: “Com efeito, de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a Palavra de Iahweh”.^[218] Davi afirmava que haveriam de pregar por toda a terra: “e por toda a terra sua linha aparece, e até os confins do mundo a sua linguagem”.^[219]

O primado do amor

87. Não é com a argumentação prolixa da lei^[220] que o gênero humano é salvo, mas com a concisão da fé e da caridade.^[221] Disse Isaías: “uma palavra concisa e breve na justiça, porque Deus enviará uma palavra concisa, com eficácia, sobre toda a terra”.^[222]

Igualmente Paulo disse: “a caridade é a plenitude da lei”.^[223] De fato, aquele que ama a Deus cumpre a Lei. Quando ao Senhor foi perguntado: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?”,^[224] respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração [...] com toda a tua força”,^[225] e o segundo é semelhante a esse: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”.^[226] Desses dois mandamentos, disse, “dependem toda a lei e os profetas”.^[227] Assim, com a fé nele cresceu o nosso amor por Deus e pelo próximo para fazer-nos mais piedosos, mais justos e bondosos. Por isso, ele mandou uma “palavra breve sobre a terra”.^[228]

Salvação no nome de Cristo

88. Depois da Ascensão, [Cristo] foi elevado sobre todas as criaturas, e ninguém pode ser comparado ou assimilado a ele. Disse Isaías: “Quem é julgado? Apresente-se. Quem é justificado? Aproxime-se do Filho do Senhor. Ai de vós, que vos consumis como uma roupa e que a traça devorará. Todo homem será humilhado e abatido. Só o Senhor será elevado com aqueles que serão enaltecidos”.^[229] Isaías reafirmava que aqueles que servem a Deus serão salvos no final [dos tempos] pela força do seu nome: “Os meus servos terão um nome diferente [novo]. Quem quiser uma bênção neste país, é pelo Deus verdadeiro que há de pedir”.^[230] Novamente Isaías anuncia que ele mesmo e em pessoa devia salvar-nos por esta bênção: “Em todas as suas agruras, não foi mensageiro ou anjo, mas a própria face que os salvou. No seu amor e na sua misericórdia, ele mesmo os resgatou: ergueu-se e carregou-os, durante todo o tempo passado”.^[231]

O Espírito sobre a face da terra

89. Os que foram, assim, libertados, Deus não quer conduzi-los sob a Lei de Moisés; pois, de fato, a Lei foi cumprida por Cristo,^[232] mas [quer] que caminhemos livres na novidade dada pela fé no Filho de Deus, na renovação da Palavra,^[233] como disse Isaías: “Não fiqueis a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que farei uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis? Com efeito, estabalecerei um caminho no deserto, e rios em lugares ermos [...] a fim de dar de beber ao meu povo, o meu eleito. O povo que formei para mim proclamará o meu louvor”.^[234] “Deserto” e “terra seca” eram precedentemente o chamado aos gentios, porque o Verbo não havia passado entre eles, nem lhes havia dado a beber o Espírito Santo, que preparou o novo caminho da piedade e da justiça.^[235] O Verbo fez brotar rios abundantes, ou seja, disseminou o Espírito Santo sobre a terra,^[236] como prometeu por meio dos profetas, que efundiria o Espírito sobre a face da terra até o fim dos tempos.^[237]

A vida nova no Espírito

90. A nossa vocação, então, vem da “novidade do Espírito, e não da caducidade da letra”,^[238] como profetizou Jeremias: “Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que concluirei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova. Não como a aliança que concluí com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito – minha aliança que eles próprios romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de Iahweh! Porque esta é a aliança que concluirei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de Iahweh. Porei minhas leis no fundo de seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus, e eles serão o meu povo. Eles não terão que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: ‘Conhece a Iahweh!’. Porque todos me conhecerão, dos maiores aos menores – oráculo de Iahweh –, porque perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais do seu pecado”.^[239]

O lugar dos pagãos na Igreja

91. Isaías recordava que essas promessas deviam ser herdadas no tempo do chamado aos gentios, aos quais foi inaugurada uma nova aliança.^[240] “Naquele dia o homem atentará para o seu criador e os seus olhos se voltarão para o Santo de Israel. Ele não tornará a atentar para os altares, obra das suas mãos, objeto que os seus dedos fabricaram; ele não voltará a olhar para as estelas sagradas, nem para os altares de incenso”.^[241] Evidentemente, isso foi dito àqueles que abandonaram os ídolos e creem em Deus, nosso criador, graças ao Santo de Israel. O Santo de Israel é o Cristo;^[242] tendo sido manifestado aos homens – e nós o contemplamos com atenção – não colocamos mais a nossa esperança nos altares, nem nas obras de nossas mãos.

92. Que devesse manifestar-se em meio a nós, que o Filho de Deus se tornasse Filho do homem, que devesse ser encontrado entre nós que antes o ignorávamos, o mesmo Verbo o afirma através de Isaías: “Consenti em ser buscado por aqueles que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado por aqueles que não me procuravam. A uma nação que não invocava o meu nome”.^[243]

93. Que esse povo fosse destinado a ser um povo santo, foi predito por Oseias, um dos doze profetas: “Chamarei meu povo àquele que não é meu povo e amada àquela que não é amada. E acontecerá que, no lugar onde lhes foi dito: vós não sois meu povo, lá serão chamados filhos do Deus vivo”.^[244] Isso foi repetido por João Batista: “destas pedras, Deus pode suscitar filhos de Abraão”.^[245] De fato, depois de serem arrancados pela fé do culto das pedras, os nossos corações veem a Deus, e se tornam filhos de Abraão, “o homem é justificado pela fé”.^[246] Por isso, Deus disse pela boca do profeta Ezequiel: “Eu lhes darei um só coração, porei no seu íntimo um espírito novo: removerei do seu corpo o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne, a fim de que andem de acordo com os meus estatutos e guardem as minhas normas e as cumpram. Então serão o meu

povo e eu serei o seu Deus”.^[247]

A Igreja e a sinagoga

94. Então, com o novo chamado se realiza uma troca dos corações entre os gentios, por meio do Verbo de Deus, que “se encarnou e morou com os homens”, como disse o seu discípulo João: “o Verbo se fez carne e veio morar entre nós”.^[248] Por isso a Igreja gera um grande número de salvos, porque não é mais um intercessor, Moisés, ou um enviado, Elias,^[249] que nos salvam, mas o Senhor mesmo, que gera mais filhos à Igreja que à sinagoga do passado, como predisse Isaías nestes termos: “Canta, ó estéril, tu que não mais dás à luz!” – e estéril é a Igreja que, nos primeiros tempos, não deu filhos a Deus – “Entoa alegre canto, ó estéril, que deste à luz; ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos da esposa, diz Iahweh”.^[250] E a antiga sinagoga tinha a Lei por marido.

A incorporação dos gentios

95. Moisés disse no Deuteronômio que os gentios estarão à cabeça, e o povo incrédulo à cauda,^[251] e ainda: “Provocaram meu ciúme com deus falso, e me irritaram com seus ídolos vazios; pois vou provocar seu ciúme com um povo falso, vou irritá-los com uma nação idiota!”.^[252] De fato, abandonaram o verdadeiro Deus, adoraram falsos deuses, mataram os profetas de Deus, e profetizaram por meio de Baal, que era um ídolo dos cananeus; desprezaram o verdadeiro Filho de Deus, escolhendo Barrabás, um bandido preso em flagrante homicídio; renegaram o Rei eterno, reconhecendo César como rei.^[253] Por isso, Deus decidiu passar a sua herança aos estultos gentios e àqueles que não eram cidadãos de Deus e não conheciam quem é Deus. Ora, graças a esse chamado, foi-nos dada a vida, e Deus restaurou^[254] em nós a fé de Abraão nele,^[255] e não devemos voltar atrás, quero dizer, à legislação precedente. Nós, de fato, acolhemos o Senhor da Lei, o Filho de Deus e, mediante a fé nele, aprendemos a “amar a Deus com todo o coração e o próximo como a nós mesmos”. Ora, o amor a Deus exclui qualquer pecado, e o amor ao próximo não faz mal a ninguém.^[256]

A superação da Lei

96. Portanto, não temos necessidade da Lei, como pedagogo,^[257] eis que nós falamos com o Pai e estamos face a face com ele nos tornando crianças sem malícia,^[258] e fortes em toda justiça e honestidade. A Lei, de fato, não dirá mais: “Não cometerás adultério”^[259] àquele que não concebeu o desejo pela mulher alheia;^[260] ou “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo”^[261] àquele que não tem interesse pelas coisas da terra, mas faz

provisão para o céu;^[262] nem “olho por olho e dente por dente” àquele que não tem inimigos^[263] e trata todos como próximo, e por isso não levanta as mãos para vingar-se; não exigirá o dízimo de quem consagrou a Deus todos os seus bens e deixou pai, mãe, toda a família, para seguir o Verbo de Deus.^[264] Não mandará mais reservar um dia de repouso àquele que todo dia observa o sábado, ou seja, que rende culto a Deus no templo de Deus, que é o corpo do homem, e pratica sempre a justiça.^[265] “Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”.^[266] Mas [é] ímpio “o que sacrifica um cordeiro ou destronca o pescoço de um cão, o que oferece uma oblação – isto é, sangue de porco”.^[267] “Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”,^[268] e nenhum outro nome foi dado sob o céu, no qual os homens “são salvos”,^[269] mas o de Deus, que é Jesus Cristo, Filho de Deus, a quem obedecem também os demônios, os espíritos maus e todas as potências rebeldes.^[270]

A invocação do nome de Jesus

97. Pela invocação do nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos, Satanás foi afastado definitivamente dos homens.^[271] Ali onde existe alguém que, acreditando nele e fazendo a sua vontade, o recordará e o invocará, ele estará ao seu lado e ouve as súplicas de quem o invoca com coração puro.^[272] Tendo, assim, obtido a salvação, nós estamos em constante ação de graças a Deus, nosso Senhor, pela sua grande e insondável sabedoria, e arauto da redenção do céu, pela vinda visível de nosso Senhor, isto é, a sua vida humana que, deixados a nós mesmos, não poderíamos conseguir. Mas “As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus”.^[273] A esse propósito, Jeremias disse: “Quem subiu ao céu e apoderou-se dela, e a fez descer do alto das nuvens? Quem atravessou o mar e a encontrou, quem a trará a preço de ouro refinado? Não há quem conheça o seu caminho, nem quem se dê conta da sua vereda. Aquele que sabe todas as coisas, porém, a conhece, pois descobriu-a com a sua inteligência; aquele que preparou a terra para duração eterna e a encheu de animais quadrúpedes; aquele que envia luz e ela parte, que a chama de volta, e ela, tremendo, obedece; brilham em seus postos as estrelas, palpitantes de alegria; ele as chama e elas respondem: ‘Aqui estamos’, cintilando com alegria para aquele que as fez. É ele o nosso Deus, e nenhum outro se contará ao lado dele. Foi ela quem escavou todo o caminho do conhecimento e o mostrou a Jacó, seu servo, e a Israel, seu bem-amado. Depois disso ela apareceu sobre a terra e no meio dos homens conviveu. Ela é o livro dos preceitos de Deus, a Lei que subsiste para sempre: todos os que a ela se agarram destinam-se à vida, e os que a abandonarem perecerão”.^[274] Ele chama “Jacó” e “Israel” o Filho de Deus, que recebeu do Pai o poder sobre a nossa vida e, depois de ter recebido a vida, a fez descer sobre nós que estamos longe dele, quando foi visto sobre a terra e conversou com os homens, misturando e

unindo o Espírito de Deus Pai com o corpo plasmado por Deus, para que o homem se tornasse imagem e semelhança de Deus.^[275]

Conclusão

98. Esta é, meu querido amigo, a pregação da verdade e a imagem de nossa salvação: assim é o caminho da vida que os profetas anunciaram, o que Cristo instituiu, que os apóstolos consignaram e que a Igreja transmite a seus filhos por toda a terra.^[276] Deve ser custodiada e com vontade decidida para agradar a Deus com as boas obras e com um modo sadio de pensar.^[277]

Os desvios dos hereges

99. Portanto, que ninguém pense que existe outro Deus Pai distinto de nosso Criador, como imaginam os hereges, que depreciam o Deus verdadeiro e fazem de Deus um ídolo, criando um pai acima de nosso Criador e o têm para si. Na verdade, todos esses são ímpios e blasfemam contra o seu Criador e Pai como já demonstramos na Exposição e Refutação da falsa gnose.^[278] Outros depreciam a vinda do Filho de Deus e a economia da sua encarnação transmitida pelos Apóstolos e prevista pelos profetas para a restauração da humanidade, como concisamente demonstramos. Também a essas pessoas temos que contá-las entre os incrédulos. Outros ainda não acolhem os dons do Espírito Santo e rechaçam o carisma profético, por cujo orvalho o homem produz como fruto a vida divina. Deles, disse Isaías: “Pois sereis como terebinto cujas folhas estão murchas, como jardim sem água”.^[279] Esses não são de utilidade alguma para Deus, pois não produzem frutos.

100. Com relação aos três artigos do nosso selo,^[280] o erro causou muitas divagações distantes da verdade. Por isso, ou desprezam o Pai, ou não acolhem o Filho, falando contra a economia de sua encarnação, ou refutam o Espírito, ou seja, a profecia. De toda essa gente devemos nos resguardar, evitar os seus caminhos, se realmente queremos agradar a Deus e obter a salvação.^[281]

Irineu: Demonstração da pregação apostólica. Glória a toda a Trindade, único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, providência universal, para sempre. Amém. Recordem-se no Senhor do divino e beatíssimo senhor arcebispo João, proprietário deste livro, irmão do santo rei; e também do humilde escrivão (copista).

SOBRE A COLEÇÃO

Por volta dos anos 1940, surgiu na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos conhecidos como “Padres da Igreja” ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção Sources Chrétiennes, hoje com centenas de títulos. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, exegese, espiritualidade e teologia a partir das “fontes” do cristianismo. No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. Porém, nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã e da doutrina da Igreja, especialmente no senti do de buscar nelas inspiração atuante e transformadora do presente.

A PAULUS Editora quer oferecer ao público de língua portuguesa – leigos, clérigos, religiosos, estudiosos do cristianismo primevo – uma série de títulos, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Cada obra traz uma introdução breve, com dados biográficos do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto.

A preocupação principal da Coleção PATRÍSTICA é possibilitar ao leitor o contato direto com os textos dos “Pais e Mães da Igreja”.

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. *Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Ireneu de Lião
5. *Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, S. Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, S. Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, S. Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, S. Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, S. Agostinho
10. *Confissões*, S. Agostinho
11. *Soliloquios – A vida feliz*, S. Agostinho
12. *A Graça (I)*, S. Agostinho
13. *A Graça (II)*, S. Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana*, S. Agostinho
17. *A doutrina cristã*, S. Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão*, S. Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, S. Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentário ao Gênesis*, S. Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, S. Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia*, S. João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre*, S. Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos*, S. Agostinho
26. *Examerão – os seis dias da criação*, S. Ambrósio
- 27/1. *Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios*, S. João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios*, S. João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, S. João Crisóstomo
28. *Regra Pastoral*, S. Gregório Magno
29. *A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese*, S. Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os Princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, S. Jerônimo
32. *A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência*, S. Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon

Direção editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Supervisão
Heres Drian de Oliveira Freitas

Assistente editorial
Jacqueline Mendes Fontes

Revisão
Tiago José Risi Leme
Iranildo Bezerra Lopes

Capa
Marcelo Campanhã

Desenvolvimento digital
Patrícia Pimenta

Conversão ePUB
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irineu, Santo, Bispo de Lyon, ca. 130-202
Demonstração da pregação apostólica [livro eletrônico]/ Irineu de Lyon; [traduzido por Ari Luis do Vale Ribeiro].
– São Paulo: Paulus, 2014. – (Coleção Patrística).
Título original: Epídeixis tou apostolikou kerúgmatos, de Irineu de Lyon.
244 Kb; ePUB

eISBN 978-85-349-4129-7

1. Irineu, Santo, Bispo de Lyon, ca. 130-202 2. Palavra de Deus (Teologia) 3. Pregação I. Título.
14-09138

CDD-251

Índices para catálogo sistemático:

1. Pregação: Cristianismo 251

Título original
Epídeixis tou apostolikou Kerúgmatos
Tradução, introdução e notas: Ari Luis do Vale Ribeiro

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[[Facebook](#)] • [[Twitter](#)] • [[Youtube](#)]

eISBN 978-85-349-4129-7

INTRODUÇÃO

- [1] Doravante, apenas *Demonstração*.
- [2] Cf. D. Rops, *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*, p. 291.
- [3] *Contra as heresias*, São Paulo: Paulus, 1995, 1ª ed., Patrística 4.
- [4] *História eclesiástica*, São Paulo: Paulus, 2000, 1ª ed., Patrística 15, V, 26.
- [5] E. Peretto, *Ireneu di Lione. Epideixis - Antico Catechismo degli adulti*, Roma, Borla, 1981.
- [6] E. Romero-Pose, *Ireneo de León. Demonstración de la Predicación Apostólica*, Madri: Ed. Ciudad Nueva, 2001, 2ª ed. revista.
- [7] L. M. Froidraux, *Irénée de Lyon. Démonstration de la Prédication apostolique*, Paris, 1959, *Sources Chrétiennes* (= SC) 62.
- [8] Esta é a terceira versão revista de um artigo meu: “S. Irineu de Lião: teologia, tradição e profetismo”, em *Teo*, n. 109, 1995, p. 525-544; *GSinal* L, 1996/2, p. 193-205.
- [9] Inácio escreveu para Policarpo quando ia para Roma ser martirizado.
- [10] Apologia é uma dada forma de teologia, caracterizada pela resposta da fé e justificação do cristianismo ante as autoridades ou a opinião pública, refutando acusações injuriosas aos cristãos ou ao cristianismo; cf. F. A. Figueiredo, *Curso de Teologia Patrística*, v. 1, p. 97.
- [11] Cf. A. Souza de Matos, *A Divina Triade: Irineu de Lião e a Doutrina de Deus*.
- [12] *Id.*, *ib.*
- [13] Cf. H. Ribeiro, “Introdução”, em *Ireneu de Lião, Contra as heresias*, São Paulo: Paulus, 1995, 1ª ed., Patrística 4, p. 27.
- [14] Assim se expressou Eusébio de Cesareia, na sua *História eclesiástica*: cf. V, 24, 18.
- [15] Cf. J. Quasten, *Patrologia*, p. 287.
- [16] Cf. Eusébio de Cesareia, *História eclesiástica*, V, 20, 5-6.
- [17] Cf. Daniel-Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 290.
- [18] Cf. R. Frangiotti, *História da Teologia – Período Patrístico*, São Paulo: Paulus, p. 25.
- [19] Movimento do século II que teve grande difusão, de viés carismático e profético, surgido na Ásia Menor, liderado por um tal Montano, que pregava o retorno iminente de Cristo.
- [20] Cf. B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia*, São Paulo: Paulus, p. 117 e 119; cf., abaixo, p. 51-53 desta introdução.
- [21] Fato citado na *História dos Francos (Historia Francorum)*, de São Gregório de Tours.
- [22] Cf. “Santo Irineu”, em *Vida dos Santos* de Butler, v. 6, p. 275.
- [23] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [24] Cf. Eusébio de Cesareia, *op. cit.*, V, 26.
- [25] *Id.*, *ib.*, V, 20, 1.
- [26] *Id.*, *ib.*
- [27] *Id.*, *ib.* V, 20, 4-8.

[28] *Id., ib.*, V, 24, 11-17.

[29] *Id., ib.*, V, 24.

[30] *Id., ib.*

[31] Em *Texte und Untersuchungen*, v. 20, t. 3, Leipzig, 1900, *apud* J. Quasten, *op. cit.*, p. 294; cf. B. Altaner, *op. cit.*, p. 121.

[32] *Adversus Haereses* (= *AH*), I, 9, 4.

[33] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 18-19.

[34] Cf. F. A. Figueiredo, *op. cit.*, p. 109; J. Daniélou, *Nova História da Igreja*, v. I, p. 79.

[35] Cf. W. Walker, *História da Igreja Cristã*, v. I, p. 81.

[36] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 88.

[37] Cf. P. Pierrard, *História da Igreja*, p. 33.

[38] *Id., ib.*, p. 78.

[39] Cf. A. F. Figueiredo, *op. cit.*, p. 109.

[40] Cf. W. Walker, *op. cit.*, p. 81.

[41] Cf. La Peña, *Teologia da criação*, p. 82.

[42] Cf. P. Pierrard, *op. cit.*, p. 33.

[43] Cf. D. T. Irvin e S. W. Sunquist, *História do Movimento Cristão Mundial*, v. I, p. 161.

[44] Cf. M. Dreher, *A Igreja no Império Romano*, p. 33.

[45] Cf. W. Walker, *op. cit.*, p. 80s.

[46] Cf. P. Pierrard, *op. cit.*, p. 33.

[47] *Id., ib.*, p. 82.

[48] Cf. P. Pierrard, *op. cit.*, p. 34.

[49] Cf. M. Dreher, *op. cit.*, p. 33; *Ireneu*, em *Enciclopedia Italiana*, p. 540.

[50] Cf. J. Ratzinger, *O caminho pascal*, p. 132-133.

[51] Cf. P. Pierrard, *op. cit.*, p. 34.

[52] Cf. J. Ratzinger, *O caminho pascal*, p. 132-133.

[53] A noção de *Regula Fidei* é uma forma de abordar o conteúdo da Revelação cristã e, assim, o Evangelho de Cristo e a sua unicidade. Foram os Padres da Igreja que mostraram a existência de uma “regra” da fé, ou seja, que a normatividade da fé atravessa estruturalmente os primeiros discursos cristãos, apesar da diversidade de correntes, das zonas de sombra entre ortodoxia e heterodoxia, e da falta de instituições para a regulação da fé. Os testemunhos dos Padres, especialmente os Padres Apostólicos e os Padres Apologistas, eram, em sua complexidade e em suas divergências, portadores da mensagem cristã, pois neles a referência aos principais artigos da fé, e àquilo que posteriormente se chamará “dogma”, já estava presente. Antes dos Concílios, regionais e ecumênicos, a Igreja possuía a consciência viva de que a fé cristã comporta uma normatividade, ou uma regra, ou artigos da fé. Há também na Igreja primitiva a ideia de que a fé cristã deve permanecer fiel a si mesma para conservar a sua autenticidade, e não admitir mistura com doutrinas estranhas já presentes no Novo Testamento (cf. At 15,6; 1Tm 6,3-6; 2Tm 4,1-4; Tt 3,10-11). O Novo Testamento assinala a presença de falsos mestres (1Tm 1,3; 6,3), falsos profetas e falsos doutores (2Pd 2,1), capazes de minar e desviar a fé do povo. O Novo Testamento também assinala o termo *heresia*, que toma um sentido pejorativo (1Cor 11,19; Gl 5,20; 2Pd 2,1; Tt 3,10), da mesma forma como os judeus se referem aos cristãos (cf. At 24,5.14). A preocupação com a normatividade da fé não surge com os Padres Apologistas do século II, pois está presente nas crises que põem

em questão a unidade das comunidades. A noção de heresia terá o seu acabamento em São Justino. Irineu, contemporâneo de S. Justino, tornou-se o grande defensor da fé dos Apóstolos contra o gnosticismo. Os apologistas sucessores de Justino, como Teófilo de Antioquia, serão testemunhas da convicção da incompatibilidade “entre as doutrinas da verdade” e as “doutrinas do erro, as heresias”. A noção cristã de Tradição, a qual foi melhor matizada pela teologia do século XX, e assinalada pela Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II, é a que melhor resume a referência ao Evangelho e à Regra de Fé, que tem em Irineu o melhor articulador no século II. Além da noção de Regra de Fé, ele articulou também a noção de sucessão apostólica dos bispos, a fim de garantir à Igreja de todos os tempos o permanecer fiel a uma Tradição autêntica. A expressão “sucessão apostólica” não ocorre no Novo Testamento. Contudo, no Novo Testamento é bem presente a preocupação com o futuro das Igrejas e de seus ministros, particularmente nas *Cartas pastorais* do *Corpus paulinum* e nos Atos dos Apóstolos, os quais atestam o zelo de conservação da identidade cristã no futuro das Igrejas. Um dos elementos fundantes da Igreja de Jesus Cristo é o “Colégio dos Apóstolos” ou “Colégio dos Doze”. Jesus, ao escolher doze apóstolos dentre os seus seguidores (Lc 6,13), está assinalando a sua missão de Messias (Cristo), que inaugura o Novo Israel, sela a Nova Aliança (Lc 22,20) e conta com a colaboração dos Doze para que Deus julgue as Doze Tribos de Israel (cf. Lc 22,30). Com o desaparecimento dos Apóstolos, desapareceram as testemunhas “oculares” de Cristo; porém, esse testemunho foi assim conservado na Igreja: é a chamada Tradição dos Apóstolos (*Traditio Apostolorum*). E os ofícios próprios dos Apóstolos, de pregar (ensinar), de conferir os sacramentos (santificar) e de apascentar o povo (governar), que remontam ao próprio Jesus, foram continuados pelos seus sucessores (cf. At 20,17), posteriormente chamados “bispos”. Essa doutrina da sucessão apostólica, insinuada no Novo Testamento, vai ganhar uma melhor elaboração com os Padres da Igreja, como Papias de Hierápolis (c. 130), Hegesipo (c. 180) e, principalmente, Irineu de Lyon, que deu acabamento teológico a esta noção. Assim, através da sucessão apostólica, é garantida à Igreja a Tradição dos Apóstolos.

[54] Cf. P. Pierrard, *op. cit.*, p. 34.

[55] *AH*, I, 1, 10: “A Igreja, embora dispersa pelo mundo inteiro, até mesmo nos confins da terra, recebeu dos apóstolos e discípulos esta fé... Pelo fato de a fé ser sempre uma e a mesma, não deve aquele que é capaz de fazer longo discurso sobre ela juntar-lhe nenhum acréscimo, nem deve aquele que só sabe dizer pouco diminuí-la”.

[56] O docetismo afirmava que a união de Jesus e Cristo era apenas accidental, aparente (do grego *dokein*, parecer), limitada no tempo, e que cessou quando o Cristo celestial abandonou a Jesus antes da Paixão. Jesus possuía apenas um corpo aparente. Dessa forma, a Paixão de Cristo foi apenas aparente. Essa heresia, de origem gnóstica, foi refutada por São Paulo (1Cor 1,23), pelo autor do IV Evangelho (1Jo 4,2; 2Jo 7), por Santo Inácio de Antioquia (*Ad Smyr.* I, 2-3; IV, 2; *Ad Trall.* IX, 1; X) e, posteriormente, assinalada por Santo Irineu (*A.H.*, III, 11, 1), e está em estreita relação com o monarquismo modalista, que afirma que Jesus-Deus teria sofrido apenas aparentemente. O docetismo puro desapareceu; porém, a sua influência será percebida posteriormente, pois ele não foi estranho à Escola de Alexandria, especialmente a Clemente e a Orígenes, e reaparecerá no século V com o monofisismo.

[57] O. Culmann, *Christus und die Zeit*, Zurique, 1962, 3ª. ed., p. 65; cit. A. Grillmeier, *Gesù Cristo nella fede della Chiesa*, v. I/I, p. 279.

[58] Cf. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 279.

[59] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*

[60] G. T. Armstrong, *Die Genesis*, p. 89; cit. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 282.

[61] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 160.

[62] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*

[63] *AH*, IV, 20, 7 - 25, 3.

[64] Cf. A. Benoit, *op. cit.*, p. 209-212, para a obra *AH*, e p. 234-250, para a *Epideixis*; cit. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 283.

[65] Cf. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 283.

- [66] Cf. A. Benoit, *op. cit.*, p. 204, n. 1; cit. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 283.
- [67] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 17.
- [68] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [69] *Epid.* 6.
- [70] Cf. Ireneu. In: *Enciclopedia de la Religión Católica*, t. IV, p. 562.
- [71] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [72] Cf. W. Brugger, *Dicionário de Filosofia*, p. 588.
- [73] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, 129.
- [74] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 20-21.
- [75] *AH*, II, 30, 9.
- [76] *AH*, II, 10, 4.
- [77] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [78] *Epideixis* (= *Epid.*), 4.
- [79] *AH*, IV, 6, 2; 20, 2.
- [80] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [81] Cf. *ib.*
- [82] *Epid.* 3; ver *Epid.* 7 e 100; *AH*, I, 10, 1; IV, 33, 7; III, 1, 2; 3, 42; 16, 6.
- [83] Mt 28,9; cf. *AH*, III, 17, 1-3.
- [84] Cf. J. Quasten, *op. cit.*, p. 295.
- [85] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [86] Cf. *AH*, IV, 20, 2; V, 1, 3; 5, 1; 28, 1; Ireneu provavelmente se inspirou em Jó 10,8; cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [87] *AH*, IV, 38, 3.
- [88] *Epid.* 5.
- [89] Cf. Sl 33(32),6; Pr 3,19; 8,22-36; *passim*.
- [90] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [91] Cf. *AH*, V, 12, 2.
- [92] *Epid.* 6-7.
- [93] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [94] Cf. J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds*, Nova York: David McKay, 1960; *apud* A. Souza de Matos, *ib.*
- [95] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [96] Cf. A. Souza de Matos, *ib.*
- [97] Cf. B. Altaner, *op. cit.*, p. 124.
- [98] Cf. Jo 1,1.14; 1Jo 1,1; Ap 19,13.
- [99] Cf. De Fraine, *Logos*, p. 899.
- [100] Cf. C. H. Dodd, *Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 368s.

- [101] Cl 2,18; 1Tm 1,14; 3,9; cf. J. De Fraine, *op. cit.*, p. 899.
- [102] Cf. E. Gilson, *História da Filosofia Cristã*, p. 29-31; F. A. Figueiredo, *op. cit.*, p. 119-134.
- [103] Cf. *Epid.* 47.
- [104] Cf. *AH*, II, 30, 9; III, 18, 1; IV, 20, 1.
- [105] Cf. *Epid.* 2.
- [106] Cf. *AH*, IV, 7, 1, 3
- [107] Cf. *AH*, 5, 2.
- [108] Cf. *AH*, IV, 20, 9-10.
- [109] Cf. J. Quasten, *op.cit.*, p. 296.
- [110] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 161.
- [111] Cf. A. F. Figueiredo, *op. cit.*, p. 138.
- [112] Cf. *Epid.* 12.
- [113] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 22-23.
- [114] Cf. A. Houssian, *La christologie de Saint Irénée*, p. 219-220; cit. E. Peretto, *Epideixis – Antico Catechismo degli adulti*, p. 36-37, nota 82.
- [115] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 161.
- [116] *AH*, IV, 28, 2.
- [117] *AH*, III, 16, 6.
- [118] Cf. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 283.
- [119] O nestorianismo negava a unidade das naturezas divina e humana de Cristo.
- [120] Cf. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 286.
- [121] *Id.*, p. 287, nota 231.
- [122] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 129.
- [123] Cf. J. Quasten, *op. cit.*, p. 295.
- [124] Cf. *AH*, II, 32, 4.
- [125] Cf. *AH*, V, 12, 4.
- [126] Cf. *Epid.* 42.
- [127] *AH*, III, 24, 1.
- [128] Cf. J. Comblin, *O Espírito Santo e a Libertação*, p. 108.
- [129] Cf. *AH*, III, 2, 8.
- [130] Cf. *AH*, II, 30, 9; III, 25, 1; IV, 7, 4; 20, 1.3.4; *Epid.* 5; 10.
- [131] Cf. *AH*, IV, 11, 2.
- [132] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 23.
- [133] Cf. F. A. Figueiredo, *Autoridade e obediência na Igreja*, p. 597-599.
- [134] *Id.*, *ib.*, p. 598.
- [135] *Id.*, *Curso de Teologia Patrística*, v. 1, p. 146.

- [136] *AH*, IV, 11, 2.
- [137] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 24.
- [138] *AH*, IV, 20, 7.
- [139] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 25.
- [140] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 161-162.
- [141] Cf. H. Ribeiro, *op. cit.*, p. 25.
- [142] *Id.*, *ib.*
- [143] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 162.
- [144] Cf. F. A. Figueiredo, *op. cit.*, p. 142.
- [145] Cf. A. Grillmeier, *op. cit.*, p. 283.
- [146] Cf. *AH*, II, 22, 4.
- [147] Cf. "Ireneu", em *Enciclopedia de la Religión Católica*, t. IV, col. 565.
- [148] Cf. J. Quasten, *op. cit.*, p. 313.
- [149] Cf. "Ireneu". In: *Enciclopedia de la Religión Católica*, *op. cit.*, col. 565.
- [150] Cf. B. Altaner, *op. cit.*, p. 124.
- [151] Cf. *AH*, IV, 38, 3.
- [152] Cf. R. Latourelle, *Teologia da Revelação*, p. 185.
- [153] Cf. *AH*, IV, 6, 6; *Epid.* 6; R. Latourelle, *op. cit.*, p. 185.
- [154] Cf. *AH*, III, 4, 1.
- [155] Cf. *AH*, III, 1, 1; R. Latourelle, *op. cit.*, p. 111-113.
- [156] *AH*, II, 28, 3.
- [157] Cf. *AH*, I, 20, 1-2; III, 1, 2; III, 3, 1; III, 4, 1; III, 11, 9; IV, 26; IV, 33, 8.
- [158] Cf. G. M. Perrella; L. Vagaggini, *Elementos de História da Exesege Bíblica*, p. 236.
- [159] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, v. I, p. 162.
- [160] Cf. *AH*, III, 11, 7s.
- [161] Cf. *AH*, III, 12, 12; J. Quasten, *op. cit.*, 307; K. H. Schelkle, *Teologia do Novo Testamento*, v. I, p. 256s.
- [162] Cf. B. Altaner, *op. cit.*, p. 65; J. Quasten, *op. cit.*, p. 307.
- [163] *AH*, II, 28, 3.
- [164] *AH*, V, 2, 3.
- [165] *Ml* 1,10s; cf. *AH* IV, 17, 5s.
- [166] Cf. *AH*, IV 18, 5.
- [167] Cf. F. A. Figueiredo, *op. cit.*, p. 146.
- [168] *Id.*, *ib.*, p. 146.
- [169] *Dial.* 100, 4-5; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 116, n. 114.
- [170] Cf. *AH*, III, 21, 10; V, 1, 3; 19, 1; *Epid.* 33.

- [171] Cf. *Epid.* 33.
- [172] Cf. D. T. Irvin; S. W. Sunquist, *op. cit.*, p. 161.
- [173] Cf. “Ireneu”, em *Enciclopedia Italiana*, v. XIX, col. 451.
- [174] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 120.
- [175] Cf. Eusébio de Cesareia, *H. E.* III, 39, 12; J. Daniélou, *op. cit.*, p. 104.
- [176] Cf. “Ireneu”, em *Enciclopedia Italiana*, v. XIX, col. 451.
- [177] Cf. *AH*, V, 33, 3; cf. W. Walker, *op. cit.*, p. 97.
- [178] Cf. C. F. Gomes, *Antologia dos Santos Padres*, p. 106.
- [179] Cf. Eusébio de Cesareia, *H. E.*, V, 24, 11s; A. G. Martimort, *A Igreja em Oração*, p. 41.
- [180] Cf. *AH*, II, 22, 25; IV, 27-28; 30, 1; V, 5, 1; 30, 1; 33, 3; 36, 1, II, 22, 25; IV, 27-28; 30, 1; V, 5, 1; 30, 1; 33, 3; 36, 1.
- [181] Cf. Ribeiro, H., *op. cit.*, p. 24.
- [182] Cf. Gomes, C. F., *op. cit.*, p. 106; Llorca, J., *Historia de la Iglesia Catolica*, v. 1, p. 264.
- [183] Cf. Altaner, B., *op. cit.*, p. 123.
- [184] *AH*, III, 3, 2.
- [185] W. Walker, *op. cit.*, p. 93s.
- [186] Irineu apresenta uma notável página dedicada à Igreja de Roma e à sucessão de seus bispos: cf. *AH*, III, 3, 3.
- [187] Testemunhada por Eusébio de Cesareia, *H. E.*, V, 4, 2.
- [188] Cf. B. Altaner, *op. cit.*, p. 123.
- [189] Cf. Inácio de Antioquia, *Carta aos Tralianos* 3, 1; *Carta aos Esmirnenses*. 8, 1.
- [190] No texto bíblico mais referencial sobre a noção de “sucessão apostólica”, é o relato da despedida de São Paulo em Éfeso (At 20,17-38), quando o Apóstolo fala que sua missão está cumprida e que a missão dos dirigentes daquela Igreja prossegue. Isso significa que Paulo encarrega os dirigentes daquela Igreja de prosseguir o mesmo trabalho por ele realizado a serviço do Evangelho e da Igreja. Os termos “episcopo” (v. 28) e “presbítero” (v. 17) ocorrem referindo-se às mesmas pessoas, como ocorre em Tt 1,5-6.7-9, e também na obra de Irineu. Só mais tarde o termo “episcopo-bispo” designará o responsável por uma Igreja local.
- [191] Cf. E. Castellucci, *Il ministero ordinato*, p. 100-101.
- [192] Cf. *AH*, III, 3, 1.
- [193] Cf. E. Castellucci, *op. cit.*, p. 103.
- [194] Cf. *AH*, IV, 26, 2.4.
- [195] *AH*, I, 26, 3.
- [196] *AH*, II, 20, 2. 5.
- [197] Eusébio de Cesareia, *H. E.*, V, 23-25.
- [198] Cf. P. Rivaux, *Tratado de História eclesiástica*, p. 118-119.
- [199] Cf. P. Rivaux, *op. cit.*, p. 119; L. Meulenberg, *A discussão aberta na Igreja antiga*, p. 17.
- [200] Cf. P. Rivaux, *op. cit.*, p. 129.
- [201] Cf. F. A. Figueiredo, *op. cit.*, p. 84; cf. A. G. Martimort, *op. cit.*, p. 362.

[202] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 123.

[203] Eusébio de Cesareia consultou, na biblioteca de Jerusalém, as cartas dos bispos da Palestina, Roma, Ponto, Gálias, Osroena, Corinto, Alexandria (*H. E.* V, 23,3-4; 25). Como o parecer da maioria das comunidades era que a Páscoa devia ser celebrada no dia de domingo, Vítor ameaçou com a excomunhão os que não acatassem a sua determinação. É notável que as comunidades orientais possuíssem o parecer das ocidentais; cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 123.

[204] Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, p. 123.

[205] Cf. R. Frangiotti, *op. cit.*, p. 29.

[206] É verdade que não temos os relatos do martírio de Santo Irineu, e a primeira informação de que ele teria morrido mártir é do século V: São Jerônimo (+420), em dois dos seus escritos, o *Martirologio Jeronimiano* e o *Comentário ao Livro do Profeta Isaías*, cita Irineu como mártir da fé, mas nada fala no *De viris illustribus*; cf. J. Llorca, *op. cit.*, p. 194, n. 17. O Pseudo-Justino, no século IV ou V, cita Irineu como mártir da fé; cf. *Responsiones ad orthodoxos*; cit. “Ireneu”, *Enciclopedia de la Religion Católica*, col. 560. Outra informação nos é dada na *História dos Francos (Historia Francorum 1, 27; apud J. Quasten, op. cit., p. 288)*, escrita por São Gregório de Tours (+594). Irineu, provavelmente, morreu durante a promulgação do Primeiro Edito Geral do Império Romano, no ano 200, o qual proibia violentamente o proselitismo judeu e cristão, edito que foi aplicado com todo rigor. Na mesma época se deu a sexta perseguição aos cristãos, sob Sétimo Severo, na qual Irineu teria morrido mártir; cf. J. Llorca, *op. cit.*, p. 194s.

[207] *Apol*, 50, 13 – *Corpus Christianorum Latinorum*, vol. I, p. 171.

[208] Cf. *H. E.*, V, 26.

[209] *PO XII*, 5, col. 651-731.

[210] Irineu, *Carta a Florino*, em Eusébio de Cesareia, *H. E.*, V, 20, 4-8.

[211] Tal como é iniciada a obra *Adversus Haereses*: cf. *AH*, I, Introd., 2.

[212] Cf. E. Peretto, *Epideixis – Antico Catechismo degli adulti*, p. 25-26; p. 32.

[213] Cf. F. A. Figueiredo, *Curso de Teologia Patristica*, v. 1, p. 138.

[214] E. Romero-Pose, *Ireneo de Lión. Demonstración de la Predicación Apostólica*, Madri: Ed. Ciudad Nueva, 2001, 2ª ed. revista.

[215] Cf. *Epid.* 4-16.

[216] Cf. *Epid.* 17-30.

[217] Cf. *Epid.* 31-41.

[218] Cf. *Epid.* 42-51.

[219] Cf. *Epid.* 52-84.

[220] Cf. *Epid.* 85-97.

[221] Cf. *Epid.* 1.

[222] Cf. *Epid.* 2.

[223] Cf. *Epid.* 3.

[224] Cf. *Epid.* 41.

[225] Cf. *Epid.* 5.

[226] Cf. *Epid.* 6.

[227] Cf. Peretto, E., *op. cit.*, p. 17-18.

[228] Cf. *Epid.* 8.

- [229] Cf. *Epid.* 9-10.
- [230] Cf. *Epid.* 11-16.
- [231] Cf. *Epid.* 17.
- [232] Cf. *Epid.* 18.
- [233] Cf. *Epid.* 19.
- [234] Cf. *Epid.* 20-21.
- [235] Cf. *Epid.* 22.
- [236] Cf. *Epid.* 23.
- [237] Cf. *Epid.* 24-29.
- [238] Cf. *Epid.* 30.
- [239] Cf. *Epid.* 31.
- [240] Cf. Hamman, A. G., *Irénée de Lyon. La Prédication des apôtres et ses preuves ou la foi chrétienne*, p. 41; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 19.
- [241] Cf. *Epid.* 32.
- [242] Cf. *Epid.* 33.
- [243] Cf. *Epid.* 34.
- [244] Cf. *Epid.* 35-37.
- [245] Cf. *Epid.* 33-39.
- [246] Cf. *Epid.* 40.
- [247] Cf. *Epid.* 41-42.
- [248] Cf. *Epid.* 44.
- [249] Cf. *Epid.* 45.
- [250] Cf. *Epid.* 46.
- [251] Cf. *Epid.* 47.
- [252] Cf. *Epid.* 52.
- [253] Cf. *Epid.* 53-77.
- [254] Cf. *Epid.* 66.
- [255] Cf. *Epid.* 86.
- [256] Cf. *Epid.* 87.
- [257] Cf. *Epid.* 89-90.
- [258] Cf. *Epid.* 91-92.
- [259] Cf. *Epid.* 93-94.
- [260] Cf. *Epid.* 95.
- [261] Cf. *Epid.* 96.
- [262] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 23.
- [263] Cf. *Epid.* 98.

- [264] Cf. *Epid.* 99.
- [265] Cf. *Epid.* 100.
- [266] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 24.
- [267] Cf. *Epid.* 3; 7; 99-100.
- [268] Cf. A. Benoit, *Saint Irénée*, p. 246-247; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 34.
- [269] Cf. *Epid.* 5.
- [270] Na obra *Adversus Haereses*, para tratar do mesmo tema, Irineu preferiu Rm 8,18-23, que na *Demonstração* é ausente; cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 36.
- [271] Cristo presente de modo invisível no cosmo, e ativo desde a criação, tornou visível tal presença e atividade em sua Encarnação, e deixou seu selo com a sua cruz; cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 35.
- [272] Cf. *AH*, V, 33, 34.
- [273] Cf. *Epid.* 6; 30; 33; 37.
- [274] Cf. A. Houssian, *La Christologie de Saint Irénée*, p. 240; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 37.
- [275] Ebionismo (de *ebion*, pobre), seita gnóstica que afirmava a heresia de que Jesus era um “mero homem”, dotado de uma força especial (*dynamis*), escolhido por Deus e adotado como Filho. Por isso, essa heresia é também chamada *adocionismo*; cf. O. G. Cardedal, *Cristologia*, p. 193s.
- [276] Cf. *AH*, IV, 14, 2; 20, 4; *Epid.* 6; 7; 21; 39; 40; 55; J. Smith, *St. Irenaus. Proof of the Apostolic Preaching*, p. 30-31; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 37-38.
- [277] Cf. H. U. von Balthasar, *Gloria. Una estetica teologica*, II, p. 21-22; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 38.
- [278] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 25.
- [279] Cf. Mt 2,15-23; 4,14; 8,17; 13,14.35; 21,4.26.56; 27,35; Jo 12,38; 13,18; 15,25; 17,12; 19,28.36.
- [280] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 26.
- [281] Justino, *IApol*, 30; cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 27.
- [282] Cf. Hamman, A. G., *op. cit.*, p. 41; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 27-28.
- [283] Cf. Peretto, E., *op. cit.*, p. 26, n. 37.
- [284] Cf. *Epid.* 1.
- [285] *Epid.* 42.
- [286] Cf. *AH*, II, 32, 4.
- [287] Cf. *AH*, V, 12,4.
- [288] Cf. *Epid.* 22.
- [289] Cf. *Epid.* 8.
- [290] Cf. *Epid.* 22.
- [291] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 39.
- [292] Cf. *Epid.* 87 e 89.
- [293] Cf. H. U. von Balthasar, *op. cit.*, p. 39-40; cit. E. Peretto, *op. cit.*, p. 39-40.
- [294] Cf. *Epid.* 28.
- [295] Cf. *Epid.* 12 e 38.
- [296] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 40.

- [297] Cf. *AH*, III, 21, 10-22, 1; *Epid.* 32; 33; 46; 55; 88-90; E. Peretto, *op. cit.*, p. 40.
- [298] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 40.
- [299] Cf. *AH*, III, 4, 2.
- [300] Cf. *AH* II, 25, 3; 30, 9; IV, 9, 2.
- [301] Cf. *Epid.* 10-11.
- [302] Cf. *AH*, IV, 19, 3; *Epid.* 4; 5; 8.
- [303] Cf. *Epid.* 43-48.
- [304] Cf. *AH*, IV, 4, 1-2.
- [305] Cf. *AH*, III, 19, 1.
- [306] Cf. *Epid.* 39.
- [307] Cf. *Epid.* 41.
- [308] Cf. *Epid.* 97.
- [309] Cf. *AH*, III, 18, 3.
- [310] Cf. Peretto, E., *op. cit.*, 42-43.
- [311] Cf. *Epid.* 2; 11.
- [312] Cf. *Epid.* 11.
- [313] Cf. *AH*, IV, 20, 7.
- [314] Cf. *AH*, 16, 4; 27, 1.
- [315] Cf. *AH*, V, 35, 2; E. Peretto, *op. cit.*, p. 43.
- [316] Cf. *Epid.* 3; 5; 6; 7; 42; 99; 100.
- [317] Cf. *AH*, III, 17, 1; IV, 20, 9-10.
- [318] Cf. *AH*, IV, 38, 1-4; *Epid.* 12.
- [319] Cf. *AH*, III, 20, 1-2; IV, 37, 7.
- [320] Cf. *AH*, IV, 14, 1; 21, 3.
- [321] Cf. *AH*, III, 17, 1; 20, 2.
- [322] Cf. *AH*, IV, 20, 7; 23, 1; 33, 10; V, 13, 1.
- [323] Cf. *Epid.* 40.
- [324] Cf. *Epid.* 45-46. 52; E. Peretto, *op. cit.*, p. 44.
- [325] Cf. *Epid.* 20; 21; 42.
- [326] Cf. *Epid.* 25.
- [327] Cf. *Epid.* 94.
- [328] Cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 44-45.

DEMONSTRAÇÃO DA PREGAÇÃO APOSTÓLICA

[1] A obra *Adversus Haereses* inicia de modo análogo, tal qual a obra lucana Lc-At.

[2] Sl 1,1.

[3] Ex 3,14.

[4] Is 7,9 (LXX).

I – A Catequese dos Apóstolos (cc. 4-41)

[5] Sl 33(32),6.

[6] Ef 4,6; cf. *AH*, II, 2, 5; III, 10, 4; IV, 20, 2; 32, 1; V, 17, 4; V, 18, 2; V, 22, 1.

[7] Cada artigo se refere a uma Pessoa da SS. Trindade.

[8] Cf. Dn 11,13: *AH* IV, 33, 15; *Epid.* 22; 1Tm 4,1: *Epid.* 89; 2Tm 3,1: *Epid.* 21.30.

[9] Cf. *AH* IV, 20, 4.

[10] Cf. 1Jo 1,1.

[11] Cf. 2Tm 1,10; *AH* III, 23, 1; 7; 23, 8; *Epid.* 6 e 38.

[12] Cf. *Epid.* 31 e 40; *AH* IV, 24, 1; IV, 34, 4.

[13] Cf. Ef 2,13-18; *Epid.* 3; *AH* I, 10, 1; IV, 33, 7; V, 1, 2-3; V, 20, 1.

[14] Cf. Sl 104(103),30.

[15] Rm 2,4-6.

[16] Cf. Ex 3,6; Mt 22,32; Mc 12,26; Lc 20,37; *AH* II; 30, 9; II, 47, 2; IV, 9, 1; *Epid.* 21 e 24.

[17] Is 11,2.

[18] Ex 25,40; cf. Hb 8,5.

[19] Cf. Gn 2,19-25.

[20] Gn 2,18.

[21] Gn 2,23.

[22] Gn 2,16-17.

[23] Gn 4,1-2.

[24] Cf. Gn 4,8; 1Jo 3,12.

[25] Cf. Gn 6,2-4; Br 3,26-28; Sb 14,6; Eclo 16,8; cf. *AH*, IV, 36, 4; *Epid.* 10.

[26] Cf. Gn 6,8; Eclo 44,17; Sb 10,4; 14,6-7.

[27] Gn 9,25; o texto massorético diz Canaã, e não Cam. Irineu, ao preferir Cam, ao invés de Canaã, fez iniciar com Cam o caminho da maldição, transcrevendo assim uma categoria bíblica fundamental, segundo a qual Noé não podia amaldiçoar o filho que era abençoado por Deus, mas podia fazê-lo com a descendência representada no epônimo Canaã, seu neto; cf. E. Peretto, *Epideixis – Antico Catechismo degli adulti*, p. 96-97, n. 68.

[28] Gn 9,26.

[29] Cf. Gn 11,10-26.

[30] Gn 9,27.

[31] Sl 19(18),5; cf. Rm 10,18; *Epid.* 86.

[32] Cf. Gn 9,27; *AH*, V, 34, 2; IV, 20, 10.

[33] Gn 9,14-15; citação não literal.

[34] Gn 9,1-6.

[35] Cf. Cl 1,15.

[36] Cf. Gn 1,27.

- [37] Gn 11,1; citação não literal.
- [38] Gn 12,1; cf. *AH*, IV, 5, 3-5; IV, 10, 1.
- [39] Cf. Gn 12,4.
- [40] Cf. *Epid.* 20.
- [41] Gn 12,7; cf. Gn 13,15; 17,8; At 7,2-5.
- [42] Cf. Gn 15,13-16; At 7,6.
- [43] Gn 15,5; cf. Rm 4,18; *AH* III, 9, 1; IV, 7, 2; IV, 39, 3; V, 25, 1; V, 34, 1; *Epid.* 93.
- [44] Gn 15,6; cf. Rm 4,3; Gl 3,6; *AH*, IV, 5, 3-5.
- [45] Rm 4,11; cf. Gn 17,10-11; *AH*, IV, 25, 1.
- [46] Cf. Gn 21,1-4; 25,25; At 7,8.
- [47] Ex 3,6; cf. Mt 22,32.
- [48] Cf. Gn 41,54; 45,5-6; 46,6-7; At 7,11-15.
- [49] Cf. Ex 7,20-12,30.
- [50] Cf. Ex 17,11; Nm 21,8-9; 1Cor 10,6-11; *AH*, III, 12, 9; IV, 24, 1; IV 26, 1.
- [51] Cf. Ex 14,15-31; Sl 10,15-19.
- [52] Cf. Ex 31,18; 20,1-17; 24,12.
- [53] Cf. Ex 25,27; 1Rs 8,9; 2Cr 5,10; Hb 8,5; 9,4; 10,1.
- [54] Cf. Ex 28,1; Nm 1,48-53; 3,5-12.
- [55] Cf. Nm 13,2-14,38.
- [56] Cf. *Epid.* 18.
- [57] Cf. Nm 13,32-33.
- [58] Cf. Nm 26,3; 36,13.
- [59] Cf. Dt 32,49-52.
- [60] Cf. Dt 34,5-9.
- [61] Cf. Js 3,14-17.
- [62] Cf. Js 13,7-14,2.
- [63] Cf. Js 3-13; *Epid.* 25-26; *AH*, IV, 14, 3-15, 1.
- [64] Cf. *Epid.* 29; 30; 83; 86; *AH*, IV, 36, 4.
- [65] Cf. Rm 1,3-4.
- [66] Cf. *Epid.* 51.
- [67] Cf. *AH*, IV, 14, 3; IV, 27, 3.
- [68] Ef 1,10; cf. *AH*, V, 20, 2.
- [69] Cf. Fl 2,8.
- [70] Cf. Jo 1,14.
- [71] Gn 2,5.
- [72] Gn 1,26; cf. Cl 3,10.

- [73] Cf. Mt 15,24; Lc 19,10; *AH*, III, 19, 3; 23, 1.8; V, 12, 3.14, 2; 15, 2.
- [74] Cf. *AH*, IV, 39, 1; V, 16, 3; 17, 3-4; 19, 1.
- [75] Is 50,5-6.
- [76] Cf. Fl 2,8; *AH*, V, 17, 3; V, 19, 1.
- [77] Cf. *AH*, V, 18, 3; Eclo 24,6-9.
- [78] Cf. Gn 15,5.
- [79] Cf. *Epid.* 33.
- [80] Cf. Fl 2,15; Mt 5,14; *AH*, IV, 5, 3.
- [81] Gn 15,6; cf. Rm 4,3; Gl 3,6; Tg 2,23; *Epid.* 24; 35; 93 e 95; *AH*, V, 5, 3.5; 8, 1.
- [82] Hab 2,4 = Rm 1,17; cf. Gl 3,7-11; Hb 10,38.
- [83] Cf. Rm 4,13; *Epid.* 24; *AH*, IV, 7, 2.
- [84] 1Tm 1,9; cf. *AH*, IV, 16, 3.
- [85] Cf. Rm 3,21; *AH*, IV, 7, 2; IV, 5, 3; IV, 34, 2; V, 32, 2.
- [86] Irineu impropriamente aplica a expressão “*fruto do seu seio*” a Davi, pois na Escritura se refere à mulher: Lc 1,42; 11,27; cf. Sl 128(127),3; Gn 25,23; Sl 22(21),10.11; 71,6; Sb 7,1; Eclo 50,24; Is 49,1; Lc 23,29.
- [87] Cf. 2Sm 7,12-13; Sl 89(88),30.37; 132,11; At 2,30.
- [88] Cf. Is 7,10-16; Sl 132(131),11; *AH*, III, 9, 2; III, 16, 3; III, 21, 5-6.
- [89] *AH*, III, 21, 5-6.
- [90] Cf. Lc 1,32-33; 2Sm 7,1; Is 9,6; Dn 7,14.
- [91] Cf. *Epid.* 38.
- [92] Cf. Mt 5,17.
- [93] Cf. *AH* I, 8, 1; II, 4, 2 e 5; 25, 2; 30, 4; 33, 3; III, II, 8; V, 15, 2; V, 24, 4.
- [94] Cf. *Epid.* 6; cf. 2Tm 1,10; 1Cor 15, 26; Hb 2,14.
- [95] Cf. 2Tm 1,10.
- [96] Cf. Ap 1,5; Cl 1,18; *AH*, III, 16, 3; IV, 20, 2; 24, 11.
- [97] Am 9,11; cf. At 15,16; *Epid.* 62; *AH* III, 12, 14; V, 7, 2; V, 14, 2-3.
- [98] Cf. *Epid.* 34.
- [99] Cf. 1Cor 15,12-17
- [100] Cf. 1Cor 15,12-17; Ap 1,5; Cl 1,18.
- [101] Cf. *Epid.* 38.
- [102] Cf. *AH*, V, 19, 1; III, 16, 4; III, 18, 7; III, 21, 10.
- [103] Cf. Cl 1,18.
- [104] Is 9,5; cf. *Epid.* 54.
- [105] Cf. *AH* III, 16, 6; V, 13, 3; V, 18, 2.
- [106] Cf. *Epid.* 41-42.
- [107] Cf. *Epid.* 44.

[108] Cf. *Epid.* 63.

[109] Cf. *Epid.* 41; 42; 44; 63 e 66.

II – A Demonstração Profética (cc. 42-97)

[110] Cf. *AH*, V, 6, 1; V, 7, 1; V, 9, 1.

[111] Cf. *AH*, 7, 2; V, 8, 1; V, 13, 4.

[112] Cf. Gn 9,27; *Epid.* 21.

[113] É uma asserção um pouco peregrina que Irineu faz de Gn 1,1 para deduzir a preexistência do Filho de Deus antes da criação; cf. *AH*, IV, 49, 1; E. Peretto, *op. cit.*, p. 131, n. 161.

[114] O texto não é de Jeremias, mas a união do Sl 110(109),3 (*ante luciferum genuite*) e do Sl 72(71),17 (*ante solem permanet nomen eius*), aplicado como sustentação da interpretação de Gn 1,1 com relação à preexistência do Verbo.

[115] Esse dito tem par no *Evangelho de Tomé*, 20: “Bem-aventurado aquele que era antes de vir ao mundo”, e no *Evangelho de Filipe*, 57: “porque quem é, era e será”; cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 134, n. 163.

[116] Jo 1,1-3; cf. *AH*, II, 22, 4; II, 25, 3; 30, 9; III, 18, 1; III, 22, 3; IV, 21, 1.3.7; *Epid.* 30.

[117] Gn 18,1-3, com omissões; para Irineu, as teofanias do Antigo Testamento são obra do Filho, que se aproxima dos homens de forma humana, preanunciando assim a Encarnação.

[118] Cf. Gn 18,22-32; *AH*, III, 6, 1.

[119] Gn 19,24.

[120] Cf. Gn 18,12-15; *Epid.* 9.

[121] Is 66,1; cf. At 7,4; *AH*, IV, 2, 5.

[122] Is 40,12; cf. *AH*, IV, 19, 2.

[123] Ex 3,7.8; cf. *AH*, IV, 7, 4; *AH*, III, 6, 2; IV, 12, 4.

[124] Cf. Ex 17,6, Nm 20,7-13; 1Cor 10,4.

[125] Cf. 1Cor 14,20; *Epid.* 27 e 96; *AH*, IV, 28, 3.

[126] Cf. Ex 17,11; *AH*, IV, 24, 1; IV, 33, 1; V, 14, 4.

[127] Cf. *AH*, I, 8, 5.

[128] Cf. Ef 2,18; 3,12; *AH*, III, II, 5; IV, 4, 2.

[129] Sl 45(44),7-8.

[130] À luz do *Adversus Haereses*, para Irineu, o título “Filho” designa tanto a pessoa histórica de Jesus Cristo (cf. III, 6, 1) quanto a sua divindade (cf. III, 18, 3).

[131] Sl 110(109),1-7.

[132] Is 45,1.

[133] Sl 2,7-8; cf. *AH*, IV, 21, 3; “Rei universal” é um título divino como Filho de Deus: *Epid.* 36; 52; 56; 61; 64 e 66.

[134] Sl 110(109),1; *Epid.* 48.

[135] Cf. 2Pd 1,20-21.

[136] Is 49,5-6; cf. At 13,47; o título “servo”, que ocorre no v. 6, é aplicado ao Filho preexistente em função de sua obediência filial, e descreve a sua relação com o Pai: *Epid.* 50-51; cf. *AH*, III, 12, 5.

[137] Cf. *Epid.* 30.

[138] Cf. Gn 32,28.

- [139] Cf. Gl 4,1.
- [140] A Sabedoria divina personificada: Br 3,38; Pr 1,20-23; 8,1-36; 9,1-6; Jó 28; Eclo 24,1-21; Jo 1,1-14; *AH*, IV, 7, 5.
- [141] Cf. 1Pd 1,20-21.
- [142] Is 7,14-16; cf. *AH*, III, 21, 1.5ss.
- [143] Is 61,1; Lc 4,18; cf. *Epid.* 60.
- [144] Is 66,7.
- [145] Is 66,7; cf. *AH*, III, 21, 6.
- [146] Is 9,5 (LXX); cf. *Epid.* 40; 54; 55 e 56.
- [147] Gn 1,26.
- [148] Cf. *Epid.* 1.
- [149] Baseado em Is 9,5.
- [150] Is 9,4-6 (LXX).
- [151] Is 9,4.
- [152] Is 9,5; cf. *Epid.* 55.
- [153] Gn 49,10-11; cf. *AH*, IV, 10, 2.
- [154] Cf. Sl 104(103),13-15.
- [155] Nm 24,17.
- [156] Cf. Mt 2,1-11; *Epid.* 9.
- [157] Is 11,1-10.
- [158] Is 11,3-4; cf. *AH*, III, 9, 3.
- [159] Transcrição livre de Is 11,4; cf. *Epid.* 59.
- [160] Is 11,5; cf. Sl 96(95),13; Hab 2,4; 1Sm 26,23.
- [161] Is 11,10; cf. E. Peretto, *op. cit.*, p. 159, n. 224.
- [162] Is 11,10; transcrição livre de Irineu; cf. *Epid.* 59.
- [163] Cf. Fl 2,7.
- [164] Cf. *AH*, V, 3, 2.
- [165] Mt 2,6; cf. Ml 5,1.
- [166] Cf. Mt 13,54.57.
- [167] Sl 132(131),10-12; cf. *AH*, III, 9, 2.
- [168] Composição de Is 62,11 e Zc 9,9; cf. Mt 21,5.
- [169] Cf. Mt 21,5-8.
- [170] Cf. *AH*, III, 19, 2; IV, 11, 3; IV, 33, 1.12.
- [171] Cf. *Epid.* 36; 56 e 95.
- [172] Cf. *Epid.* 53; 55 e 67-88.
- [173] Is 53,4; citado por Mt 8,17; cf. *AH*, IV, 33, 11.

- [174] Is 29,18.
- [175] Is 35,3-6; cf. *AH*, III, 20, 3.
- [176] Is 26,19; cf. *AH*, V, 15, 1; 34, 1.
- [177] Is 52,13-53,5; cf. *AH*, III, 19, 2; IV, 23, 2; 33, 1, 2.
- [178] Referência ao Sl 38(37),9: “Aflito e acabado em extremo”.
- [179] Is 50,6; cf. *Epid.* 34.
- [180] Lm 3,30.
- [181] Is 53,5-6; cf. *Epid.* 67 e 68.
- [182] Is 53,7.
- [183] Provavelmente, Irineu uniu Is 53,8 com Fl 2,8; cf. *AH*, V, 21, 2.
- [184] Is 53,8; cf. *AH*, IV, 33, 11.
- [185] Lm 4,20 (LXX). Esse é um dos mais antigos testemunhos da Paixão, atribuído a Jeremias; cf. *AH*, III, 10, 3.
- [186] É a sombra de Pedro que cura os doentes; cf. At 5,15.
- [187] Não Jeremias, mas Is 57,1-2; cf. *AH*, IV, 34, 4.
- [188] Cf. Ef 2,14-18.
- [189] Sl 21(20),5; apenas Irineu cita esse versículo, na primeira Antiguidade cristã, aplicado à Paixão de Cristo; cf. E. Romero-Pose, *Ireneo de Lión. Demonstración de la Predicación Apostólica*, p. 192, n. 5.
- [190] Sl 3,6; *AH*, IV, 31, 3; 33, 13.
- [191] Sl 2,1-2; cf. *AH*, III, 12, 5.
- [192] Na verdade, Pôncio Pilatos governou a Judeia na qualidade de procurador sob Tibério, de 27 a 37 d.C.; Cláudio foi imperador de 41 a 54 d.C.
- [193] Sl 89(88),39-46.
- [194] Cf. *Epid.* 69.
- [195] Zc 13,7; cf. Mt 26,31; Lc 14,27.
- [196] Os 10,6 (LXX).
- [197] Cf. Lc 23,6-12; Mc 15,1; Mt 27,1-2.
- [198] Em Jeremias, não há um passo que possa ser aproximado ao presente.
- [199] Is 65,2; cf. *AH*, IV, 33, 12.
- [200] Sl 22(21),17.
- [201] Sl 22(21),15.
- [202] Citação composta dos Sl 22(21),21; 119(118); 22(21),17.
- [203] Dt 28,66. A tradição catequética do século II desenvolveu esses primeiros elementos da Teologia da Cruz; cf. *AH*, IV, 10, 2; V, 18, 8.
- [204] Jo 19,23-24.
- [205] Mt 27,9; na verdade, essa profecia pertence a Zc 11,12-13; Mateus combinou essa profecia de Zacarias com a narração de Jeremias da compra do campo; cf. Jr 32,6-15; 18,2-3; 19,12.
- [206] Cf. Mt 26,14-16; 27,3-6.

- [207] Sl 69(68),22; cf. Mt 27,34; Jo 19,28.
- [208] No Sl 68(67), ocorre Sinai. Irineu prefere Sião e, em seguida, monte das Oliveiras. A palavra “Sião” ocorre frequentemente em *Adversus Haereses*.
- [209] Sl 68(67),18-19 (LXX).
- [210] Cf. At 1,4-11
- [211] Sl 24(23),7.
- [212] Cf. *AH*, V, 24, 1; II, 30, 3; *Epid.* 85.
- [213] Sl 24(23),8.10.
- [214] Cf. 1Cor 15,24-28, que cita o Sl 110(109),1; 1Cor 2,6; Ef 1,21; Cl 1,16; 2,15; 1Pd 3,22; *AH*, III, 8.
- [215] Sl 110(109),1; *Epid.* 48-49.
- [216] Sl 19(18),7; *AH*, IV, 33, 13.
- [217] Is 52,7 (LXX), provavelmente citado por Irineu a partir de Rm 10,15; cf. *AH*, III, 13, 1.
- [218] Is 2,3; cf. *AH*, IV, 34.
- [219] Sl 19(18),5; cf. *Epid.* 21.
- [220] Irineu se apropria da concepção paulina sobre a multiplicidade dos preceitos da lei.
- [221] A concisão (brevidade) da fé e do amor significa a síntese e o cume da novidade trazida por Cristo, em contraste com a multiplicidade dos preceitos da Lei.
- [222] Is 10,23 (LXX); cf. Rm 9,28.
- [223] Rm 13,10.
- [224] Mc 12,28.
- [225] Mc 12,30; cf. Dt 6,5; Js 22,5.
- [226] Mc 12,31.
- [227] Mt 22,40.
- [228] A “palavra breve” significa para Irineu a fé e o amor, que faz crescer no amor a Deus e ao próximo, que faz com que o homem se liberte de prescrições externas; cf. *AH*, IV, 12, 2.
- [229] Is 50,8-10; 2,17. Trata-se de um trecho composto por Irineu, não citado pelos LXX; provavelmente o mesmo ocorre em *AH*, IV, 33, 13.
- [230] Is 65,15-16; “nome diferente” indica uma nova identidade, inserida no Novo Povo de Deus: cf. Ap 2,17; Is 62,2; Jr 17,5; 32,29.
- [231] Is 63,9; cf. *Epid.* 89 e 94; *AH*, III, 20, 4.
- [232] Cf. Mt 5,17; Cristo que leva a cumprimento a lei é uma ideia fundamental no sistema teológico de Irineu: *AH*, III, 12, 8; IV, 2, 6; IV, 13, 1.
- [233] “Palavra” significa a palavra pregada pelo Senhor e pelos Apóstolos; cf. Is 2,3; *AH*, IV, 34, 4; *Epid.* 86.
- [234] Is 43,18-21; cf. *AH*, IV, 33, 14.
- [235] Cf. Lc 1,75-76.
- [236] Cf. Mc 4,26.
- [237] Cf. Jr 2,26-29; At 2,17-18; Is 44,3; Jo 7,38; Ap 22,1.
- [238] Rm 7,6; cf. *AH*, IV, 9, 1.

- [239] Jr 31,31-34; cf. Hb 8,8-12; 10,16; At 10,43.
- [240] Cf. *Epid.* 8; *AH*, III, 7; III, 17, 2; IV, 34, 3; V, 9, 4; 33, 1.
- [241] Is 17,7.
- [242] A expressão “Santo de Israel” aplicada a Cristo é tomada de Isaías: 1,4; 5,24; 12,6; 30,11; 37,23; 41,14; 43,3.14; através do Filho de Deus, é restaurada a fê de Abraão; cf. *Epid.* 95.
- [243] Is 65,1; cf. Rm 10,20; *AH*, III, 6, 1; 9, 1.
- [244] A citação de Oseias foi feita por Irineu através de Rm 9,25-26.
- [245] Mt 3,9; cf. *AH*, III, 9, 1; IV, 7, 2; 8, 1; 25, 1; 39, 3; V, 32, 2; 34, 1.
- [246] Rm 3,28; 4,3; Gl 3,6; Tg 2,23.
- [247] Citação composta de Ez 11,19-20 com 36,26-27; cf. *AH*, IV, 33, 14, que alude a Ez 36,26.
- [248] Jo 1,14.
- [249] Cf. Is 63,9; 1Rs 19,5-7.
- [250] Is 54,1; cf. Os 3,3-4; Br 4,16; Jr 26,9; Gl 4,27.
- [251] Cf. Dt 28,44.
- [252] Dt 32,21; cf. Rm 10,19.
- [253] Cf. *AH*, V, 32, 2; 34, 1.
- [254] Cf. *AH*, V, 20, 2.
- [255] Cf. *AH*, IV, 25, 1.
- [256] Cf. Rm 13,10.
- [257] Cf. Gl 3,24; *AH*, IV, 2, 7; 1Cor 4,15.
- [258] Cf. 1Cor 14,20; *Epid.* 12.
- [259] Ex 20,14.
- [260] Cf. Mt 5,21-22.
- [261] Ex 20,17.
- [262] Cf. Mt 6,19-20; Lc 12,33.
- [263] Cf. Ex 21,24; Lv 24,20; Dt 19,21; Mt 5,38.
- [264] Cf. Ex 21,24; Mt 19,29.
- [265] Cf. 1Cor 3,16-17.
- [266] Os 6,6; cf. Mt 9,13; 12,7.
- [267] Is 66,3.
- [268] Jl 3,5; cf. At 2,21; Rm 10,13.
- [269] At 4,12; cf. *AH*, III, 12, 4.
- [270] Cf. At 4,10; *AH*, II, 32, 4.
- [271] Cf. At 4,10; *AH*, II, 32, 4.
- [272] Cf. At 2,25; Rm 10,13; Jl 3,5.
- [273] Lc 18,27; cf. Mc 14,36; *AH*, IV, 20, 5.

[274] Esse trecho não é de Jeremias, mas de Baruc (3,29-4,1; LXX). Também em *AH*, IV, 35, 1 Irineu atribui o trecho Br 4,36-5,9 a Jeremias; Irineu, no trecho transcrito, lê uma profecia da Encarnação do Verbo; cf. *Epid.* 43.

[275] Cf. Gn 1,26; *Epid.* 11; 22 e 25; *AH*, IV, 13, 1; IV, 20, 4; V, 1, 1; V, 2, 1; V, 6, 1.

[276] Cf. *AH*, V, Praef.; I, 8, 1; II, 2, 6; II, 30, 9; II, 35, 4; IV, 34, 1.

[277] Cf. *AH* V, Praef.; III, 24, 2.

[278] Referência à obra *Adversus Haereses*.

[279] Is 1,30.

[280] Referência ao sacramento do batismo.

[281] Até aqui o texto de Santo Irineu.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

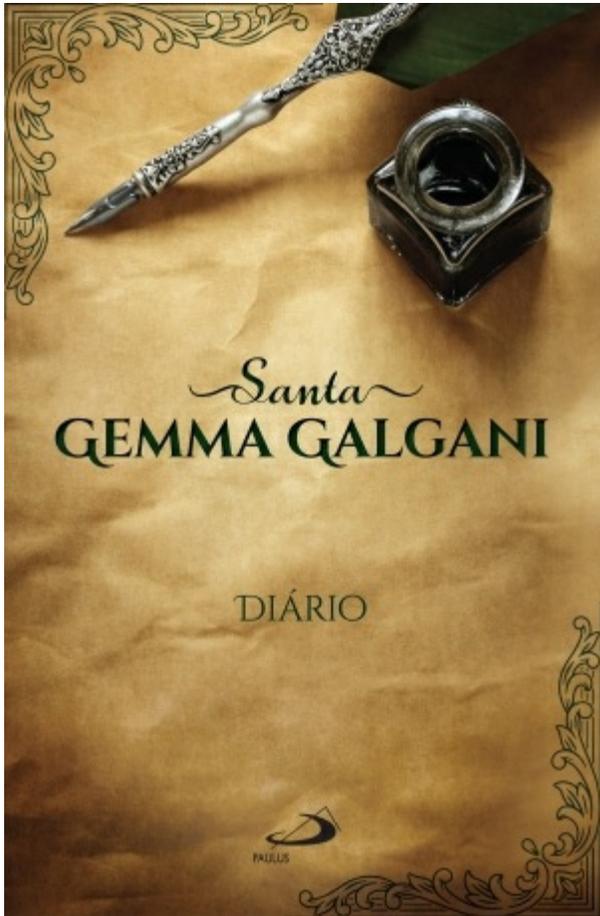
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

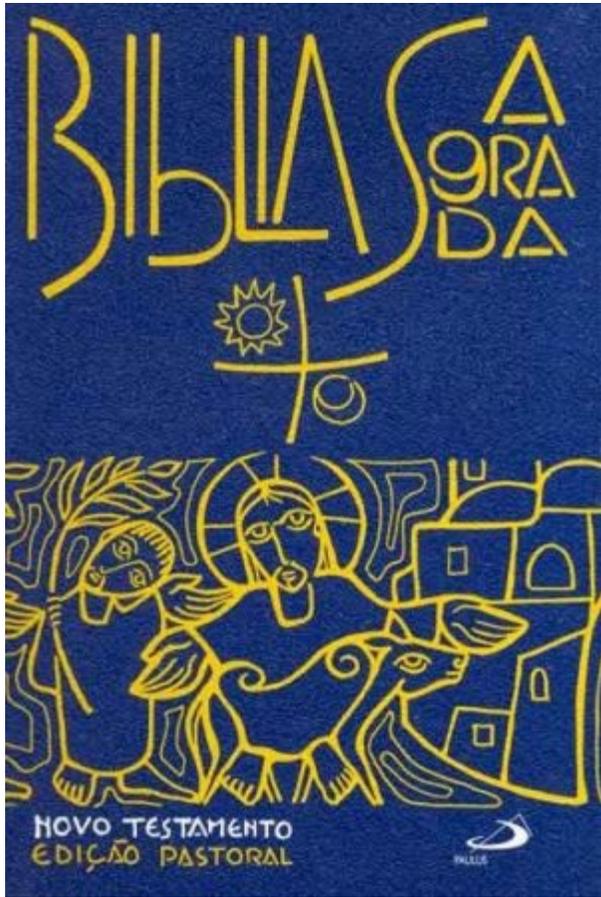
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Rosto	2
Patrística	7
Apresentação	8
Introdução	11
I. Irineu de Lyon: Teologia, tradição e profetismo	12
1 – Vida	13
2 – Obras	14
3 – Teologia	14
4 – Tradição e eclesiologia	30
5 – O Profetismo	32
II. A Demonstração da pregação apostólica	35
1. O texto	35
2. Autoria e datação	35
3. O gênero literário e a estrutura	35
4. O conteúdo	36
Demonstração da Pregação Apostólica	43
O Caminho da vida	43
Fé e obras	43
A regra da fé e as consequências para o crente	44
I – A Catequese dos Apóstolos (cc. 4-41)	45
Deus na origem do mundo	45
A ação do Verbo e do Espírito Santo no cosmo	45
Os três artigos da fé	45
A terra envolvida por sete céus	46
O papel dos seres do cosmo	47
A criação do homem	47
O Paraíso de luz	47
Eva, a imagem perfeita de Adão	48
O casal ideal	48
A primeira Lei	48
Satanás envolvido na queda do homem	48
Primeira experiência da ausência de Deus. Caim e Abel	49

A mudança total dos valores humanos. Os gigantes e a arte da sedução	49
O dilúvio	50
As bênçãos e maldições na família de Noé	50
A Aliança universal	51
Babel: a resistência ao plano de Deus	51
Aliança com Abraão	52
A migração no Egito e a Páscoa	52
O Decálogo entregue a Moisés	53
A exploração da Terra Prometida e a peregrinação no deserto	53
O Deuteronômio	54
A distribuição da terra	54
O envio dos profetas	55
A desobediência e a Encarnação	55
Adão e Cristo	55
Eva e Maria	55
Obediência reparadora do Verbo	56
O cumprimento da promessa de Abraão	56
Cristo, nascido da Virgem da descendência de Davi	57
A destruição da morte e o dom da vida	57
Nascimento, morte e ressurreição de Cristo	57
Cristo, Primogênito de toda a criação	58
De Moisés aos apóstolos	58
II – A Demonstração Profética (cc. 42-97)	60
A obra do Espírito Santo	60
A identidade entre o Verbo e o Filho de Deus	60
Colóquio do Filho com Abraão	60
Aparição a Jacó	61
O Filho de Deus conversa com Moisés	61
Trindade e criação	62
O primado e a realeza de Cristo	62
A preexistência de Cristo	63
O sinal profético de Acáz	64
O Emanuel	64
O conselheiro admirável	65
A soberania sem limites	65

A estirpe de Israel	65
A estrela de Jacó	66
Justo Juiz	67
Pacificação universal	67
A tenda de Davi, símbolo do Corpo de Cristo	68
A profecia de Belém	68
O Reino eterno	68
A entrada em Jerusalém	68
Os milagres de Jesus	69
A Paixão de Cristo	69
O indescritível início	70
A vida à sombra de seu corpo	71
A morte do justo	71
Morte e ressurreição	71
Anúncio da Paixão	72
A captura de Jesus	72
O testemunho dos apóstolos	74
O primado do amor	74
Salvação no nome de Cristo	75
O Espírito sobre a face da terra	75
A vida nova no Espírito	75
O lugar dos pagãos na Igreja	76
A Igreja e a sinagoga	77
A incorporação dos gentios	77
A superação da Lei	77
A invocação do nome de Jesus	78
Conclusão	79
Os desvios dos hereges	79
Sobre a coleção	80
Coleção	80
Ficha catalográfica	82
Notas de rodapé	83

